Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Coelho, Liliana Isabel de Jesus Ferreira, 1980-

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras do Rio Tejo : do passado à contemporaneidade

http://hdl.handle.net/11067/8711

Metadados

Data de Publicação 2025

Resumo Do neolítico à contemporaneidade, são inúmeros os exemplos que encontramos de arquitetura palafítica pelo mundo - uma tipologia arquitetónica que surgiu como resposta às necessidades práticas do lugar e do habitante. Este trabalho pretende investigar e refletir sobre a identidade arquitetónica das aldeias palafíticas avieiras das margens do rio Tejo. Trata-se de uma arquitetura singular que teve origem nas necessidades decorrentes do movimento migratório dos pescadores da Vieira de Leiria para ...

From the Neolithic period to the present day, there are countless examples of stilt house architecture around the world – an architectural typology that emerged as a response to the practical needs of the place and its habitants. This work aims to investigate and reflect on the architectural identity of the riverside stilt villages along the banks of the Tagus River. This unique architecture originated from the needs arising from the migratory movement of fishermen from Vieira de Leiria to the ...

Palavras Chave Arquitetura vernácula - Portugal - Vieira de Leiria, Palafitas - Portugal - Vieira de Leiria, Vieira de Leiria (Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.

Tipo masterThesis

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-11-23T12:26:47Z com informação proveniente do Repositório

UNIVERSIDADE LUSÍADA

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado Integrado em Arquitetura

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras do Rio Tejo - do passado à contemporaneidade

Realizado por:
Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho

Orientado por:
Professor Doutor Arquiteto Rui Manuel Reis Alves

Constituição do Júri:

Presidente:	Professora Doutora Arquiteta Helena Cristina Caeiro Botelho
Orientador:	Professor Doutor Arquiteto Rui Manuel Reis Alves
Arguente:	Professora Doutora Arquiteta Cristina Maria dos Santos Nunes Pires Caramelo Gomes

Dissertação aprovada em: 27 de abril de 2026

Lisboa

2025

UNIVERSIDADE LUSÍADA

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado Integrado em Arquitetura

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras do Rio Tejo - do passado à contemporaneidade

Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho

Lisboa

Novembro 2025

UNIVERSIDADE LUSÍADA

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado Integrado em Arquitetura

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras do Rio Tejo - do passado à contemporaneidade

Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho

Lisboa

Novembro 2025

Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras do Rio Tejo - do passado à contemporaneidade

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Professor Doutor Arqt. Rui Manuel Reis Alves

Lisboa

Novembro 2025

FICHA TÉCNICA

Autora Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho

Orientador Professor Doutor Arqt. Rui Manuel Reis Alves

Título A identidade arquitetónica das aldeias avieiras do Rio Tejo - do passado à contemporaneidade

Local Lisboa

Ano 2025

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

COELHO, Liliana Isabel de Jesus Ferreira, 1980-

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras do Rio Tejo : do passado à contemporaneidade / Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho ; orientado por Rui Manuel Reis Alves. - Lisboa : [s.n.], 2025. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada.

I - ALVES, Rui Manuel Reis, 1964-

LCSH
1. Arquitetura vernácula - Portugal - Vieira de Leiria
2. Palafitas - Portugal - Vieira de Leiria
3. Vieira de Leiria (Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.
4. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Vernacular architecture - Portugal - Vieira de Leiria
2. Lake-dwellers and lake-dwellings - Portugal - Vieira de Leiria
3. Vieira de Leiria (Portugal) - Buildings, structures, etc.
4. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Dissertations
5. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC
1. NA1331.V54 C64 2025

AVISO LEGAL

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Dedicado à minha Mãe, a quem devo tudo, e a vida também.

AGRADECIMENTOS

Quero começar por agradecer à minha Mãe, por tudo o que fez, faz, e sei que enquanto puder, fará, por mim. Obrigada por seres um exemplo de força e superação, de luta e de garra. És e serás sempre, sem qualquer dúvida, o meu exemplo. Obrigada, Mãe, por tudo, e pela vida também.

Ao meu Tiago, pelo apoio incondicional e por acreditar em mim quando eu não acreditei. Aos meus filhos, Santiago e Victória, por serem o motivo maior, para voltar a estudar, 15 anos depois.

Á minha família, à minha avó, a minha carochinha, à minha irmã e cunhado, pela disponibilidade para me ajudarem no contacto com os borda d'água, à minha tia, que em 1999 se chegou à frente e disse: "queres ir estudar, nós ajudamos-te", ao meu pai, ao meu irmão e à sua mãe, a todos, obrigada.

Aos que, infelizmente, já não estão aqui para me abraçarem neste momento tão importante para mim, a minha avó Silvina, o meu avô Coelho, e ao que tanto lutou para que eu terminasse este curso, o meu Avô Ferreira, avôzinho. Onde quer que estejas, espero que estejas orgulhoso de mim, *vô.*

À minha amiga e futura colega, Arquiteta Dina Gomes, pelo "empurrãozinho" em junho de 2024, pelo apoio durante este processo, e por toda a disponibilidade e ajuda.

Ao meu orientador, Professor Rui Alves, pela competência com que me orientou, pelo cuidado e assertividade com que criticou, pela paciência e disponibilidade que tão generosamente me prestou ao longo destes meses, obrigada, foi incansável.

A todos os que de alguma forma me ajudaram neste trabalho de investigação, ao Dr João Serrano, ao Arquiteto João Palla dos ASF-P, à Srª Susana da Casa do Conhecimento da Universidade Lusíada, aos funcionários de Bibliotecas e Arquivos, aos habitantes das aldeias avieiras e seus familiares, obrigada.

“A casa Avieira, propriamente dita, é de construção muito simples mas possui todo um conjunto de características que a individualiza e lhe dá um cunho muito particular.”

SALVADO, Maria A. N. (1985) – Os Avieiros nos finais da década de cinquenta

APRESENTAÇÃO

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras nas margens do Rio Tejo- do passado à contemporaneidade

Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho

Do neolítico à contemporaneidade, são inúmeros os exemplos que encontramos de arquitetura palafítica pelo mundo - uma tipologia arquitetónica que surgiu como resposta às necessidades práticas do lugar e do habitante.

Este trabalho pretende investigar e refletir sobre a identidade arquitetónica das aldeias palafíticas avieiras das margens do rio Tejo. Trata-se de uma arquitetura singular que teve origem nas necessidades decorrentes do movimento migratório dos pescadores da Vieira de Leiria para a Lezíria ribatejana, em busca de melhores condições de vida. Construídas pelos próprios, sobre palafitas, dentro do rio ou fora dele, as casas avieiras, de estrutura muito simples, em madeira, revestidas a tabuado pelo seu exterior, e pintadas de cores garridas, em contraste com as dificuldades do seu dia-a-dia, representavam o sonho de uma vida.

Serão objeto de estudo os cinco assentamentos ainda existentes nas margens do rio Tejo, exemplares de uma tipologia arquitetónica regional única, marcada por questões socioeconómicas, geográficas e culturais, que deram origem às casas avieiras da borda d'água.

Palavras-chave: Arquitetura Palafítica, Arquitetura Vernacular, Arquitetura - Vale do Tejo, Casa Avieira, Casa Mínima.

ABSTRAT

The architectural identity of the poultry villages on the sides of the Tejo River -
from the past to contemporary

Liliana Isabel de Jesus Ferreira Coelho

From the Neolithic period to the present day, there are countless examples of stilt house architecture around the world – an architectural typology that emerged as a response to the practical needs of the place and its habitants.

This work aims to investigate and reflect on the architectural identity of the riverside stilt villages along the banks of the Tagus River. This unique architecture originated from the needs arising from the migratory movement of fishermen from Vieira de Leiria to the Ribatejo floodplain, in search of better living conditions. Built by the fishermen themselves, on stilts, either in or out of the river, these simple wooden houses, with their exterior cladding of planks and brightly painted colors, in contrast to the hardships of their daily lives, represented the dream of a better life.

The study will focus on the five remaining settlements on the banks of the Tagus River, examples of a unique regional architectural typology, marked by socioeconomic, geographical and cultural factors, which gave start to the riverside houses of the riverbank.

Keywords: Stilt House Architecture, Vernacular Architecture, Architecture - Tagus Valley, Avieira House, Minimal House.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Fotografia da aldeia avieira do Touco, Alpiarça, já desaparecida. (disponível em https://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/cultura-avieira, 2014) 42

Ilustração 2 – Ilustração de Aldeia Lacustre encontrada no Lago Zurique, Suíça. (The Story of Man: A History of the Human Race, James William Buel, 1889, disponível em https://books.google.pt)..... 43

Ilustração 3 – Imagem de assentamento de 3800-3650 a.C. no Lago Moossee, no cantão de Berna, na Suiça, Basel Javier Alberich. (disponível em: https://www.swissinfo.ch, 2025). 44

Ilustração 4 – Villa La Roche et Jeanneret, arredores de Paris, França. (disponível em https://lecorbusier-worldheritage.org, 1923) 45

Ilustração 5 – Os cinco pontos de Le Corbusier, adaptação nossa (disponível em: https://www.firstinarchitecture.co.uk, 2025) 46

Ilustração 6 – Villa Savoye Poissy, France, Jean-Christophe Ballot. (disponível em *https://www.fondationlecorbusier.fr,* 1928-1931) 47

Ilustração 7 – Mapa Mundo com a localização de assentamentos palafíticos, adaptação nossa. (disponível em *https://www.todamateria.com.br/mapa-mundi/#google_vignette*, 2025) 48

Ilustração 8 – Mapa interativo, *Prehistoric pile dwellings around Alpes*, Europe. (disponível em *www.palafittes.org*, 2025)..... 49

Ilustração 9 – Instituto de pesquisa e Museu ao ar livre de *Uhldingen-Mühlhofen*, na Alemanha. (disponível em https://www.pfahlbauten.de, 2024). 50

Ilustração 10 – Aldeia palafítica, Ganvié, Benin, África. (disponível em wikipedia.org, 2024). 50

Ilustração 11 – Aldeia palafitica, Chiloé, Castro, no Chile. (disponível em wikipedia.org, 2024). 51

Ilustração 12 – Aldeia palafitica de Yawnghwe, no Lago Inle, na Malásia. (disponível em wikipedia.org, 2024)..... 51

Ilustração 13 – Aldeia Kampong Ayer, Brunei. (disponível em *awaywiththesteiners.com*, 2024). 52

Ilustração 14 – Sistema de palafitas e plataforma à esquerda da ilustração, e sistema de palafitas como estrutura, à direita da ilustração. (ilustração nossa, 2025)..... 52

Ilustração 15 – Zonas, Portugal, in Arquitectura Popular em Portugal, 1988. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). 54

Ilustração 16 – Palheiros da Tocha, Portugal, in Arquitectura Popular em Portugal, 1988. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular)*..... 55

Ilustração 17 – Zona 4, Portugal, in Arquitectura Popular em Portugal, 1988. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988). (1ª ed.: 1961). 56

Ilustração 18 – O barco como primeira habitação, em cartaz ASF-P. (Adaptado a partir de: Cartaz para apresentação no 2º Congresso da cultura Avieira, Santarém, ASF-P, 2011) 56

Ilustração 19 – Primeiras construções em caniço até ao solo e cobertura de colmo em cartaz ASF-P. (Adaptado a partir de: Cartaz para apresentação no 2º Congresso da cultura Avieira, Santarém, ASF-P, 2011) 57

Ilustração 20 – Zona 4, Portugal. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1988*).* 57

Ilustração 21 – Le Cabanon, Roquebrune-Cap-Martin – in capmoderne.com**Ilustração 19** – Zona 4, Portugal, in Arquitectura Popular em Portugal, 1988. ([Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal])*..... 57

Ilustração 22 – Le Corbusier, na janela do seu *Cabanon*, em Roquebrune-Cap-Martin, França. (disponível em capmoderne.com, 1951). 58

Ilustração 23 – Ilustração do projeto do *Le Cabanon*, Roquebrune-Cap-Martin. (disponível em capmoderne.com, 1950). 59

Ilustração 24 e 25– Vista sobre as unidades de campismo de Le Corbusier, Roquebrune-Cap-Martin, França. (disponível em capmoderne.com) 60

Ilustração 26 – Vista sobre uma *khudi bari*, no Bangladesh. (disponível em https://marinatabassumarchitects.com/khudi-bari/, 2020) 61

Ilustração 27 – *Khudi Bari* em Sunamganj durante as cheias de 2022. (disponível em https://facebangladesh.org/, 2022)..... 61

Ilustração 28 – Famílias Avieiras. Bairro do Esteiro do Nogueira, Vila Franca de Xira. Maria Adelaide Neto Salvado. (disponível em exposição e livro Tejo acima, 1950). ... 62

Ilustração 29 – Pilares da cultura avieira. (ilustração nossa, 2025)..... 63

Ilustração 30 – Barco avieiro, Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", 1985, p. 60)..... 64

Ilustração 31 – Família em Barco-casa (bateira), rio Tejo, Benavente, s.d., Autor desconhecido, Museu de Benavente, Câmara Municipal de Benavente. (disponível em exposição e livro Tejo acima)..... 64

Ilustração 32 - Rede de pesca "nassa", Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", 1985). 65

Ilustração 33 - Família Avieira, na faina da pesca, no rio Tejo - Vila Franca de Xira, José Palha. . (disponível em exposição e livro Tejo acima, 1952). 65

Ilustração 34 - Mulheres Avieiras; Aldeia piscatória Avieira das Caneiras, Santarém; Maria Adelaide Neto Salvado; Proprietário: Maria Adelaide Neto Salvado. (disponível em exposição e livro Tejo acima, anos 50) 66

Ilustração 35 - Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo. (disponível em cartaz do cruzeiro religioso e cultural do Tejo, 2025)..... 67

Ilustração 36 - Barco casa. (disponível em Construções Primitivas em Portugal, imagem 312) 67

Ilustração 37 - Casa de caniço. (disponível em Os últimos avieiros da Chamusca).. 67

Ilustração 38 - Casa de madeira (disponível em Os últimos avieiros da Chamusca) 67

Ilustração 39 - Barco casa. (disponível em Construções Primitivas em Portugal, imagem 308) 68

Ilustração 40 - Aldeia piscatória das Caneiras, Santarém, Andrée Gaubert. (disponível em exposição e livro Tejo acima, s.d.). 69

Ilustração 41 – Imagem do núcleo 2 do assentamento palafítico do Patacão de Cima, Alpiarça. (disponível na dissertação de MIA de Amália de Oliveira, 2018). 69

Ilustração 42 - Mapa da Península Ibérica. (Travessia do Rio Tejo*, in Guia do Rio Tejo – desde a nascente até à foz,* 2020) 70

Ilustração 43 - Mapa do troço 6 da Travessia do Rio Tejo em Portugal. (*Guia do Rio Tejo – desde a nascente até à foz*, 2020) 71

Ilustração 44 - Placa no largo da aldeia da Palhota, fotografia nossa, 2024 72

Ilustração 45 - Casa-Museu onde viveu Alves Redol, fotografia nossa, 2024 72

Ilustração 46 - Famílias Avieiras nos Barcos-Casa, ou Bateiras, Vila Franca de Xira, Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", anos 50) 73

Ilustração 47 - Bateiras em seco, na margem do Tejo, Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", 1985) 74

Ilustração 48 – Um aspeto da Cova de Lavos, Figueira da Foz, Portugal, Rocha Peixoto (*Etnografia portuguesa*, imagem 1) 75

Ilustração 49 - Evolução das construções avieiras ao longo das décadas, ilustração nossa, 2025 76

Ilustração 50 - Evolução da casa avieira, ASF-P. (disponível no cartaz de apresentação no 2º congresso da cultura avieira, 2010) 76

Ilustração 51 - Pormenor construtivo, Inês Alhandra Calor – ASF-P. (Técnicas construtivas avieiras, 2011). 77

Ilustração 52 - Casa típica avieira das margens do Tejo - Alçado lateral, frontal e planta, respetivamente. (adaptado a partir de *Arquitetura Popular em Portugal,* pág. 383). ... 78

Ilustração 53 – Imagem do núcleo 2 do Patacão de Cima, Alpiarça. (disponível em *blog lugar do tempo*, 2011). 79

Ilustração 54 - Mapa de Portugal, ilustrativo da movimentação dos avieiros e consequentes assentamentos, ilustração nossa, 2025 81

Ilustração 55 - Tabela efetuada pelos ASF-P, em 2008 - Identificámos a verde os assentamentos que ainda hoje existem, e que serão casos de estudo neste trabalho de investigação. (disponível no documento apresentado no 2º congresso da cultura avieira, 2010) 83

Ilustração 56 - Esquema da tipologia de construção palafítica dos casos de estudo, ilustração nossa, 2025 84

Ilustração 57 e 58 – Assentamento de Barreiras da Bica. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010). 85

Ilustração 59, 60 e 61 - Assentamento da Tourrinha. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010). 85

Ilustração 58 e 59 - Boca da Vala, Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010**Ilustração 55, 56 e 57** - Tourrinha, Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010 85

Ilustração 62 e 63 - Assentamento da Boca da Vala. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010). 86

Ilustração 64, 65 e 66 - Assentamentos de Faias e Cucos em 2007. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010). 86

Ilustração 67 e 68 - Mapas com localização do assentamento do Patacão de Cima, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024). 89

Ilustração 69 - Núcleo 1 e 2. (Ortofotomapa disponível em websig.cm-alpiarça.pt, e com fotografias nossas, 2024)..... 90

Ilustração 70 - Mapa cadastral rústico de 1966, com identificação do núcleo 1 a cor laranja, adaptação nossa da página, escala gráfica (disponível em websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 91

Ilustração 71 – Fotografia em agosto do núcleo 1 visto da estrada de terra batida que dá acesso à praia fluvial do Patacão. (fotografia nossa, 2025). 91

Ilustração 72 – Ortofotomapa do Núcleo 1, 1998. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 92

Ilustração 73 - Ortofotomapa do Núcleo 1, 2003. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 92

Ilustração 74 - Ortofotomapa do Núcleo 1, 2006. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 92

Ilustração 75 - Ortofotomapa do Núcleo 1, 2023. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 93

Ilustração 76 - Ortofotomapa com identificação de estrada, dique e núcleo 2 do Patacão de Cima, adaptação nossa, escala gráfica. . (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 93

Ilustração 77 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 1998. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 94

Ilustração 78 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 2003. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 94

Ilustração 79 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 2006. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 94

Ilustração 80 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 2023. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)..... 95

Ilustração 81 - Fotografia do núcleo 1, em época de cheias, adaptação nossa (Dissertação de MIA de Lara Borges, P. 106, 2013)..... 95

Ilustração 82 - Fotografia do núcleo 2, em época de cheias, adaptação nossa (Dissertação de MIA de Lara Borges, P. 106, 2013)..... 95

Ilustração 83 - Núcleo 2 visto do rio em tempo de cheia. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010) 96

Ilustração 84 - Núcleo 2 visto do rio em tempo de seca. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010) 96

Ilustração 85 - Alçado e corte do núcleo 2, segundo levantamento em 2012, escala gráfica, ilustração nossa, 2025 96

Ilustração 86 - Alçado e corte do núcleo 2, segundo levantamento em 2025, escala gráfica, ilustração nossa, 2025 96

Ilustração 87 e 88 – Fotografias de casas avieiras no Núcleo 2 do Patacão de Cima, depois da limpeza efetuada por voluntários em 2012. (disponível em lifecooler, 2012). 97

Ilustração 89 – Fotografia do Núcleo 2, ilustração nossa, 2024. 97

Ilustração 90 e 91 – Fotografias ilustrativas do método construtivo da estrutura das casas avieiras no núcleo 2 do Patacão de Cima (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010, 2010). 98

Ilustração 92 – Fotografia esquematizada de *casa tipo* do Núcleo 2 do Patacão de Cima, adaptação nossa, 2025 99

Ilustração 93 – Fotografia do interior de casa palafita do Núcleo 2, do Patacão de Cima, adaptação nossa, 2025..... 99

Ilustração 94 – Fotografia do alçado principal da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima. (disponível em blog lugar do tempo) 100

Ilustração 95 – Fotografia do alçado posterior da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima. (disponível em blog lugar do tempo) 100

Ilustração 96 – Plantas do levantamento de casa tipo na aldeia do Patacão, escala gráfica (ilustração nossa, 2025) 101

Ilustração 97 – Alçado do levantamento de casa tipo na aldeia do Patacão, escala gráfica (ilustração nossa, 2025) 101

Ilustração 98 – Corte transversal do levantamento de casa tipo na aldeia do Patacão, escala gráfica (ilustração nossa, 2025)..... 101

Ilustração 99 – Pormenor construtivo da estrutura de suporte da casa tipo no Patacão, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025)..... 102

Ilustração 100 – Pormenor da casa avieira. (Mascarenhas, P. 168) 102

Ilustração 101 – Pormenores construtivos da casa avieira. (Mascarenhas, P. 167). 102

Ilustração 102 – Fotografia do alçado principal da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima, onde é visível o alpendre. (disponível em lifecooler). 103

Ilustração 103 – Fotografia do alçado principal da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima, onde é visível o alpendre. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010) 103

Ilustração 104 – Vista da estrada sobre o núcleo 1. (ilustração nossa, 2025)..... 103

Ilustração 105 – Vista da estrada sobre o núcleo 2. (ilustração nossa, 2025)..... 103

Ilustração 106 e 107 – Mapas com localização do assentamento das Caneiras, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024). 104

Ilustração 108 – Vista das Caneiras a partir do Tejo. (disponível na Biblioteca Municipal de Santarém, s.d.) 105

Ilustração 109 – Caneiras, Lurdes Véstia. (disponível em *https://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/as-vivencias-avieiras-assentamentos-3073697,* 2014). 106

Ilustração 110 – A aldeia de Caneiras (disponível em *Exposição Tejo acima*, s.d.). 106

Ilustração 111 – Aldeia das Caneiras. (disponível em https://www.facebook.com/avieirostejo, acedida em 2025). 107

Ilustração 112 – Pescador a coser as redes nas Caneiras, Santarém. (disponível em https://www.facebook.com/avieirostejo, acedida em 2025). 1073

Ilustração 113 – Imagem de casa avieira reabilitada (ilustração nossa, 2025)..... 1093

Ilustração 114 – Imagem de casa avieira reabilitada (ilustração nossa, 2025)..... 1093

Ilustração 115 – Imagem de casa avieira reabilitada (ilustração nossa, 2025)..... 1093

Ilustração 116 – *Esquema da casa das Caneiras,* Salvado. (Os Avieiros nos finais da década de 50, p. 52, 1985). 109

Ilustração 117 – *Fotografia do alçado principal da casa objeto de estudo. (ilustração nossa, 2024).* 109

Ilustração 118 – Fotografia do pormenor da viga de forma circular, escala gráfica (ilustrações nossas, 2024). 109

Ilustração 119 – Pormenor da viga de forma circular, escala gráfica (ilustração nossa, 2024). 109

Ilustração 120 e 121 – Fotografia dos alçados laterrais da casa objeto de estudo (ilustrações nossas, 2024). 109

Ilustração 122 – Fotografia da parte inferior da casa objeto de estudo (ilustração nossa, 2025). 109

Ilustração 123 – Fotografia da parte inferior da casa objeto de estudo (ilustração nossa, 2025) 109

Ilustração 124 – Levantamento da casa tipo na aldeia das Caneiras, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025). 111

Ilustração 125 e 126 – Mapas com localização do assentamento da Palhota, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024). 112

Ilustração 127 – Extrato da carta militar antiga, com a identificação do assentamento da Palhota. (disponível in https://websig.cm-salvaterrademagos.pt/websig, acedida em 2024). 113

Ilustração 128 – *Aspeto da aldeia da Palhota*, Maria Adelaide Neto Salvado. (Os Avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985). 114

Ilustração 129 – Aspeto da aldeia da Palhota: casas sobre estacas, com varandas e escadas exteriores, Maria Salvado. (Os Avieiros nos finais da década de cinquenta. Pág. 37, 1985). 114

Ilustração 130 – Largo da Palhota, com casa museu e centro de trabalho da Associação Palhota Viva. (ilustração nossa, 2025) 115

Ilustração 131 – Cais da Palhota visto de terra. (ilustração nossa, 2025). 115

Ilustração 132 – Cais da Palhota visto do rio. (ilustração nossa, 2025) 116

Ilustração 133 – Planta esquemática adaptada, da aldeia da Palhota, identificando as ruas onde ainda existem casas palafitas. (adaptação nossa, 2025) 117

Ilustração 134 – Rua A, Palhota. (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012). 117

Ilustração 135 – Rua A, Palhota. (ilustração nossa, 2025) 117

Ilustração 136 – Rua B, Palhota. (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012). 117

Ilustração 137 – Rua B, Palhota. (ilustração nossa, 2025) 117

Ilustração 138 – Aldeia da Palhota, fotografia antiga (adaptado a partir de *Arquitetura Popular em Portugal).* 118

Ilustração 139 – Levantamento da casa tipo na aldeia da Palhota, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025). 119

Ilustração 140 e 141 – Mapas com localização do assentamento do Escaroupim, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024). 120

Ilustração 142 – Mapa com a identificação das estradas de acesso ao assentamento, escala gráfica (ilustração nossa, 2024). 120

Ilustração 143 – Identificação dos núcleos que existiram no Escaroupim, a partir de carta militar antiga (adaptação nossa, disponível em https://websig.cm-salvaterrademagos.pt/websig, 2025). 121

Ilustração 144 – *Escaroupim: aspecto da aldeia do lado de Salvaterra,* Maria Salvado. (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985) 122

Ilustração 145 – Cortes transversais (antes e depois da cota do rio ter mudado), segundo entrevista nossa a um habitante local, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025). 122

Ilustração 146 – *Escaroupim, lado norte: aspecto de um dos lados da rua, à beira da qual se alinhavam as casas da aldeia. Atente-se nas estacas baixinhas e nas pequeninas varandas da segunda e terceira casas, no primeiro plano*, Maria Salvado. (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, Pág. 42, 1985). 123

Ilustração 147 – *É este o aspecto do outro lado da rua da aldeia do Escaroupim, do lado norte*, Maria Salvado. (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985). .. 124

Ilustração 148 – Rua do lado norte. (ilustração nossa, 2025). 124

Ilustração 149 – *Escaroupim – lado norte. Pormenor de uma das três casas que possuem chaminé*, (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985). 124

Ilustração 150 – Casa na Rua do lado norte. (ilustração nossa, 2025). 124

Ilustração 151 – Rua do lado norte, Escaroupim, (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012). 124

Ilustração 152 – Rua do lado norte, Escaroupim. (ilustração nossa, 2025)..... 124

Ilustração 153 – Pequenas replicas das antigas casas palafitas que foram construídas para serem lojas de artesanato e produtos locais, mas não estão em funcionamento. (ilustração nossa, 2024). 125

Ilustração 154 – Exterior da casa museu - entrada pelo lado da aldeia. (ilustração nossa, 2025). 125

Ilustração 155 – Exterior da casa museu - entrada pelo lado do rio. (ilustração nossa, 2025). 125

Ilustração 156 – Interiores da casa museu – zona de entrada. (ilustração nossa, 2025). 126

Ilustração 157 – Interiores da casa museu – zona dos quartos. (ilustração nossa, 2025). 126

Ilustração 158 – Interiores da casa museu – zona da cozinha. (ilustração nossa, 2025). 126

Ilustração 159 – Levantamento da casa-museu após visita à mesma, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025). 127

Ilustração 160 – Fotografia da casa do lado Norte, objeto de estudo. (disponível na página da CMSM, s.d.). 127

Ilustração 161 – Fotografia da casa do lado Norte, objeto de estudo em 2024. (ilustração nossa, 2024). 127

Ilustração 162 – Levantamento da casa tipo na aldeia do Escaroupim do lado Norte, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025). 128

Ilustração 163 e 164 – Mapas com localização do assentamento do Porto da Palha, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024). 129

Ilustração 165 – Casa palafítica na Quinta do Alqueidão. (*Arquitectura Popular em Portugal,* p.383). 130

Ilustração 166 – Rua do assentamento do Porto da Palha em 2012. (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012). 131

Ilustração 167 – Rua do assentamento do Porto da Palha em 2025. (ilustração nossa, 2025). 131

Ilustração 168 – Ortofotomapa do Porto da Palha de 2004. (disponível in http://websig.cm-cartaxo.pt/websig) 131

Ilustração 169 – Ortofotomapa do Porto da Palha de 2023. (disponível in http://websig.cm-cartaxo.pt/websig). 131

Ilustração 170 – Vista da escada de acesso e alpendre da casa objeto de estudo. (ilustração nossa, 2025). 132

Ilustração 171 – Vista da estrutura em madeira, da casa objeto de estudo. (ilustração nossa, 2025). 132

Ilustração 172 – Levantamento da casa tipo na aldeia do Porto da Palha, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025). 133

Ilustração 173 e 174 – Desenhos das *maisons rurales* de Le Corbusier. (disponíveis em https://www.fondationlecorbusier.fr/, 2025) 134

Ilustração 175 – Vista da *Unité d'habitacion de Marseille,* de Le Corbusie. (disponíveis em https://www.fondationlecorbusier.fr/, 2025). 135

Ilustração 176 – Vista dos pilotis no piso térreo da *Unité d'habitacion de Marseille,* de Le Corbusier. (disponíveis em https://www.fondationlecorbusier.fr/, 2025). 135

Ilustração 178 – Planta de piso térreo do projeto da *Casa Farnsworth,* de Mies Van der Rohe. (disponível em https://espacodearquitetura.com/, 2025). 135

Ilustração 177 – Vista sobre a *Casa Farnsworth,* de Mies Van der Rohe. (disponível em https://www.moma.org/, 2025). 135

Ilustração 179 – Vista sobre o edifício *Silodam*, MVRDV. (disponível em: https://www.mvrdv.com/, 2025). 136

Ilustração 180 – Alçado lateral do edifício *Silodam*, MVRDV. (disponível em https://www.mvrdv.com/, 2025). 136

Ilustração 181 – Imagem de Tai O, na China. (disponível em https://pt.wikipedia.org/, s.d.). 137

Ilustração 182 – Imagem de Fenghuang County, na China, (disponível em https://pt.wikipedia.org/, s.d.). 137

Ilustração 183 – Antiga aldeia palafítica da Póvoa de Santa Iria. (disponível em http://www.e-atlasavieiro.org, s.d.). 138

Ilustração 184 – Imagem da requalificada frente ribeirinha da Póvoa de Santa Iria. (disponível em: https://www.vilario.pt, 2025). 138

Ilustração 185 – Proposta para delimitação territorial do parque natural e cultural, intitulado *Rota das Aldeias Avieiras do Tejo*, ASF-P. (disponível no cartaz de apresentação no 2º congresso da cultura avieira, 2010). 140

Ilustração 186 - Imagem de um crannog no Loch Tay na Escócia. (disponível em https://pt.wikipedia.org/, 2025) 141

Ilustração 187 - Imagem de um rorbu em Reine, na Noruega. (disponível em https://pt.wikipedia.org/, 2025). 142

Ilustração 188 – Imagem de duas cabanas thanquée, na Ile aux Oiseaux, em França. (disponível em https://pt.wikipedia.org/, 2025). 142

Ilustração 189 – Imagem da Serra da Lousã, Portugal. (disponível em https://www.aldeiasdoxisto.pt/pt/aldeias/lousa/, 2025). 144

Ilustração 190 – Imagem do Centro Ciência Viva do Lousal. (disponível em https://www.visitalentejo.pt/, 2025). 145

Ilustração 191 – Imagem do Centro Interpretativo do Vale do Tua. (disponível em *https://centrointerpretativodovaledotua.pt/portas-de-entrada/,* 2025). 145

Ilustração 192 – Imagem dos Passadiços do Paiva, Portugal. (disponível em https://www.cm-arouca.pt, 2025)..... 146

Ilustração 193 – Imagem dos Passadiços do Alamal, Portugal. (disponível em https://osmeustrilhos.pt, 2025). 147

Ilustração 194 – Imagem do trilho panorâmico do Tejo, integrado na GR12, Portugal. (disponível em https://mediotejo.net, 2025)..... 147

Ilustração 195 – Esquema de proposta para preservação da cultura avieira. (Ilustração nossa, 2025). 148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Palafitas pelo Mundo

Tabela 2 – Principais diferenças entre a matriz arquitetónica inicial das casas avieiras e a atualidade

Tabela 3 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento do Patacão de Cima

Tabela 4 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento das Caneiras

Tabela 5 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento da Palhota

Tabela 6 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento do Escaroupim

Tabela 7 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento do Porto da Palha

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

A.A.C.	-	Associação dos Amigos das Caneiras
A.A.E.	-	Associação dos Avieiros de Escaroupim
AIDIA	-	Associação Independente Desenvolvimento Integrado de Alpiarça
A.P.C.A.	-	Associação para a Promoção da Cultura Avieira
A.P.V.	-	Associação Palhota Viva
ASF-P	-	Arquitetos Sem Fronteiras – Portugal
CMA	-	Câmara Municipal de Alpiarça
CMAZ	-	Câmara Municipal da Azambuja
CMC	-	Câmara Municipal do Cartaxo
CMS	-	Câmara Municipal de Santarém
CMSM	-	Câmara Municipal de Salvaterra de Magos
ICG	-	International Coordenation Group
ICOMOS	-	International Council on Monuments and Sites
IPS	-	Instituto Politécnico de Santarém
UNESCO	-	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

1. Introdução 37
1.1. Relevância e Objetivos 37
1.2. Metodologia 38
1.3. Estrutura 39
2. Palafitas na História 41
2.1. Pelo Mundo 48
2.2. Em Portugal 54
3. Identidade Avieira 62
3.1. Cultura Avieira e o Rio Tejo 70
3.2. Tipologia Arquitetónica das Casas Avieiras 74
3.3. Casos de Estudo 81
3.3.1 Patacão 89
3.3.2 Caneiras 104
3.3.3 Palhota 112
3.3.3 Escaroupim 120
3.3.5 Porto da Palha 129
4. Construções palafíticas na contemporaneidade 134
4.1. Preservação e reutilização? 137
4.2. Preservação e musealização? 141
4.3. Casos de referência 144
5. Considerações finais 149
Referências 151
Webgrafia 153
Bibliografia 156

1. INTRODUÇÃO

1.1. RELEVÂNCIA E OBJETIVOS

As margens do rio Tejo estão rodeadas de histórias e elementos interessantes que merecem um estudo mais aprofundado, quer a nível cultural e histórico, quer principalmente, arquitetónico. As construções palafíticas das suas margens têm características únicas.

A identidade da arquitetura palafítica nestas aldeias, a tranquilidade da natureza envolvente, a riqueza das suas tradições, e infelizmente, a presente degradação da maioria destes lugares (alguns já extintos), a importância da preservação da memória, do lugar, da paisagem, e do património, fizeram aumentar o meu interesse neste tema. Despertaram a consciência da necessidade de intervir, falar sobre ele, e tentar preservar estes lugares, este rio, esta cultura, este património material e imaterial, que encontramos nas margens do rio Tejo, e que é tão relevante nos dias que correm.

Quando tanto se fala do desaparecimento de espécies, alterações climáticas, construção sustentável e responsável, escassez de habitação e preservação de património, torna-se urgente agir.

Com base na pesquisa efetuada, o nosso trabalho de investigação visa contribuir para que não desapareça, para que fique registo, para preservar este património que se está a perder, não só pela sua importância para a região, mas também para o país.

Esta dissertação tem como objetivo melhorar o conhecimento científico sobre as origens, a evolução e o seu desaparecimento, ou, apenas, esquecimento. Aprofundar, investigar, questionar, estudar e conhecer inequivocamente esta tipologia arquitetónica, a sua identidade e principais características. Olhar para a sua génese, mas também para a sua contemporaneidade. Por se tratar de um tema alheio a uns, esquecido e ignorado por outros, e em grande parte sem atribuição do devido valor, iremos reunir informação credível e dar a conhecer a evolução desta arquitetura, nestes lugares ao longo dos tempos, para que esta tipologia construtiva não se perca nos corredores da história.

Ao procurar informação sobre a arquitetura palafítica das aldeias avieiras, e ao aprofundar a investigação sobre este tema, conseguimos revelar a sua riqueza cultural, importância social e relevância arquitetónica. Partilhar o conhecimento adquirido, dar a conhecer à comunidade a importância da preservação desta cultura arquitetónica, e

envolvê-la. Dar a conhecer uma tipologia construtiva com caraterísticas específicas em que o principal objetivo é suprir as necessidades mínimas do habitante, uma arquitetura com origens humildes, com cariz sustentável, pensada pelo habitante e para o habitante, com peso cultural e identidade próprias.

Criar uma identidade em torno do Rio, dando-o a conhecer, deixando que seja explorado, contribuir para um maior desenvolvimento da região, promovendo e requalificando a imagem desta paisagem, potenciando uma zona onde o rio Tejo é figura principal e aglutinadora do que o rodeia. Compreender qual a melhor maneira de não deixar desaparecer esta arquitetura tão peculiar e singular. Investigar de que modo se poderá preservar.

1.2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na realização desta dissertação passa pela pesquisa, recolha, análise e tratamento de toda a informação disponível.

Numa primeira fase foi feito um levantamento e estudo das aldeias avieiras tendo como base a observação direta. Foram feitas anotações, registos fotográficos e uma observação/análise na vertente geográfica, morfológica, histórica e arquitetónica. As visitas foram feitas de automóvel e de barco, nas diferentes estações do ano, para compreender e registar o comportamento morfológico do rio, mas também da vivência e apropriação dos espaços quer pelos habitantes locais, quer pelos visitantes. Efetuámos também entrevistas no local, a habitantes, descendentes de avieiros, antigos moradores, pessoas da terra que vivem estas aldeias e que melhor do que qualquer investigador, sabem descrever as diferenças entre o passado e o presente. Foi crucial fazer um estudo comparativo entre a informação mais antiga disponível quer em trabalhos académicos, quer em publicações, revistas, ou livros, e o estado atual destas aldeias, principalmente ao nível das habitações. Recorremos também a trabalhos académicos já efetuados, nomeadamente na área da arquitetura vernacular e palafítica. Estudámos, também, publicações, revistas e livros. Para além desta pesquisa, fizemos ainda, uma recolha exaustiva de documentos oficiais devidamente datados, de índole fotográfica, videográfica, cartográfica, depositados nos antigos Serviços Hidráulicos da cidade de Santarém e na própria Câmara Municipal de Santarém, bem como na Biblioteca Municipal, e no Instituto Politécnico de Santarém (que teve a decorrer o “Prémio de Investigação sobre a História e Etnografia dos Avieiros”, do qual não sabemos ainda os resultados). Foi também, feita pesquisa a nível Nacional, quer na Biblioteca Nacional, quer em Universidades que estudam o tema, bem como na Casa

do Conhecimento da Universidade Lusíada de Lisboa. Para uma melhor compreensão do tema e perceber qual a sua importância em relação à nossa atualidade, procedemos à análise de algumas obras literárias no campo da preservação do património identitário da habitação avieira e da sua história. Recorremos também, a alguns casos importantes já estudados e construídos, como o caso do Centro Interpretativo do Vale do Tua, o Centro Ciência Viva do Lousal, os Passadiços do Paiva, aldeamentos de turismo cultural a nível nacional, no sentido de compreender se poderá passar por uma destas soluções, a preservação da arquitetura palafita nas margens do rio Tejo. Falámos também da importância do arquiteto *Le Corbusier*, e de algumas das suas obras, por terem em comum com a tipologia construtiva palafítica avieira, a utilização de *pilotis*, e o paralelismo com a *casa mínima*.

Numa segunda fase, procedemos à análise e seleção da informação recolhida.

Na terceira fase, após a análise e seleção da informação, avançámos para o desenvolvimento e redação da dissertação.

1.3. ESTRUTURA

A presente dissertação de mestrado encontra-se organizada em três partes que pretendem descrever a evolução da arquitetura palafítica do passado aos dias de hoje, com particular ênfase nas aldeias avieiras das margens do rio Tejo.

Numa primeira parte, com o título *Palafitas na História*, pretende-se explorar o passado destas construções e perceber a sua origem. Perceber de que maneira evoluíram até à modernidade. Explicar a origem do termo palafítica, perceber o seu conceito, quais as suas fundamentações e origens.

Na segunda parte desta dissertação, que tem como título, *Identidade Avieira*, pretendemos abordar a cultura avieira nas margens do rio Tejo. Conhecer e aprofundar a vida nestas aldeias, a cultura de quem ali vive, como se alterou ao longo dos anos, refletindo-se também no estado das construções. Estudámos as várias tipologias das habitações e os diferentes sistemas construtivos.

Fizemos o levantamento criterioso das tipologias existentes em cinco casos de estudo de aldeias típicas avieiras, Patacão, Caneiras, Palhota, Lezirão (ou Porto da Palha), e Escaroupim.

Por fim, na terceira parte, denominada *Construções palafíticas na contemporaneidade*, explorámos a possibilidade de recuperação destas aldeias, da identidade cultural e das construções existentes.

Estudar a possibilidade de resgatar do esquecimento através da sua utilização, seja ela feita pela reutilização (turismo cultural/passadiços/centro interpretativo) ou pela musealização. Iremos apresentar casos de referência de ambas as situações para uma melhor e mais fundamentada proposta de preservação desta arquitetura única.

Como conclusão desta dissertação, após a análise de todos os capítulos de desenvolvimento da mesma, é feita uma reflexão sobre a temática desenvolvida, de modo a conseguir chegar a uma conclusão sobre o tema principal desta dissertação, a identidade arquitetónica das aldeias avieiras nas margens do Rio Tejo, e o que é possível fazer para que não desapareça, para que fique registo, para preservar este património que se está a perder, não só pela sua importância para a região, mas também para o país, o seu passado, mas também a sua contemporaneidade e possibilidade de utilização nos dias de hoje.

2. PALAFITAS NA HISTÓRIA

Este capítulo, que tem um cariz introdutório face ao objeto de estudo: as aldeias palafíticas, irá dividir-se em duas partes. Na primeira parte, com o subtema *Pelo Mundo*, começamos por analisar o caso europeu e de que maneira o turismo e a musealização estão a ser um caminho para garantir a permanência destas aldeias na história; seguida da análise às palafitas na Ásia, América, África e Oceânia, que, na sua maioria, estão habitadas por comunidades; conseguimos assim demonstrar que a sua continuidade na história é possível, ainda que, de duas maneiras tão distintas.

A segunda parte denominada *Em Portugal*, analisa os primeiros assentamentos avieiros no país, as razões para a sua fixação e os seus sistemas construtivos. Estudaremos com mais afinco as margens do rio Tejo, na zona de Santarém. Iremos revelar traços gerais da sua arquitetura e do espaço urbano onde se inserem, revelando as suas similaridades, mas também as suas particularidades e singularidades.

No início da pesquisa e elaboração, deste nosso trabalho de investigação, surgiu uma dúvida: *palafita*[1] ou *palafítica*[2]. Seriam palavras com sentidos diferentes? Seria possível utilizá-las na mesma frase ou da mesma maneira? Concluímos que, dependendo do contexto em que se encontram, as duas palavras estão relacionadas, e ambas dizem respeito ao objeto de estudo. Assim, a palavra *palafita* utiliza-se quando nos referimos às estacas que sustentam as construções elevadas, ou à habitação em si, podendo dizer-se que a casa foi construída sobre palafitas; e a palavra *palafítica*, que deriva da anterior, palafita, descreve algo relativo a esta última, ou algo feito com palafitas, como por exemplo, um cais palafítico. (Dicionários infopédia da Porto Editora. Acedido em 2025).

Para falarmos em palafitas, temos de falar, em primeiro lugar, de arquitetura vernacular. Vernacular, com origem no termo *vernáculo*[3] que significa “próprio do país ou da nação a que pertence” e que em sentido figurado se refere ao “que é da própria terra, indígena, nacional” (Machado, 1995, p. 389), apontando para abrigos simples e locais. Assim, uma arquitetura vernacular pressupõe-se que seja nativa, genuína e própria do local a que pertence.

> O património vernáculo é o meio tradicional e natural pelo qual as comunidades criam o seu habitat. Resulta de um processo evolutivo que inclui, necessariamente, alterações e

[1] Substantivo feminino (singular e plural)
[2] Adjetivo
[3] Que é próprio do país ou da nação a que pertence "vernáculo". (disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/vern%C3%A1culo.)

> uma adaptação constante em resposta aos constrangimentos sociais e ambientais. A sobrevivência desta tradição está ameaçada, em todo o mundo, pela uniformização económica, cultural e arquitetónica. Saber resistir a esta uniformização é fundamental e é uma tarefa que envolve, não só as diferentes comunidades, mas também os governos, os urbanistas, os arquitetos, os conservadores e vários especialistas noutras áreas disciplinares. (ICOMOS, 1999, p. 1)

A arquitetura palafítica é considerada uma arquitetura vernácula, uma vez que a sua construção é feita através de materiais e técnicas locais, e passada de geração em geração.

As palafitas são edificações erigidas sobre estacas (Ilustração 1) que surgem devido a diversas questões e de várias maneiras pelo mundo. Desde a necessidade de as populações construírem sobre a água, por não terem outro local, ou pelo facto de a água ser o seu meio de transporte; para se protegerem do ataque de animais, ou até de outros povos; para ultrapassarem a questão da subida do nível da água, seja de mar, de rios ou de lagos, ou mesmo da movimentação de areias, como por exemplo, o *assoreamento*[4] nas costas dos oceanos. Encontram-se assim, por diversos motivos e com diferentes formas, em vários lugares do mundo.



Ilustração 1 – Fotografia da aldeia avieira do Touco, Alpiarça, já desaparecida. (disponível em https://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/cultura-avieira, 2014)

[4] Obstrução da barra de um rio ou de um porto, provocada pela acumulação de areias ou de terras, geralmente causada por enchentes, construções ou outras alterações na bacia hidrográfica - "assoreamento". (disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/assoreamento).

Há indícios de tais construções desde os tempos *neolíticos*[5]. No lago Zurique, em Meilen, na Suíça (Ilustração 2 e 3), foram descobertas partes de uma povoação cujas construções pareciam assentar sobre troncos de árvores dispostos na vertical. Estes são os primeiros vestígios de construções palafíticas. Foram descobertos no ano de 1854, devido ao rigoroso inverno vivido neste país, que fez descer alguns cursos de água para níveis muito abaixo do habitual. Os habitantes locais aproveitaram esta descida para fazer aterros e ganhar terreno à água, o que fez com que fossem encontradas filas desordenadas de estacas, e vários utensílios, antes ocultos pela água. Estas descobertas levadas a cabo por um arqueólogo da região, Ferdinand Keller[6], determinaram que no período neolítico, houve povos que se estabeleceram nas margens do lago Zurique, em aldeias erigidas sobre estacas, utilizando madeira das florestas próximas e utilizando a água como proteção contra os animais, como meio de transporte, e como base da sua economia (Álvarez e Bahamón, 2009, p. 7).

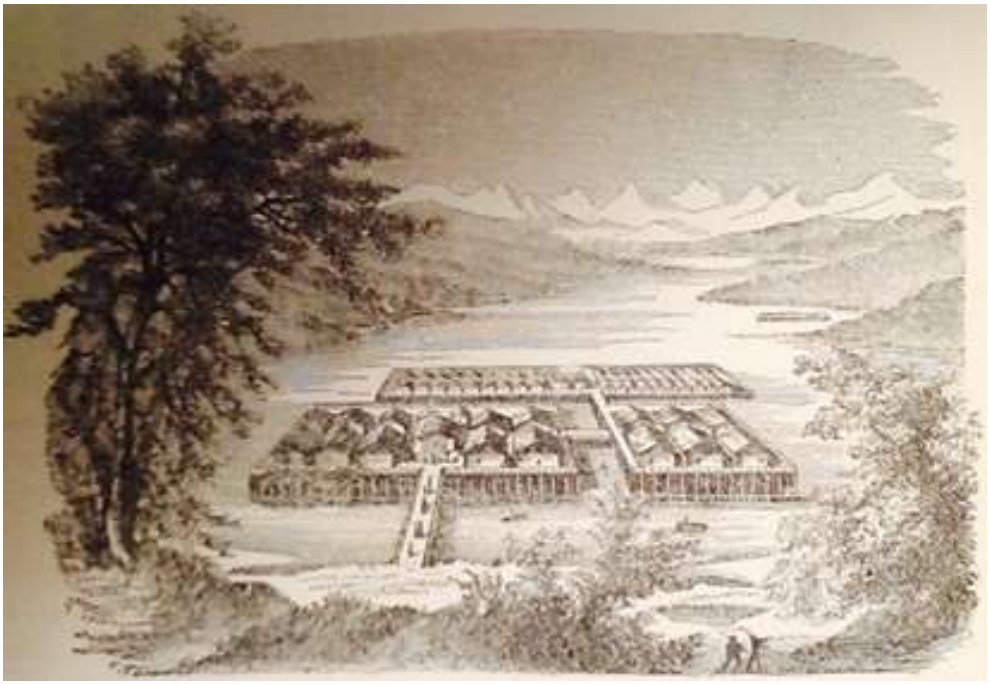


Ilustração 2 – Ilustração de Aldeia Lacustre encontrada no Lago Zurique, Suíça. (The Story of Man: A History of the Human Race, James William Buel, 1889, disponível em https://books.google.pt).

Esta tipologia de construção representa uma relação ímpar entre a arquitetura e o lugar. Na sua génese, foi fator importante na satisfação de necessidades que, nos dias de

[5] Período da Era Quaternária que se estende de 5 000 a.C. a 2 500 a.C., situado entre o Mesolítico e a Idade dos Metais. (O homem pule a pedra, entrega-se à cultura, à domesticação dos animais e constrói cidades lacustres.); referente ao período neolítico - "neolíticos". (disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/neol%C3%ADticos).

[6] Ferdinand Keller (1800 - 1881) arqueólogo suíço, principal responsável pela identificação das construções palafíticas encontradas em 1853, em Obermeilen no Lago de Zurique (Álvarez e Báhamon, 2009, p.7)

hoje, se encontram ultrapassadas, face ao desenvolvimento e modernização dos estilos de vida das populações. No entanto, estas edificações transportam consigo uma história cheia de tradições, com uma materialidade e uma identidade próprias, que devem ser analisadas e mantidas, quer fisicamente, quer na linha cronológica da história da civilização humana. Esta arquitetura contém um elevado valor técnico e estético, surgindo intimamente ligada ao território e às populações que a edificam e lá vivem, transmitindo conhecimento de geração em geração e perpetuando a sua identidade. As construções palafíticas parecem ser parte da paisagem.



Ilustração 3 – Imagem de assentamento de 3800-3650 a.C. no Lago Moossee, no cantão de Berna, na Suiça, Basel Javier Alberich. (disponível em: https://www.swissinfo.ch, 2025).

As construções sobre pilares não foram de utilização exclusiva nos tempos mais antigos, também o arquiteto modernista *Le Corbusier*[7] os utilizou no século XX, constituindo-se como um dos seus *cinco pontos,* e estando presente em inúmeras obras e projetos seus, desde habitações a edifícios públicos. Os cinco pontos da arquitetura moderna, embora teorizados em 1927, surgiram em 1923, durante a construção da *Maison La Roche* (Ilustração 4), da autoria do referido arquiteto.

[7] Arquiteto naturalizado francês, mas nascido na Suíça, de nome Charles-Édouard Jeanneret, em 1887. (*disponível em https://www.moma.org/artists/3426-le-corbusier-charles-edouard-jeanneret)*



Ilustração 4 – Villa La Roche et Jeanneret, arredores de Paris, França. (disponível em https://lecorbusier-worldheritage.org, 1923)

Os seus cinco pontos dizem o seguinte: os pilotis, libertam o edifício do solo e tornam público o uso deste espaço antes ocupado, permitindo inclusive a circulação de automóveis; a janela em banda, ou *fenêtre en longueur*, correspondem a aberturas longitudinais que cortam toda a extensão do edifício, permitindo iluminação mais uniforme e uma vista panorâmica sobre o exterior; o terraço jardim, transforma as coberturas em terraços habitáveis, em oposição aos telhados inclinados das construções tradicionais; a planta livre, resultado direto da independência entre estrutura e paredes, possibilita uma maior diversidade dos espaços interiores, bem como maior flexibilidade na articulação entre eles; e por último, a fachada livre, que possibilita a máxima abertura das paredes exteriores em vidro, em oposição às de alvenaria que outrora, que recebiam todos os esforços estruturais dos edifícios (Ilustração 5).

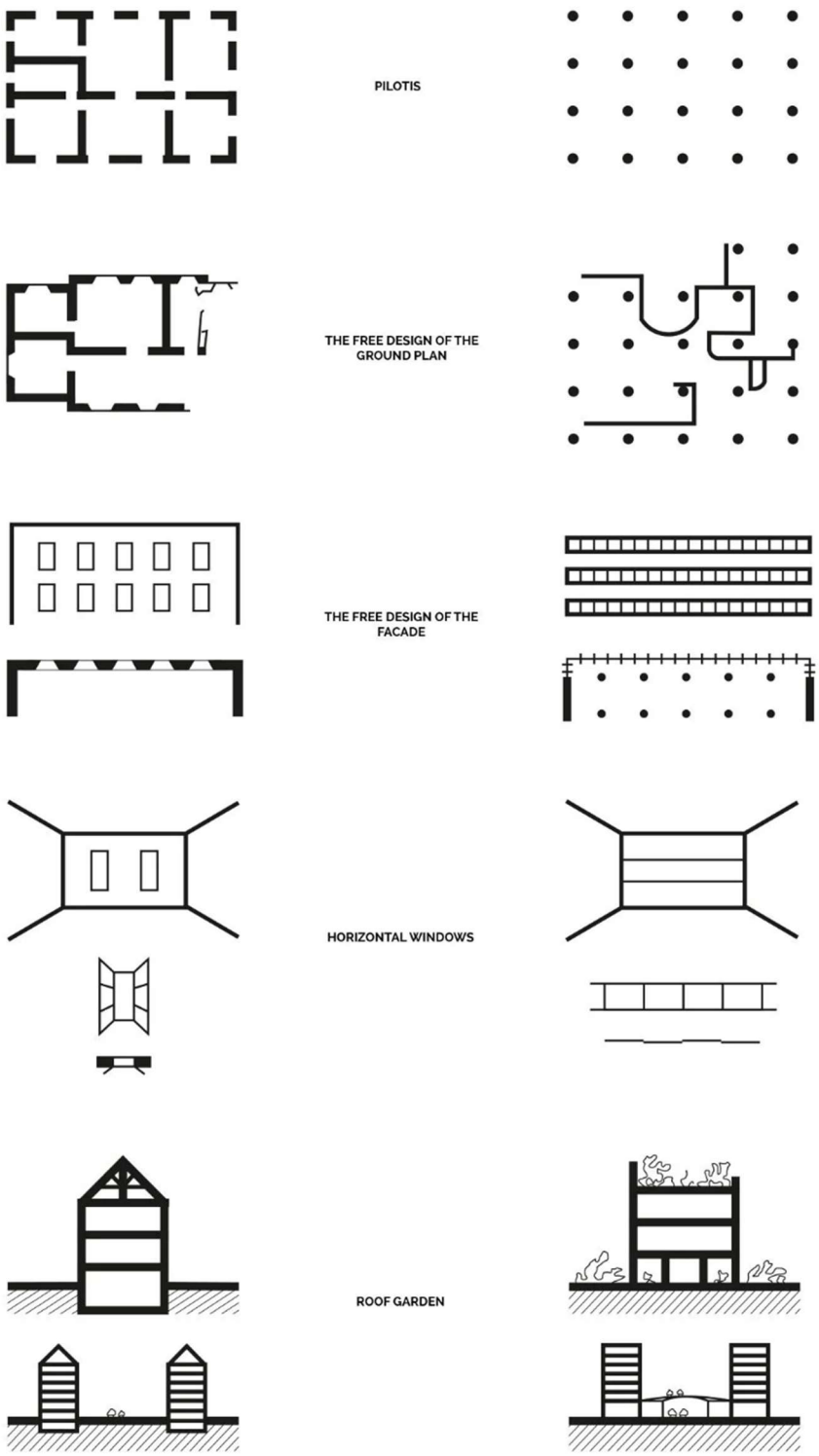


Ilustração 5 – Os cinco pontos de Le Corbusier, adaptação nossa (disponível em: https://www.firstinarchitecture.co.uk, 2025)

Utilizados por Le Corbusier para dar fluidez ao nível do solo, criando espaços abertos que podiam ser utilizados como espaços de passeio, estacionamento ou zonas verdes, os pilotis tinham como principal função melhorar a ventilação e potenciar a entrada de luz natural. Este sistema utilizado ao nível do solo, permitia minimizar a área de ocupação do mesmo, dando uma sensação de leveza e de flexibilidade, mas também

era útil em termos práticos, por oferecer uma solução em zonas de terrenos inundáveis ou irregulares. Como disse Le Corbusier aquando do projeto da Villa Savoye (Ilustração 6): “La vue est très belle, l'herbe est une belle chose, la forêt aussi: on y touchera le moins possible. La maison se posera sur l'herbe comme un objet, sans rien déranger”[8] (Le Corbusier, disponível em https://www.fondationlecorbusier.fr), o que demonstra a importância para este arquiteto dos pilotis e do que eles permitiam em termos de soluções arquitetónicas.



Ilustração 6 – Villa Savoye Poissy, France, Jean-Christophe Ballot. (disponível em *https://www.fondationlecorbusier.fr,* 1928-1931)

Será útil continuar a aprender com esta tipologia arquitetónica no sentido de resolver problemas relacionados com a integração de um projeto na paisagem. As palafitas conferem facilidade de construção sobre terrenos pouco estáveis, ou em locais sinuosos onde o solo é irregular e inclinado. Quando implantadas sobre a água, transmitem uma ideia de flutuação. São várias as potencialidades encontradas nesta solução construtiva, resolvem necessidades práticas inerentes ao contexto físico, como as variações do nível do mar ou possíveis inundações; refletem também uma tradição, sendo ainda assim, possível a sua integração na arquitetura contemporânea; têm um carácter ecológico, podendo ser utilizadas em zonas com terrenos delicados, protegendo a natureza existente, não sendo necessária a impermeabilização do solo. É de referir a adaptabilidade das construções palafíticas aos novos tempos, dominando aqui o seu carácter intemporal. É importante compreender e reinterpretar os locais onde esta tipologia foi tradição, analisar as suas construções e costumes, e de acordo com novos conceitos, adaptá-la à imagem dos nossos dias, evitando a estagnação, mas, principalmente, o esquecimento.

[8] Em português lê-se: “a vista é demasiado bela, a erva é uma coisa bela, a floresta também: nós tocaremos o menos possível. A casa pousará sobre a erva como um objeto, sem perturbar nada.” – tradução nossa.

2.1. PELO MUNDO

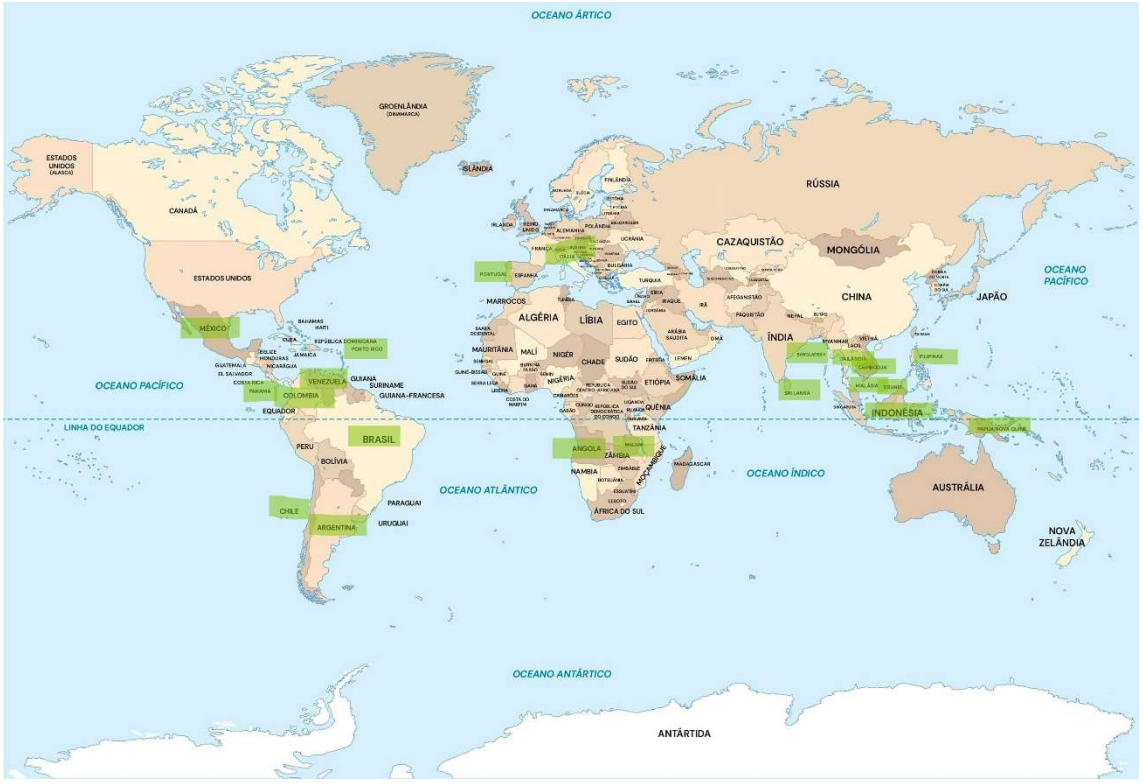


Ilustração 7 – Mapa Mundo com a localização de assentamentos palafíticos, adaptação nossa. (disponível em *https://www.todamateria.com.br/mapa-mundi/#google_vignette*, 2025)

Estas comunidades que vivem em assentamentos palafíticos, conservam fatores culturais semelhantes, tanto no modo de vida, como nos materiais utilizados, mas também na importância dada à proximidade da água, fonte de alimento e meio de comunicação e transporte, independentemente do continente em que se encontram.

Viviam essencialmente da pesca e da agricultura, dispondo nestas zonas de terras muito ricas em cultivo; foram também encontrados vestígios que nos mostram que para além de criarem animais para se alimentarem, a caça era também utilizada como fonte de alimento e sobrevivência; modo de vida que levavam sempre com respeito pela natureza e pelo local onde assentavam.

Quanto às datas, na Europa, na pré-história, era já comum, encontrar povoações palafíticas, embora seja difícil datá-lo com precisão. Há informação[9] que remonta ao período Mesolítico na Eslovénia; ao Neolítico em Itália, França, Alemanha, Áustria, Bósnia e Herzegovina, Polónia, Dinamarca, Suécia, Bélgica, Espanha, Eslovénia, Grécia ou Inglaterra; na Idade do Bronze na República Checa e na Lituânia; na Idade

[9] MENOTTI, Francesco. (Living on the Lake in Prehistoric Europe: 150 years of lake dwelling research, ed. 2004).

do Ferro na Irlanda e na Escócia; no sec. XII na Noruega (Ilustração 7) (Almeida, 2015, p. 23). É bastante presente na zona dos Alpes, onde foram descobertos novecentos e trinta e sete locais de interesse arqueológico, distribuídos por seis países ao seu redor: Alemanha, Itália, Áustria, França, Eslovénia e Suíça (Ilustração 8). Dos novecentos e trinta e sete, cento e onze foram considerados de enorme valor histórico, cultural e ambiental, e num esforço comum e através de uma candidatura conjunta, os seis países conseguiram para estes lugares, a atribuição de Património Cultural da Humanidade, atribuída pela UNESCO em 2011. Ao local foi dado o nome de *Prehistoric Pile Dwellings around the Alps*, e criado um Grupo Internacional de Coordenação (ICG), com o intuito de continuar a pesquisa desta herança cultural quase invisível, e desconhecida por muitos, numa cooperação internacional, com o compromisso de a preservar para que não se perca este património tão singular, passando para as gerações futuras. É também importante criar consciência da importância do património, da preservação da memória, da importância da cultura e da história. Através deste processo, estes países estão a contribuir para a perpetuação da memória, garantindo conhecimento às gerações seguintes.

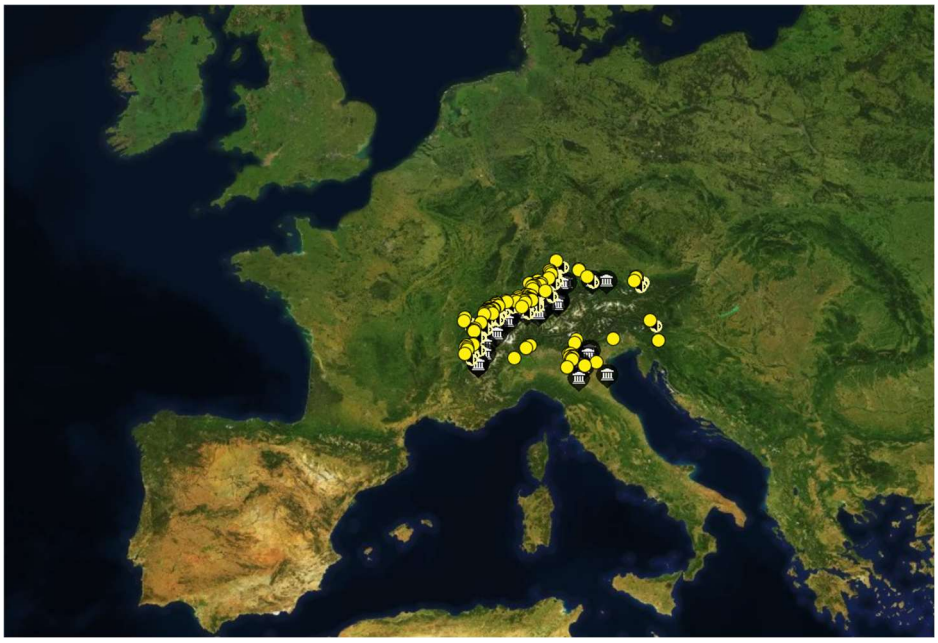


Ilustração 8 – Mapa interativo, *Prehistoric pile dwellings around Alpes*, Europe. (disponível em *www.palafittes.org*, 2025)

A maioria destes locais são reconstruções produzidas através de achados feitos por equipas multidisciplinares, possibilitando a preservação da memória. Através da arqueologia e da musealização, é hoje possível visitar estes locais, ver os objetos utilizados há milhares de anos, e até maquetas que nos permitem compreender como viviam estes povos e como eram as suas casas.

Podemos observar museus em vários países Europeus, como por exemplo o *Museo delle Palafitte* (Museu da Palafita), em Itália; o *Pfahlbauten Museum* (Museu de Palafitas), na Alemanha (Ilustração 9); ou o *The Scottish Crannog Centre* (Centro Crannog Escocês), na Escócia.



Ilustração 9 – Instituto de pesquisa e Museu ao ar livre de *Uhldingen-Mühlhofen*, na Alemanha. (disponível em https://www.pfahlbauten.de, 2024).

Encontramos vários exemplos, também, nos restantes continentes, mas quase todos ainda, com a habitação como utilização primordial, que se manteve ao longo dos séculos, permitindo a sua preservação, mais ou menos fiel às origens, trazendo até aos dias de hoje a história deste património cultural e arquitetónico das casas palafíticas.

Na Ásia, temos exemplos de casas palafíticas na Malásia, Indonésia, Tailândia, Filipinas, sul da Índia, e ainda na Nova Guiné e Cambodja; na zona dos Trópicos de Cancer e de Capricórnio; pequenas aldeias nas Caraíbas; no continente Africano, encontram-se menos exemplos desta tipologia, mas no Malawi, zona sul do continente, existem vestígios no lago Pamalombe. Foram também encontrados indícios nas ilhas do rio Kubango, em Angola. Na zona oeste deste continente, existe uma cidade palafítica considerada uma espécie de Veneza africana, chamada Ganvié (Ilustração 10).



Ilustração 10 – Aldeia palafítica, Ganvié, Benin, África. (disponível em wikipedia.org, 2024).

No continente americano existem evidências de construção sobre palafitas desde 1550. Foram encontrados exemplos na Venezuela, na Colômbia ocidental, no Chile (Ilustração 11), na Argentina, no México, no Brasil, no Panamá e em Porto Rico. É nestas zonas que encontramos estes assentamentos, habitados, na sua grande maioria. As populações vivem ainda sobre lagos e rios, e nas suas margens, em condições, em grande parte, precárias, com o barco como meio de transporte, e, nalguns casos, em cidades inteiras sobre pilotis, completamente autónomas, com habitação, comércio e serviços.



Ilustração 11 – Aldeia palafitica, Chiloé, Castro, no Chile. (disponível em wikipedia.org, 2024).

O processo construtivo destas casas de tipo vernacular dá-se de duas maneiras distintas por todo o mundo. Uma, em que as estacas levantam os edifícios estabelecendo a sua própria estrutura; e outra, em que as estacas levantam uma plataforma, onde depois é erigido um edifício de forma independente. Ou seja, na primeira situação, a estrutura em estacaria sustenta o chão e as paredes da casa (exemplo: casas palafíticas da Malásia, na ilustração 12).



Ilustração 12 – Aldeia palafitica de Yawnghwe, no Lago Inle, na Malásia. (disponível em wikipedia.org, 2024).

No segundo caso, a estrutura em estacaria sustenta apenas as plataformas onde depois são construídas as casas (exemplo: palafitas da Indonésia, Tailândia, Filipinas e sul da Índia). Este último sistema, é utilizado nas grandes aldeias, todas elas assentes sobre estacas, inclusive os espaços e zonas de circulação de carácter público. É disso exemplo a aldeia palafítica Kampong Ayer. Situa-se na ilha de Bornéu, na capital Bandar Seri Begawan, e concentra vários edifícios, entre eles habitações, mercados, mesquitas, centros médicos e escolas (Ilustração 13).



Ilustração 13 – Aldeia Kampong Ayer, Brunei. (disponível em *awaywiththesteiners.com*, 2024).

Assim, podemos dizer, que existem dois grandes grupos tipológicos de construções palafíticas, representadas adiante na ilustração 14, e que correspondem aos exemplos falados neste subcapítulo, e também ao caso português, que abordaremos no subcapítulo *Em Portugal.*

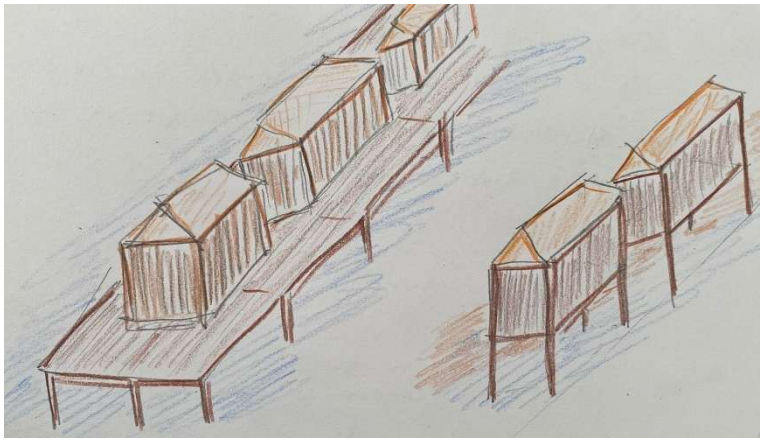


Ilustração 14 – Sistema de palafitas e plataforma à esquerda da ilustração, e sistema de palafitas como estrutura, à direita da ilustração. (ilustração nossa, 2025).

Podemos também concluir que as palafitas existem espalhadas pelo mundo, em países com culturas muito distintas, mas ainda assim têm em comum, uma identidade

arquitetónica transversal e única, que embora tenha aparecido há milhares de anos para suprir necessidades básicas que hoje em dia não existem, se mantém até à contemporaneidade, embora com a respetiva evolução.

Tabela 1 – Palafitas pelo Mundo

	Continente Asiático	**Continente Africano**	**Continente Europeu**	**Continente Americano**
Proximidade da água	Em praias, nas margens dos rios e dos lagos	Dentro de rios e lagos	Em praias, nas margens dos rios e dos lagos	Em praias, nas margens dos rios e dos lagos
Tipologia de utilização inicial	Habitação	Habitação	Habitação	Habitação
Estado atual	Habitado na sua maioria	Habitado na sua maioria	Musealizado, habitado e abandonado	Habitado na sua maioria

Fonte: Investigação nossa, 2024

2.2. EM PORTUGAL

Em Portugal, podemos encontrar bibliografia sobre palafitas, em textos sobre arquitetura vernacular ou sobre a típica casa portuguesa, e registo de casos de estudo sobre os palheiros[10] do litoral central oeste. A primeira referência feita à arquitetura vernacular em Portugal, encontramo-la no livro sobre etnografia[11] denominado *Ethnographia Portugueza – Habitação – Os palheiros do Litoral*[12], referindo-se a estas construções como habitação de pescadores. Mais tarde, autores como José Leite Vasconcellos[13], Orlando Ribeiro[14] e Ernesto Veiga de Oliveira[15], foram pioneiros no estudo da arquitetura vernacular. (Almeida, 2015, p. 17)

A obra *Arquitetura Popular em Portugal* (1961), publicada pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, após o processo denominado *Inquérito à Arquitetura Regional*, faz uma descrição do que era a arquitetura popular em Portugal e as suas diferentes tipologias, influenciadas pelas características do local onde se encontravam. O inquérito estudou o País, dividindo-o em 6 zonas: Zona 1: Minho, Zona 2: Trás-os-Montes, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura, Zona 5: Alentejo e Zona 6: Algarve, cada zona com uma equipa de três arquitetos (Ilustração 15).

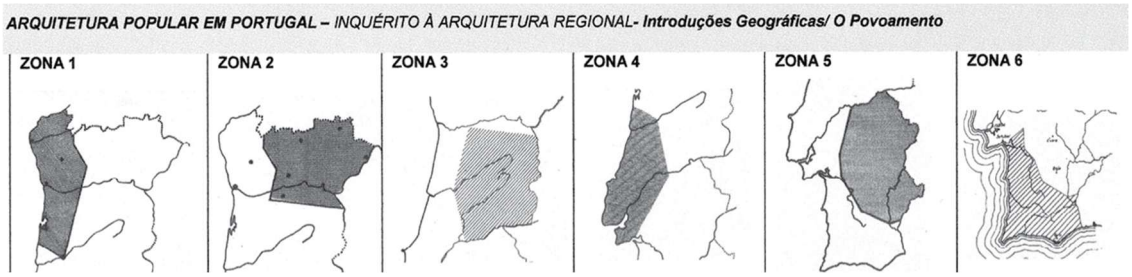


Ilustração 15 – Zonas, Portugal, in Arquitectura Popular em Portugal, 1988. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961).

Após a nossa análise ao *Inquérito*, mais precisamente, à Zona 4, correspondente à Estremadura e Beira Litoral, e entregue à equipa de arquitetos constituída por Nuno Teotónio Pereira, António Pinto Freitas e Francisco Silva Dias, encontrámos um tipo de construção peculiar, que tem como principal material de construção a madeira, e que

[10] *Habitação rudimentar coberta de palha. = PALHOTA* - "palheiros"**.** (disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/palheiros).
[11] Origem etimológica: grego *ethnós, -eos*, raça, povo + *-grafia*. Ciência que descreve os povos no relativo aos seus costumes, índole, raça, língua, religião, etc.- "etnografia". (disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/etnografia).
[12] Da autoria do etnógrafo Rocha Peixoto, de 1898
[13] Descreve os palheiros da costa como "casas de madeira com cobertura de telha, assentes em quatro estacas (…)", em *"Etnografia Portuguesa"*, de 1933
[14] Faz referência aos palheiros sobre estacas no seu livro: "*Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico"* de 1945
[15] Autor dos livros "Construções primitivas em Portugal" (1969) e "Arquitetura tradicional portuguesa" (1992)

apresenta características das construções palafíticas. Estas construções encontravam-se essencialmente na zona de Vieira de Leiria, junto ao mar (Ilustração 16), zona costeira e de assoreamento, que levou à necessidade de elevação das casas, construindo-as sobre estacaria de madeira, dando origem aos denominados palheiros, casas de pescadores que viviam do que o mar lhes dava.

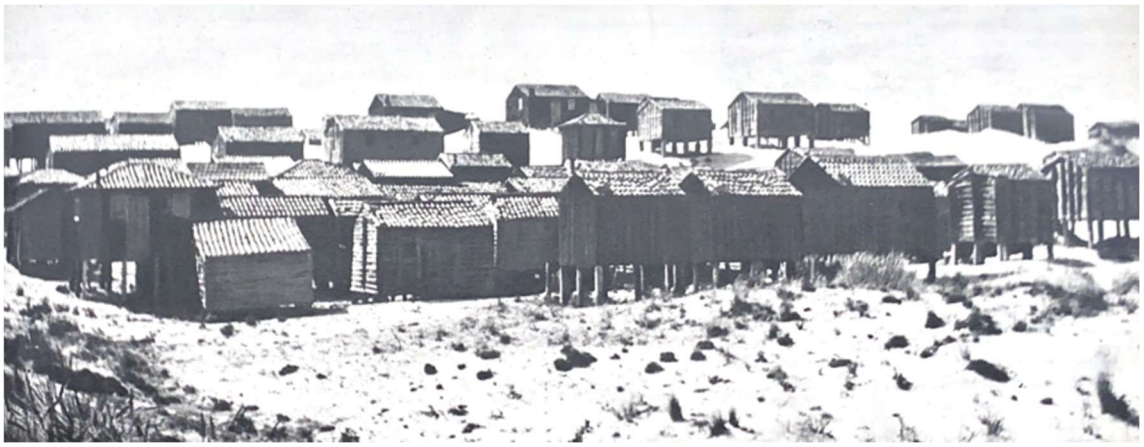


Ilustração 16 – Palheiros da Tocha, Portugal, in Arquitectura Popular em Portugal, 1988. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular)*

Nesta zona costeira, identificada no *Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa*, como Zona 4 (Ilustração 17), a atividade piscatória desenvolvia-se nos meses de Verão, quando o mar permitia, mas nos meses de Inverno, as condições tornavam-se muito difíceis, principalmente as atmosféricas. Os pescadores passaram a procurar noutros locais, diferentes tipos de pesca, conjugando-a inúmeras vezes, com a agricultura. A bacia do Tejo começou, então, a receber o primeiro fluxo de migrações, em meados do século XVIII, originárias de Ovar, esta migração deu origem a uma nova população a que se deu o nome de *Varinos*[16], instalaram-se nas margens do rio Tejo, dedicando-se à pesca do sável e influenciando outros a seguirem os seus passos. Seguiram-se os originários de Murtosa, conhecidos por *Murtoseiros*[17] e em meados do século XIX, os naturais de Vieira de Leiria (Praia da Vieira), denominados *Avieiros*[18]. Deslocaram-se então, até às margens do rio Tejo, trabalhando na pesca, na apanha do melão e na monda do arroz, e levando consigo as suas referências no que diz respeito à construção das suas habitações.

[16] Etimologia: De *ovarino*, com aférese, a partir de *Ovar*, topónimo.
[17] Etimologia: De *Murtosa*, topónimo *+-eiro.*
[18] Etimologia: De origem obscura, talvez de *a-+Vieira* [*de Leiria*], topónimo.
(disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios).

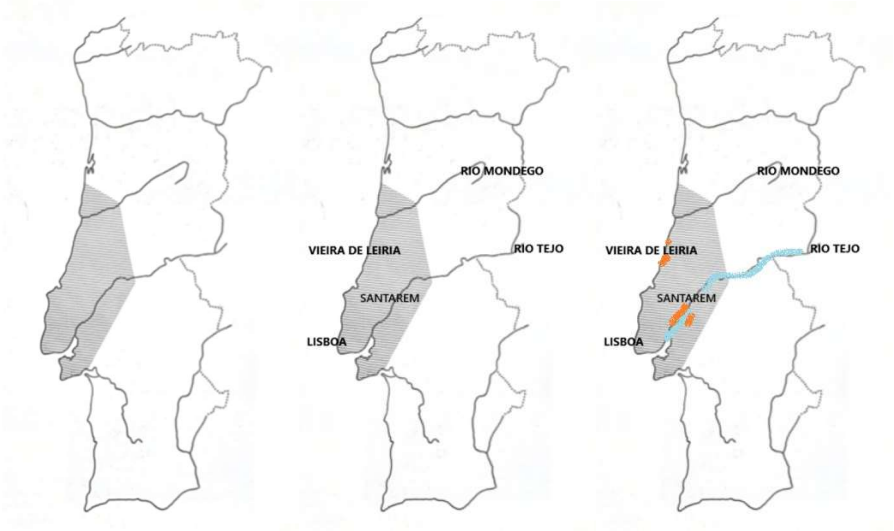


Ilustração 17 – Zona 4, Portugal, in Arquitectura Popular em Portugal, 1988. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988).

Quando chegados a estas novas zonas, instalavam-se em barcos, ancorados na margem do rio e, na Primavera, regressavam aos locais de origem, no litoral, pois nem o mar, nem o rio, por si só, lhes davam sustento o ano inteiro. Era preciso procurar meios para sobreviver, originando um movimento pendular migratório entre a costa e a lezíria, durante muitos anos. Estes barcos utilizados na pesca, eram também utilizados como casa de família (Ilustração 18). Houve ainda quem, por não ter economias, continuou a viver, por muito tempo, nos seus barcos, denominados *bateiras*[19], agrupados em pequenos núcleos à *borda d'água*[20].

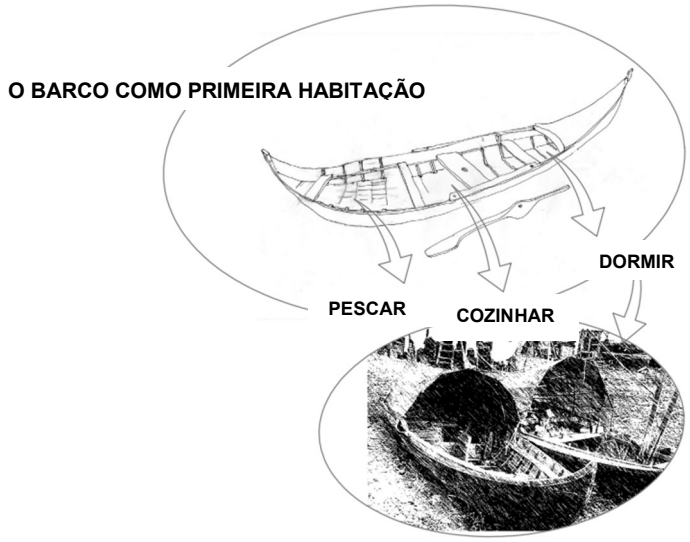


Ilustração 18 – O barco como primeira habitação, em cartaz ASF-P. (Adaptado a partir de: Cartaz para apresentação no 2º Congresso da cultura Avieira, Santarém, ASF-P, 2011)

[19] Nome feminino. Barco pequeno, de fundo chato.
[20] Termo utilizado, ainda nos dias que correm, para denominar os moradores das zonas ribeirinhas do Rio Tejo (principalmente, na aldeia das Caneiras).

Com o passar do tempo e, devido às dificuldades que implicavam as constantes mudanças de local, foram-se fixando nas margens do rio, construindo, quando as suas economias o permitiam, estruturas palafíticas, idênticas às que habitavam na terra de origem. Estes palheiros foram sendo implantados ao longo do Tejo, surgindo os primeiros núcleos populacionais (Ilustrações 20 e 21). As famílias com melhores condições económicas, construíam as suas casas ao nível do solo, em caniço (Ilustração 19) e quando podiam compravam madeira para, aos poucos, construírem as suas casas.



Ilustração 19 – Primeiras construções em caniço até ao solo e cobertura de colmo em cartaz ASF-P. (Adaptado a partir de: Cartaz para apresentação no 2º Congresso da cultura Avieira, Santarém, ASF-P, 2011).

Os materiais e técnicas utilizados dão-lhe um equilíbrio no meio em que são inseridos, caracterizando estas construções como uma arquitetura sustentável. Este carácter fica evidente se analisarmos a maneira como os habitantes organizavam a sua vida relativamente ao clima, sempre com um enorme respeito pela envolvente, sem desprezo pelo ambiente e escolhendo materiais naturais dispondo as suas casas de modo a ventilarem naturalmente.

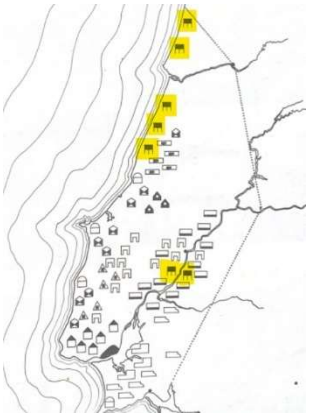


Ilustração 20 – Zona 4, Portugal. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1988*)*.

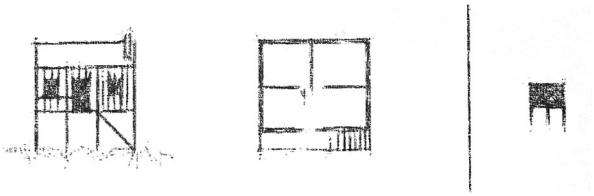


Ilustração 21 – Construções em madeira, sobre estacaria; cobertura de telha; geralmente um piso. (Adaptado a partir de: AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1988*)*.

Contemporaneamente, aos avieiros e à construção das suas barracas sobre pilares, para fazer face às suas necessidades mínimas, *Le Corbusier* projetava uma cabana de madeira na Côte d'Azur – *Le cabanon*[21] (Ilustração 22), pensada para suprir as suas necessidades básicas – e da sua esposa Yvonne. Um pequeno espaço, que serviria de refúgio de férias, mas reduzido ao mínimo essencial para viver, um pouco à semelhança das construções avieiras – *a casa mínima*[22].

> Cuando se interesó por la vivienda mínima, aparecía la imagen de un barracón de madera alzado sobre *pilotis* en la Ville Radieuse, en 1935. Es la casa primitiva que cualificaba al ser humano como creador de geometría, como también escribió en 1928 en su libro *Une maison, un palais:* "Ni una pieza de madera en su forma y en su fuerza, ni una unión sin una función precisa. El hombre es ahorrativo. Esta cabaña, ¿no será un día ese Panteón de Roma consagrado a los dioses?" (Cohen, 2015, p. 199)

Na década de 50, os avieiros construíam "o sonho de qualquer avieiro"[23], e Le Corbusier o seu "lieu magique"[24].



Ilustração 22 – Le Corbusier, na janela do seu *Cabanon*, em Roquebrune-Cap-Martin, França. (disponível em capmoderne.com, 1951).

Para Le Corbusier, definir uma tipologia de célula habitável, reduzida a um espaço mínimo que reunisse diversas funções, era crucial: "(…) é simultaneamente uma obra

[21] Pequena cabana construída em madeira em Roquebrune-Cap-Martin, na Côte-d'Azur, em 1952, para oferecer à sua esposa, Yvonne Galli.
[22] Projeto de uma casa respondendo apenas às necessidades mínimas do habitante, respeitando as medidas do *Modulor.*
[23] Disponível em *Os avieiros nos finais da década de cinquenta*, de Maria Adelaide Salvado, p. 32, 1985.
[24] Em português: lugar mágico – tradução nossa

de arte completa e um arquétipo da célula minimalista, baseado numa abordagem ergonómica e funcionalista absoluta". (Gandini, 2025, p. online) Desenhou um espaço funcional, de planta quadrada, de apenas 3.66m de lado, e 2.26m de pé direito (Ilustração 23), com toda a sua estrutura e paredes exteriores em madeira, transportada e construída na sua totalidade no local, e o seu interior, feito em placas de carvalho ou castanheiro, e as divisórias em contraplacado marítimo. A cabana foi pensada ao pormenor, havendo locais de arrumação, janelas com vista sobre o mediterrâneo, e frestas para ventilação natural. Não tinha cozinha, pois Le Corbusier utilizava o restaurante É*toile du Mer*, para as suas refeições. Este projeto que denominou de "son lieu magique*"*, seria para oferecer à sua esposa, mas acabou por se transformar num retiro para muitas ocasiões, cumprindo a função a que se propunha.

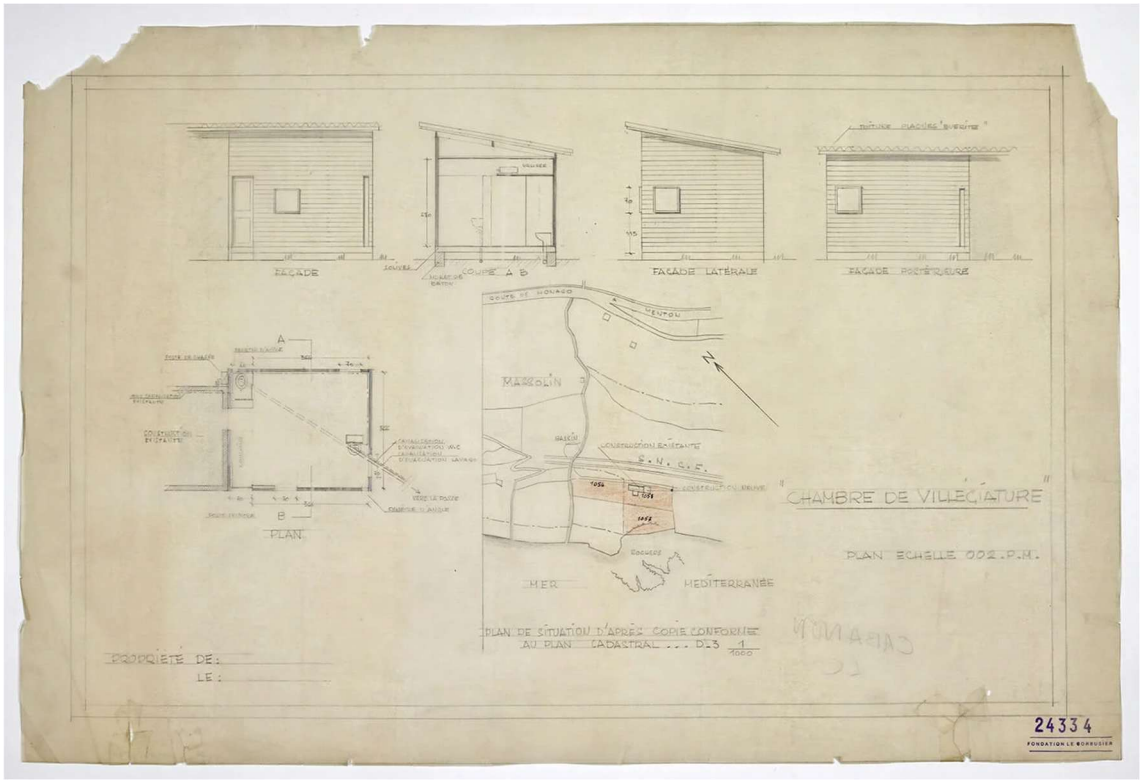


Ilustração 23 – Ilustração do projeto do *Le Cabanon*, Roquebrune-Cap-Martin. (disponível em capmoderne.com, 1950).

Podemos dizer que são dois processos distintos de construção da casa mínima – no sentido do mínimo necessário para satisfazer as necessidades básicas do habitante: o dos avieiros, que procuravam construir o máximo que conseguiam com o mínimo de recursos financeiros de que dispunham, e Le Corbusier que quis demonstrar que poderia viver com o mínimo e mesmo assim, ter tudo, racionalizando o espaço ao máximo.

Pela mesma altura, em 1956, à troca do terreno onde construiu o *Cabanon*, Le Corbusier projetou cinco unidades de campismo (Ilustrações 24 e 25) para Thomas Rebutato (amigo e proprietário do restaurante *Étoile de Mer*), construídas como um modelo de habitação mínima, para férias. O interior destas unidades, tem como base alguns dos princípios do *Cabanon*. Construídas pelo carpinteiro Charles Barberis, e erigidas sobre uma estrutura de palafitas, estas pequenas unidades ilustram a procura contínua de Le Corbusier pela unidade mínima de habitação.

As unidades têm 8m2, baseadas nas dimensões do *Modulor* (2,26 x 3,66 x 2,26 m), e podem acomodar duas pessoas em camas de solteiro. O acesso é feito por uma pequena escada exterior, e a natureza é parte integrante do projeto, quer pela sua localização e implantação no terreno, quer com o auxílio de grandes janelas, que emolduram a vista sobre o mar. (Bouvier, 2025, p. online)


24


25

Ilustração 24 e 25– Vista sobre as unidades de campismo de Le Corbusier, Roquebrune-Cap-Martin, França. (disponível em capmoderne.com)

Existem várias semelhanças entre o *cabanon*, as unidades de campismo do arquiteto Le Corbusier, e as casas dos avieiros. Embora com diferenças quer de programa, quer de orçamento, ambas são reflexo da necessidade de construir a *casa mínima*.

Ainda no século XXI, encontramos exemplos da utilização da casa mínima aliada à estrutura palafítica, dentro da arquitetura vernacular. É o caso do projeto *Khudi Bari* (Ilustração 26 e 27), da arquiteta Marina Tabassum[25] no Bangladesh. *Khudi bari* em bengali[26], quer dizer, *casa minúscula*[27]*.* Uma estrutura modular desenvolvida em 2020,

[25] Arquiteta e educadora do Bangladesh, fundou o Marina Tabassum Arquitects em 2005, em Dhaka.
[26] Língua oficial do Bangladesh
[27] Informação na página da F.A.C.E. (Foundation for Architecture and Community EquityBangladesh).

durante o confinamento da pandemia *covid-19*[28], direcionada para a população sem abrigo que vive nas margens do rio Meghna. A estrutura é feita em bambu e aço para facilitar a sua montagem e desmontagem, para que os habitantes a possam construir, mas para que possa, também, ser facilmente desmontada e transportada para outro local em caso de cheia. O projeto está a ser levado a cabo pela F.A.C.E. (Foundation for Architecture and Community Equity) do Bangladesh, em várias localidades, com diversos desafios climáticos e sociais, em resposta à falta de habitação neste país. (Tabassum, 2020, p. online)



Ilustração 26 – Vista sobre uma *khudi bari*, no Bangladesh. (disponível em https://marinatabassumarchitects.com/khudi-bari/, 2020)



Ilustração 27 – *Khudi Bari* em Sunamganj durante as cheias de 2022. (disponível em https://facebangladesh.org/, 2022)

As *khudi* bari são um exemplo de casa modular de pequenas dimensões, utilizando materiais de origem local, permitindo uma vez mais, com poucos recursos, e com base no conceito de casa mínima, dar a quem não tem nada, uma casa.

[28] Etimologia: Do inglês *Corona virus disease 2019*, «doença de coronavírus 2019», (ano em que foi identificado o primeiro surto da doença). (disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/covid-19).

3. IDENTIDADE AVIEIRA

> O dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia de Ciências de Lisboa, é o primeiro a referir-se à origem e significado da palavra avieiros, apresentando como hipótese mais credível para a sua formação, a contracção do artigo definido (a) com o topónimo Vieira (de Leiria). Quanto ao seu significado, designa os pescadores que migraram de Vieira de Leiria para o Ribatejo, para pescar no Tejo. (Nina e Pecegueiro, 2018, p. 43)

A cultura Avieira surge com o movimento migratório pendular de pescadores da Praia de Vieira de Leiria para as margens do Rio Tejo, em busca de melhores condições de vida, na segunda metade do século XIX (Virtudes, 2013, p. 326). Vinham sobretudo no Inverno para a pesca do sável quando o mar já não lhes dava sustento. Nómadas do Tejo[29], a bordo das suas bateiras, viveram e trabalharam até construírem as primeiras habitações. Habitações essas, construídas pelos próprios, utilizando materiais locais, como a madeira e os caniços que encontravam e, dependendo da situação económica da família (Ilustração 28), em terrenos alheios, por vezes cedidos pelos proprietários, ou a troco do pagamento de uma renda simbólica, originando as primeiras construções palafíticas avieiras nas margens do rio Tejo.



Ilustração 28 – Famílias Avieiras. Bairro do Esteiro do Nogueira, Vila Franca de Xira. Maria Adelaide Neto Salvado. (disponível em exposição e livro Tejo acima, 1950).

[29] Nome dado aos avieiros, por Alves Redol, no seu livro “Os Avieiros”

> Sobreviveram a pulso, como podiam, mas nesse processo de sobrevivência e de luta pelo sustento construíram uma cultura riquíssima: inovaram na construção de barcos que ainda hoje navegam no Tejo; criaram receitas com peixe do rio que atualmente fazem parte da identidade gastronómica da região e são celebradas em festivais por todo o Ribatejo; construíram engenhosas habitações à beira-rio, capazes de resistir à subida das águas, e desenvolveram uma espiritualidade própria que já resultou na aprovação formal, pela Igreja Católica, da figura de Nossa Senhora dos Avieiros, homenageada anualmente numa procissão fluvial de embarcações típicas. (Gomes, 2022, Pág. 14)

A identidade avieira não se resume apenas à arquitetura palafítica, assentando sobre cinco pilares determinantes, segundo João Serrano[30], suportados por outros tantos, que caracterizam e dão identidade a esta cultura tão singular. Assim, podemos dizer que a cultura avieira assenta sobre as seguintes bases: o barco, a casa, a gastronomia, a pesca e a religiosidade, mas também, e não menos importante, a mulher, a linguagem, a família (e os seus apelidos geracionais), os trajes, as danças e os cantares (Ilustração 29).

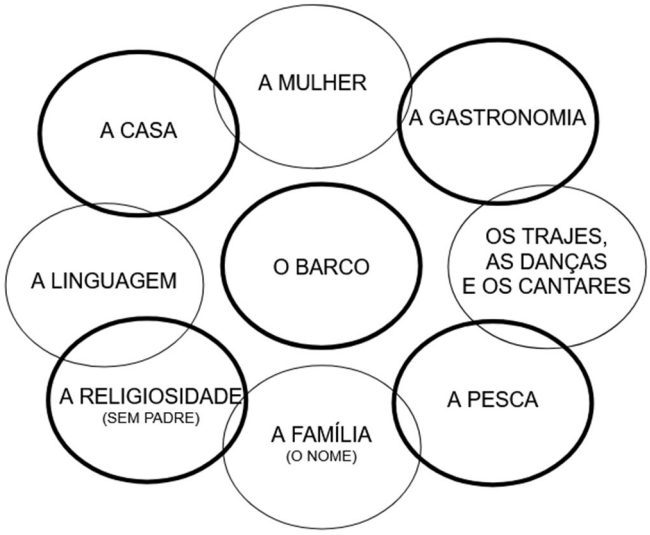


Ilustração 29 – Pilares da cultura avieira. (ilustração nossa, 2025).

O **barco** era um elemento fundamental e central na vida avieira, sem ele a comunidade não teria existido. Este era meio de subsistência, transporte e abrigo. Era tão importante que era dado como dote de casamento, e era impensável um jovem casal não ter um barco para iniciar a sua vida. As técnicas de construção têm origem na Praia de Vieira de Leiria, de onde são oriundos, mas a bateira não é uma simples réplica dos barcos usados nas águas do mar que por lá se construíam, os avieiros adaptaram-nas ás necessidades impostas pelas águas do rio Tejo, havendo, segundo Fernando Simões

[30] Fundador e Presidente da AIDIA, conhecedor e defensor da cultura avieira, e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Évora e Castilla-La Mancha/Talavera de la Reina.

Dias[31], onze tipos de barco a navegar e pescar no rio Tejo, à data da publicação do seu livro, do *saveiro*[32] de Vila Franca de Xira e da Povoa de Santa Iria, à *bateira*[33] que diminui de tamanho à medida que subimos para Norte no Tejo. Desenhados, construídos e pintados pelos próprios.

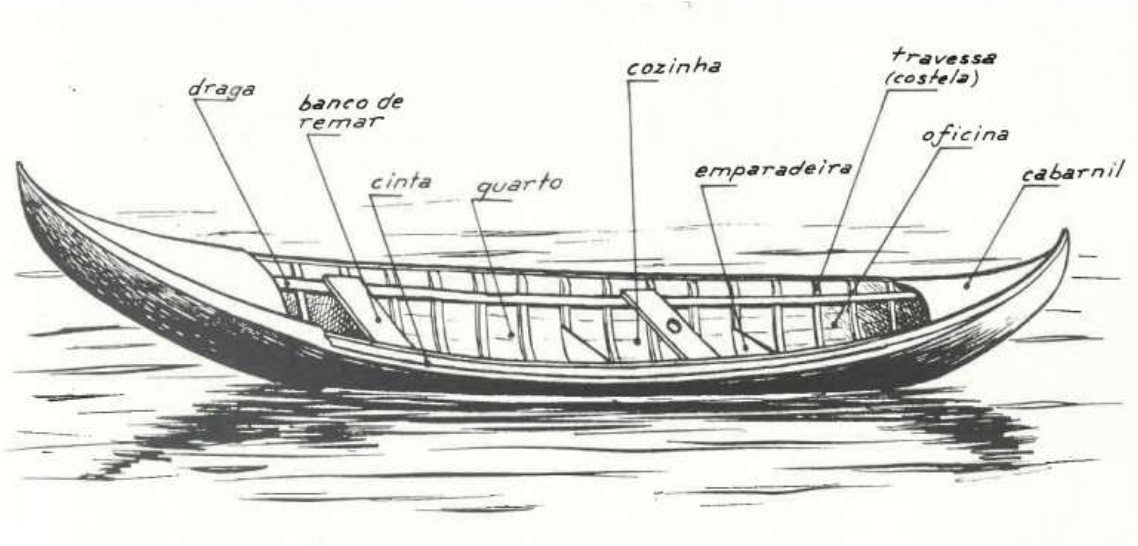


Ilustração 30 – Barco avieiro, Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", 1985, p. 60).

A cor do barco identificava a família, habitualmente pintado no exterior com tinta de cor garrida (e que, quando sobrava, utilizavam para pintar o exterior da habitação, ficando ambos da mesma cor), já o seu interior era pintado com várias cores, delimitando as várias zonas do barco (Ilustração 30), como a zona de trabalho, a de dormir e a de refeições (Ilustração 31).



Ilustração 31 – Família em Barco-casa (bateira), rio Tejo, Benavente, s.d., Autor desconhecido, Museu de Benavente, Câmara Municipal de Benavente. (disponível em exposição e livro Tejo acima)

[31] Arquiteto naval, que escreveu o livro: "As embarcações avieiras e outras tradicionais do Tejo"
[32] Barco pequeno, geralmente de fundo chato, empregado na navegação dos rios e na pesca à linha. "saveiro". (disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/saveiro).
[33] Barco pequeno, de fundo chato. "bateira". (disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/bateira).

A **pesca**, sustento da família, mas também o alimento da mesma, era feita inicialmente em *companhas*[34] de sável, evoluindo depois para pares familiares (marido e mulher) (Ilustração 33), andando, constantemente, a seguir o peixe à medida que este subia o Rio. Comiam do que sobrava da venda do peixe feita pela mulher na madrugada seguinte à noite de pesca. Deixou de ser a única fonte de sustento, tendo sido complementada pela agricultura, pela apanha de melão e melancia, e pela *monda*[35] do arroz, pouco depois da iniciar a escassez de peixe no rio Tejo.

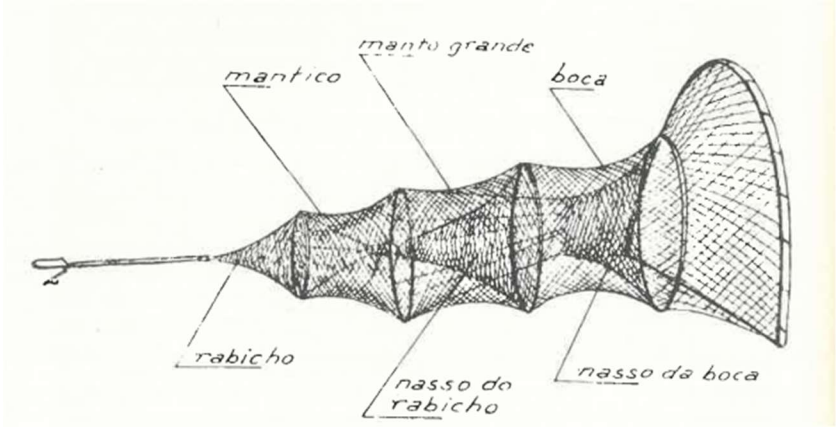


Ilustração 32 - Rede de pesca "nassa", Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", 1985).



Ilustração 33 - Família Avieira, na faina da pesca, no rio Tejo - Vila Franca de Xira, José Palha. . (disponível em exposição e livro Tejo acima, 1952).

[34] nome feminino; tripulação de navio ou barco de pesca; associação de pescadores companhas – no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora. (Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/companhas [visualizado em 2025-09-12 14:54:19]).
[35] nome feminino - ato de mondar; arranque, ou outro processo de eliminação, das ervas nocivas às sementeiras, no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora. (Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Mondas [visualizado em 2025-08-22 14:57:04]).

A **gastronomia**, onde o peixe tem papel principal, sendo nos dias de hoje, atração que leva a estas aldeias e cidades próximas, muitos curiosos e turistas. Realizam-se vários festivais gastronómicos em cidades e aldeias do Ribatejo, assentes sobre o tema do peixe do rio, como é o caso do "Festival do Rio" nas Caneiras, ou "O mês da enguia" em Salvaterra de Magos. Mas o que é hoje em dia uma iguaria, foi em tempos o único alimento dos avieiros, tendo-se tornado parte da sua cultura e identidade.

> Já na véspera houvera jantar de noivos.
> A festa só corre bem com seis quartéis de comer, onde não entra escama de peixe, pois andam bem fartos dele a vida inteira. Em dias aluminados só conhecem carne nas panelas. (Redol, 1942, P. 79)



Ilustração 34 - Mulheres Avieiras; Aldeia piscatória Avieira das Caneiras, Santarém; Maria Adelaide Neto Salvado; Proprietário: Maria Adelaide Neto Salvado. (disponível em exposição e livro Tejo acima, anos 50)

A **religiosidade**, é para os avieiros muito importante, mas muito própria. Não vão à missa, e não havia padre que se deslocasse às aldeias avieiras, pelo que, se dizia que tinham uma "religiosidade sem padre"[36], mas à qual se agarravam fervorosamente principalmente em tempo de aflição ou tempestade. São uma população muito crente e religiosa, mas que se mistura com as mesinhas e crendice e até alguma mediunidade.

A imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo (Ilustração 35), consagrada pelo Sr. Bispo de Santarém, D. António Plínio Domingues, em 04 de maio de 2013, na Igreja de Jesus Cristo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém e coroada em Vila Velha

[36] Informação recolhida por nós, em entrevista, ao Dr João Serrano – não iam às igrejas, e não havia padre que visitasse estas aldeias.

de Ródão pelo Sr. Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. António Eugénio Fernandes Dias, em cerimónia religiosa a 02 de maio de 2015, integrada no Encontro Diocesano de Portalegre e Castelo Branco. É esta imagem peregrina que é tida como protetora de todas as comunidades e conforme o nome indica, do Tejo também. (Ferro, 2015, p. 63)



Ilustração 35 - Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo. (disponível em cartaz do cruzeiro religioso e cultural do Tejo, 2025)

A **casa**, vernacular, palafita, feita com base nas suas origens da Vieira de Leiria, e dos seus palheiros, embora, à semelhança do barco, adaptadas à sua vida nas margens do rio, será o objeto de estudo deste trabalho de investigação.

Dos barcos acostados nas margens, às palafitas de madeira, passando pelos barcos casa, as barracas de caniço e as palhotas (imagens das ilustrações 36 a 38), são poucos os exemplos que conseguimos encontrar à data desta investigação, nas margens do rio Tejo.

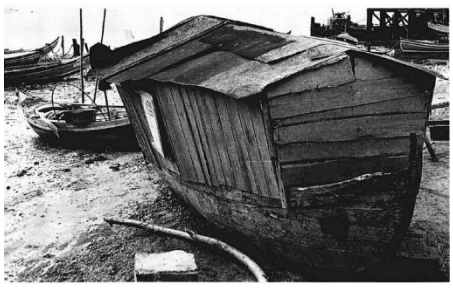


Ilustração 36 - Barco casa. (disponível em Construções Primitivas em Portugal, imagem 312)



Ilustração 37 - Casa de caniço. (disponível em Os últimos avieiros da Chamusca)



Ilustração 38 - Casa de madeira (disponível em Os últimos avieiros da Chamusca)

Onde outrora abundavam exemplos de arquitetura palafita em diversos assentamentos avieiros, hoje encontramos ruínas, reabilitações sem conhecimento das origens desta tipologia ou até mesmo, nada.

> …a habitação do avieiro durante o período de permanência na Borda de Água, era um barraco precário e provisório, e principalmente a bateira varada na margem. Hoje, grande parte das gentes possuem, se não uma casa de pedra e cal (cuja construção também aqui não é permitida), pelo menos um palheiro de tabuado, geralmente montado sobre estacaria, mesmo junto à água; e existem agrupamentos destes palheiros, constituindo verdadeiras aldeias, ao longo do rio: Palhota, Caneiras, Escaroupim, Monteira, etc. (Oliveira, Galhano e Pereira, 1969, p. 289)



Ilustração 39 - Barco casa. (disponível em Construções Primitivas em Portugal, imagem 308)

Os avieiros recorreram a sistemas construtivos já postos em prática noutros areais, construindo os seus lares, à semelhança dos denominados palheiros, pequenas casas em madeira assentes em estacaria para evitar a formação de dunas sob a habitação (no caso dos palheiros do Litoral). No caso das construções avieiras, a estacaria palafítica evitaria inundações aquando da subida das margens do Rio Tejo em época de cheia. Estas construções foram sendo implantadas ao longo do Rio Tejo, surgindo os primeiros assentamentos. A estas deram-lhes o nome de “barracas” ou “palhotas”, que quando construídas em número, são denominados de assentamentos. E foram vários os assentamentos ao longo das margens do Rio Tejo durante o século XX. São exemplo disso o Porto das Mulheres, a Azinhaga, o Patacão de Cima e de Baixo, a Torrinha, as Barreiras da Bica, Alfange, Caneiras, Vale Tijolos, os Cucos e Faias, as Isabelinhas e Oliveirinhas, o Porto do Sabugueiro, a Palhota, o Porto da Palha, a Casa Branca, a Aldeia do Peixe, o Vau, o Reguengo, a Vala do Carregado, o Esteiro do Nogueira, Sacavém, o Poço do Bispo, o Porto da Carrasqueira e as Mouriscas, grande

parte delas já desaparecida ou abandonada, das quais, cinco, serão caso de estudo mais à frente, nesta investigação.



Ilustração 40 - Aldeia piscatória das Caneiras, Santarém, Andrée Gaubert. (disponível em exposição e livro Tejo acima, s.d.).

Os assentamentos avieiros existiram em três formas distintas: construções isoladas, associadas geralmente à presença de apenas uma família; grupos de várias construções, normalmente, duas ou três, associadas a várias famílias com relações estreitas entre si; ou aldeias ou conjuntos habitacionais, doravante denominados de polinucleados, correspondente ao alinhamento de várias casas dispostas de forma paralela ou até perpendicular ao rio (exemplo dos nossos casos de estudo, e a única forma de assentamento, existente à data desta investigação).



Ilustração 41 – Imagem do núcleo 2 do assentamento palafítico do Patacão de Cima, Alpiarça. (disponível na dissertação de MIA de Amália de Oliveira, 2018).

3.1. CULTURA AVIEIRA E O RIO TEJO

O Rio Tejo, é um rio internacional que percorre 1070 quilómetros (Ilustração 42), sendo o mais extenso da Península Ibérica (destes 1070, apenas 272 quilómetros são em Portugal). Nasce em Espanha, na Serra de Albarracín[37], percorre cerca de 50 quilómetros entre Portugal e Espanha, o chamado Tejo Internacional, e entra em Portugal em Vila Velha de Rodão, atravessando o nosso país, e antes do seu encontro com o Oceano Atlântico, dá forma a um grande estuário, em Lisboa, com cerca de 15 quilómetros de largura máxima, sendo o maior da Europa Ocidental. (Travassos, 2020, p. 10)

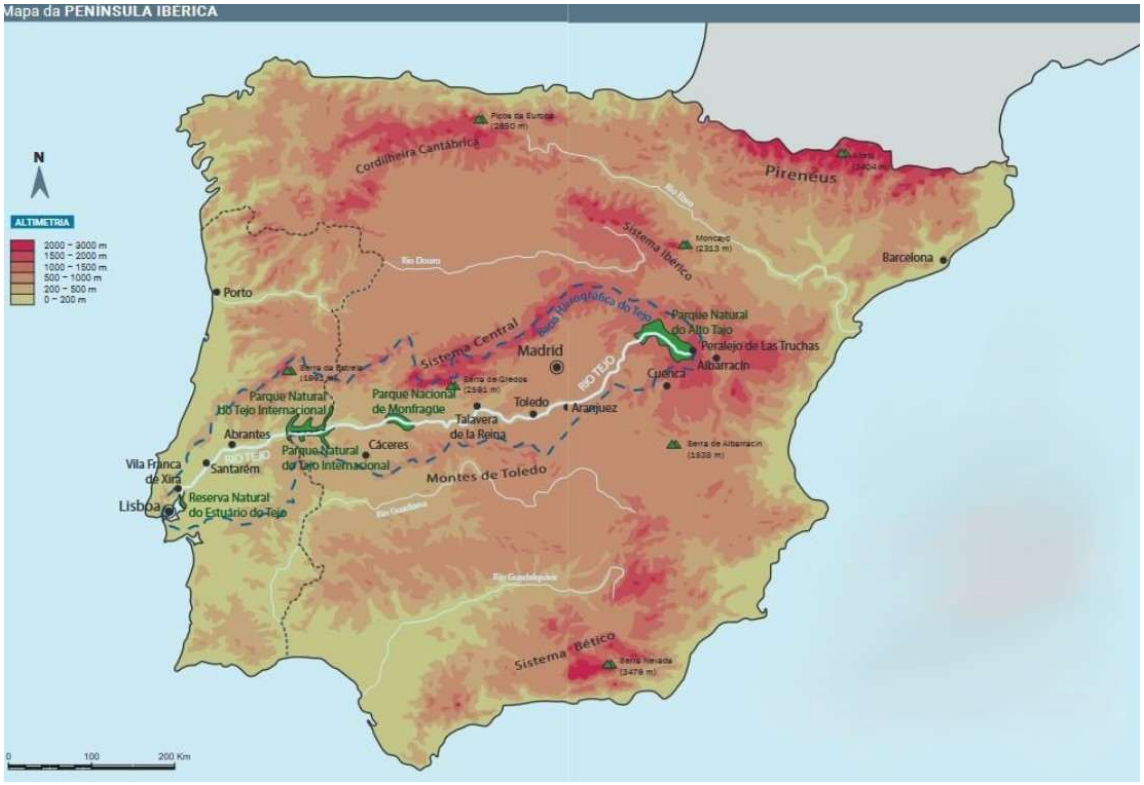


Ilustração 42 - Mapa da Península Ibérica. (Travessia do Rio Tejo*, in Guia do Rio Tejo – desde a nascente até à foz,* 2020)

A fauna e a flora são de enorme riqueza, quer pela quantidade quer pela diversidade. O rio Tejo passa por serras e vales, cidades e aldeias, matos e bosques, é atravessado por dezenas de pontes, com inúmeras praias fluviais, albufeiras, castelos, trilhos, percursos pedestres, zonas identificadas como património mundial da UNESCO, um parque internacional (gerido por Portugal e Espanha), vários parques naturais, centros de investigação, de visitantes e interpretativos.

[37] Nasce a 1593 metros de altitude. (Travessia do Rio Tejo*, in Guia do Rio Tejo – desde a nascente até à foz,* 2020)

No troço 6 do *Guia do Tejo*[38], encontramos várias páginas que descrevem o troço entre Abrantes e Vila Franca de Xira, onde são mencionadas as várias aldeias avieiras, tanto as já extintas como as ainda existentes (Ilustração 43).

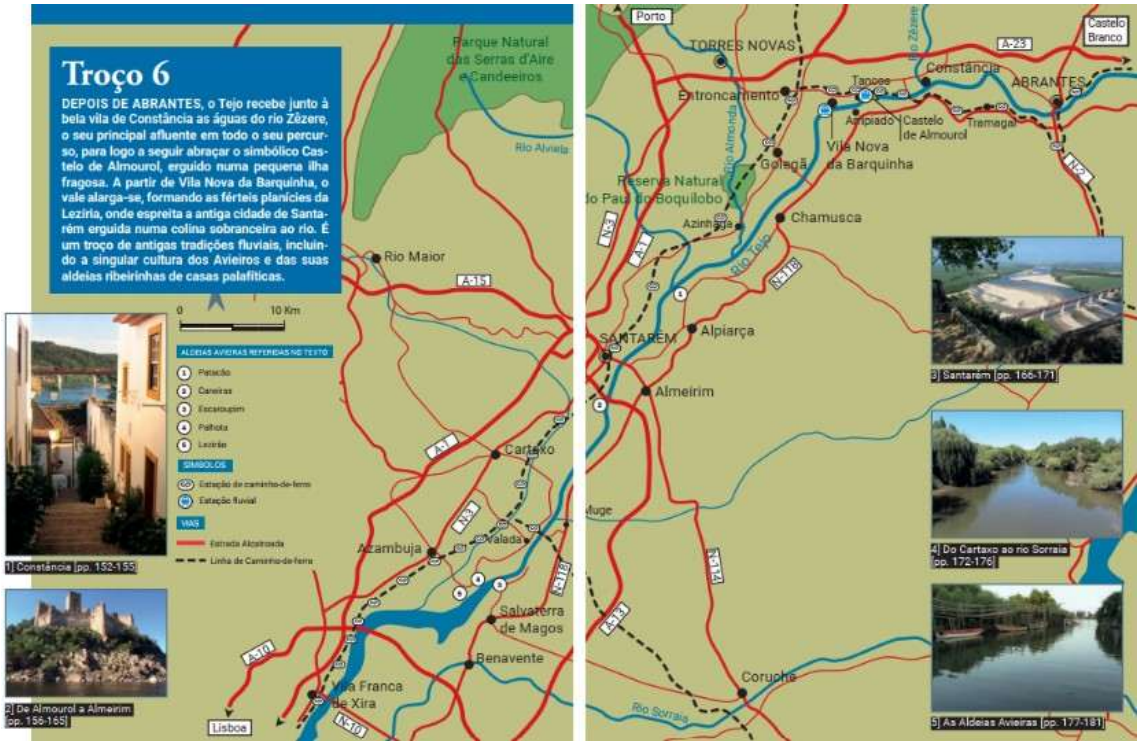


Ilustração 43 - Mapa do troço 6 da Travessia do Rio Tejo em Portugal. (*Guia do Rio Tejo – desde a nascente até à foz*, 2020)

O rio Tejo sempre atraiu pescadores, gente que vinha do mar à procura de pão e de uma vida melhor. No verão pescavam nas águas salgadas do mar, e no inverno procuravam sustento nas águas doces e mais calmas dos rios, principalmente do Tejo e do Sado.

Para além de constituir o elemento histórico na génese de todas as aldeias avieiras, o rio define quer os elementos morfológicos (como as palafitas ou os alinhamentos) quer o modo como estes se relacionam entre si (ruas paralelas; ritmo entre vazios (exterior) e cheios (edifícios); ou a orientação das fachadas).

A existência da cultura Avieira tem sido reconhecida ao longo de décadas, tendo um conjunto de especificidades (linguísticas, económicas, gastronómicas, arquitetónicas, religiosas e sociológicas) próprias de uma população migrante, oriunda da zona de Vieira de Leiria, que se instalou ao longo dos tempos nas margens do Rio Tejo.

[38] Guia sobre o Rio Tejo, publicado pela Câmara Municipal de Lisboa no âmbito das edições "Lisboa Capital Verde Europeia 2020".

Quando falamos em cultura avieira temos de falar, inevitavelmente, da bateira, da casa, da pesca e da gastronomia, mas também do papel importantíssimo da mulher e da família, da religiosidade, dos seus trajes, cantares e danças, das migrações e dos assentamentos daí resultantes. De entre estas especificidades, existem algumas que contribuíram para o distanciamento destas populações relativamente ás populações de aldeias ou cidades vizinhas, como é o caso da importância e presença forte do núcleo familiar, pois tornou a sua integração nas comunidades ainda mais difícil. Também a pobreza e a precaridade das condições de vida dos avieiros (que durante décadas viveram nos seus barcos), levaram as populações locais a apelidá-los de *ciganos do Tejo*, denominação inicialmente formulada por Alves Redol. O escritor passou uma temporada numa casa típica avieira, na aldeia da Palhota (Ilustração 45), que lhe permitiu ver de perto, e descrever o modo de vestir e de falar, a gastronomia, o modo de construir abrigos, e os artefactos utilizados por esta população, marginalizada e excluída pelo seu modo de vida peculiar. Eram um povo que vivia da pesca, passando por dificuldades, mas sempre com orgulho nas suas origens e crenças.



Ilustração 44 - Placa no largo da aldeia da Palhota. (fotografia nossa, 2024)



Ilustração 45 - Casa-Museu onde viveu Alves Redol. (fotografia nossa, 2024).

> […] A aldeia avieira está condenada a ser engolida pela modernidade. (…) Os ciganos do Tejo, *nómadas do rio*, como Alves Redol escreveu, andavam pela borda d'água por vezes montando tenda em terra, com as velas dos barcos, até um guarda rio os escorraçar. Mais tarde foram construindo as suas barracas sobre paus, que se fizeram casa, com emenda e remendos, à medida que o peixe vinha e o dinheiro trazia também, e uma e outra madeira que o Tejo, generoso, lhes oferecia. (Alves, 2003, transcrição de vídeo)

O declínio desta população avieira dá-se com a escassez de sável no rio Tejo, no final do século XX. Por essa altura, muitos foram os avieiros que procuraram outras fontes

de rendimento, indo procurar trabalho na agricultura, na apanha do melão ou na monda do arroz, mais uma vez, na tentativa de ter melhores condições de vida.



Ilustração 46 - Famílias Avieiras nos Barcos-Casa, ou Bateiras, Vila Franca de Xira, Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", anos 50)

Este conjunto de características únicas deram origem a uma candidatura a património nacional imaterial, das artes e saberes de construção e uso da bateira avieira no rio Tejo, em 2015 – no âmbito do trabalho de caracterização e divulgação da cultura avieira que o IPS desenvolveu desde 2006, ficando muito aquém das expectativas, bem como outras iniciativas, como congressos, seminários, cruzeiros fluviais (que existem à data) e vários encontros e reuniões sobre o tema, organizados pela AIDIA, por simpatizantes, habitantes locais, voluntários, os ASF-P, o IPS, e outros demais, com o intuito de não deixar cair no esquecimento esta cultura, a sua memória e a sua arquitetura.

3.2. TIPOLOGIA ARQUITETÓNICA DAS CASAS AVIEIRAS

> As palhotas são todas iguais. Quatro prumos metidos no chão e varas de madeira a segurar o telhado coberto pelo carroicil das abertas, que é a melhor palha nascida na vegetação da Lezíria. O material das paredes vem da mesma origem. Apodrece depressa, mas depressa se refaz. E como o vento do norte sopra rijo e traz frio, os pescadores põem na parede desse lado latas velhas e pedaços de madeira que acham nos valados ou as enxurradas trazem no Inverno. Não espanta que pareçam vergonhosas de ali estarem; e acaçapam-se. Entra-se nelas de cabeça baixa como na vida. (Redol, 1942, P. 216)

A natureza sazonal da permanência dos avieiros no Tejo, era bem visível na sua maneira de vivenciar os seus barcos, pois era neles que habitavam e trabalhavam (Ilustração 47). Numa lógica de racionalização de espaço, o barco estava dividido em três zonas distintas. Na proa, a zona de dormir, protegida por um oleado, que durante o dia servia de zona de trabalho, ou seja, para a prática da pesca; no centro da embarcação funcionava a zona de preparação e partilha de refeições; e por fim, na popa, o espaço que estava destinado a arrumar o material de pesca. Era neste espaço que vivia uma família, constituída habitualmente por um casal e os filhos, dividindo as tarefas entre si.

> "… acontece que, se se tem mais do que um barco, enquanto um anda na pesca e fica permanentemente no rio, o outro barco é tirado para terra e colocado sobre caixotes e toros de madeira. É ele que funciona como casa.
> Outrora era muito vulgar esta forma de habitar em terra e, se bem que agora raramente, estes barcos erguidos do solo, rodeados pelas redes pendentes de estacas e pela roupa secando nos valados, lembram estranhas casas em forma de barco e traduzem o primeiro passo na sedentarização dos avieiros." (Salvado, 1985, P. 56 e 57)



Ilustração 47 - Bateiras em seco, na margem do Tejo, Maria Adelaide Neto Salvado. ("Os Avieiros nos finais da década de cinquenta", 1985).

Inicialmente, os avieiros ficaram junto à cota do rio, dentro das suas embarcações, mas mais tarde começaram a fixar-se e a construir as suas próprias habitações em zonas mais altas e mais afastadas do leito do rio, tentando abrigar-se, tanto quanto possível, das inundações do Tejo. Estes espaços serviram, inicialmente como armazenamento de todo o material de pesca, passando a abrigo para as famílias, tendo uma matriz construtiva comum com os palheiros da costa litoral do país (Ilustração 48), uma construção essencialmente em madeira, sobre pilares, denominada, doravante, matriz dominante.

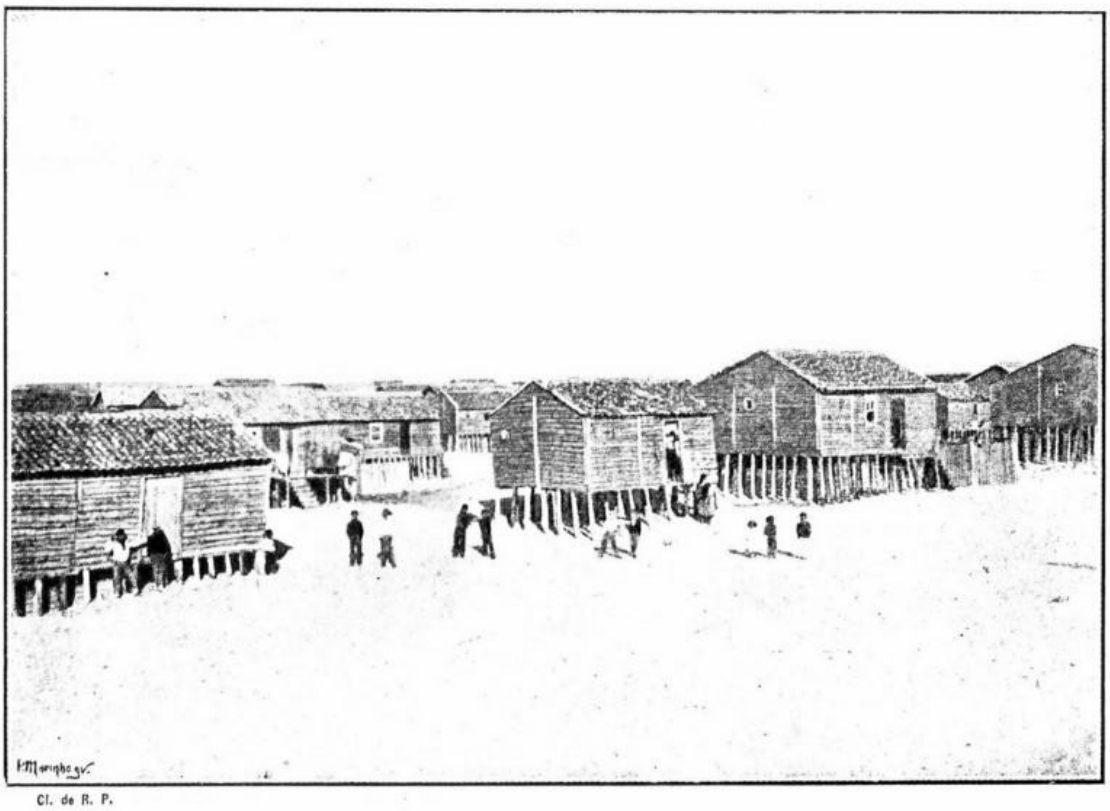


Ilustração 48 – Um aspeto da Cova de Lavos, Figueira da Foz, Portugal, Rocha Peixoto (*Etnografia portuguesa*, imagem 1)

Existem também, casas avieiras de matriz não dominante, que por se encontrarem afastadas das margens do rio, diminuindo o risco de inundação, como é o caso da maioria das ainda existentes na aldeia do Escaroupim, foram construídas ao solo, ou sobre pequenos pilares já de alvenaria (tentando manter a sua identidade palafítica); ou na sua maioria, cozinhas, construídas em anexo, devido ao risco de incêndio.

> E os avieiros sem casa, vagabundos do rio, começaram a erguer por ali as suas barracas. Pequenas, talvez para que as não vissem; ou tímidas para que não as mandassem destruir. Ou pequenas e tímidas por causa dos materiais e das agruras do tempo. (Redol, 2023, p. 215)

Os abrigos dos avieiros eram habitualmente construídos com o caniço, apanhado nas margens do Tejo, que crescia pelos valados da borda d'água. Utilizavam-no tanto para revestimento das paredes das casas, formando uma estrutura autoportante, como para a cobertura. Para a estacaria cravada no lodo, onde assentava a casa, utilizavam troncos de madeira das árvores que encontravam nos terrenos próximos, ou que compravam com grande sacrifício aos donos das terras vizinhas. As paredes eram também elas revestidas a caniço, e evoluíram posteriormente para o uso de tábuas de madeira (Ilustrações 49 e 50), e mais tarde para o contraplacado, desvirtuando a imagem original da casa avieira.

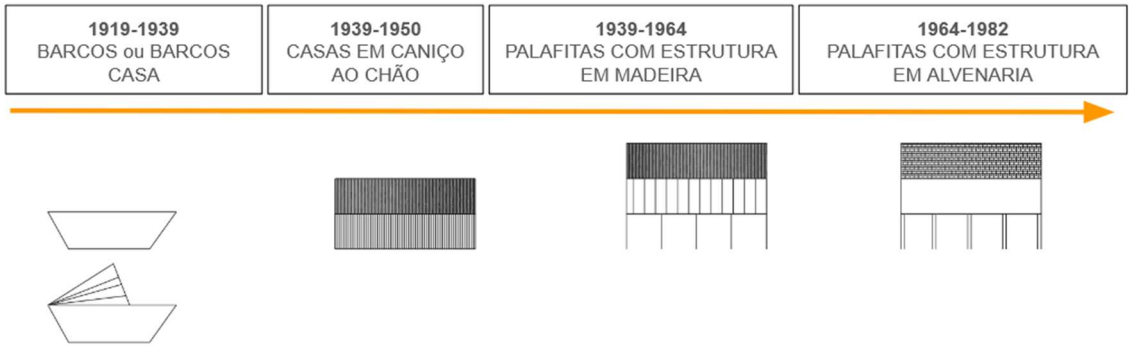


Ilustração 49 - Evolução das construções avieiras ao longo das décadas. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 50 - Evolução da casa avieira, ASF-P. (disponível no cartaz de apresentação no 2º congresso da cultura avieira, 2010)

São já muito poucas as casas que se mantém iguais à matriz original, à exceção das da aldeia do Patacão, embora esta se mantenha, por não ter qualquer intervenção humana a desvirtuá-la, há décadas.

A maioria das casas dos assentamentos em estudo estão elevadas do solo, não sobre estacaria de madeira, como originalmente seriam, mas já sobre estacaria de alvenaria ou betão, e grande parte delas, fechadas ao nível do piso térreo, criando uma zona de arrumação. No entanto, o sistema construtivo mais utilizado seria de pilares e vigas, descrito adiante:

Este sistema construtivo caracteriza-se pela sobreposição dos elementos estruturais nos pilares: a viga perimetral do sobrado assenta sobre o pilar, a viga de soalho assenta sobre a viga perimetral e, por sua vez, o prumo assenta sobre a viga de soalho. Esta situação permite uma independência estrutural entre os pilares e a estrutura da barraca, representando uma mais-valia na circunstância ser necessária a sua deslocação. (Calor, 2011)

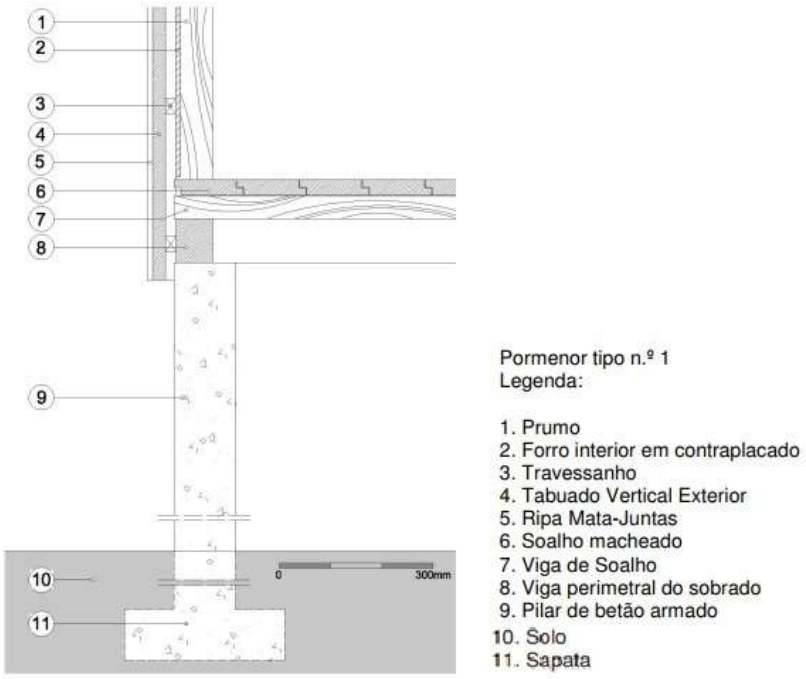


Ilustração 51 - Pormenor construtivo, Inês Alhandra Calor – ASF-P. (Técnicas construtivas avieiras, 2011).

A casa típica avieira (Ilustração 52), caracteriza-se por ser construída pelos próprios avieiros, com os materiais que conseguiam arranjar, normalmente o que houvesse nos locais onde assentavam. Com uma planta de estrutura simples, retangular, feita com estrutura de madeira, num sistema de quatro pilares por três, com travamento em vigas de madeira, revestida no exterior por tabuado de madeira. O acesso à casa era feito por uma pequena escadaria exterior em madeira, ou, no caso do Patacão de Cima, por laje de cimento sobre pilares de um lado e do outro apoiada no dique, que faria de passagem e acesso ao interior da casa, ou através de um alpendre feito, primeiramente em madeira, mas substituído ao longo do tempo, por uma estrutura de ferro e cimento (semelhante ao betão armado).

O alçado principal era composto por uma porta (ou duas – esta segunda de acesso ao espaço onde tinham o material de pesca e remendavam as redes), e algumas janelas (uma, duas ou até três, dependendo do tamanho da habitação); no alçado posterior, uma ou duas janelas, de duas folhas, de madeira e vidro, como as do alçado principal;

e os alçados laterais, eram empenas cegas, desencostados das casas vizinhas (para evitar a propagação de fogo, que acontecia com frequência nesta altura).

A estrutura da cobertura era feita em madeira, num sistema de asnas sobre as vigas e os pilares da estrutura da casa, com cobertura de duas águas, originalmente, revestida a caniço, mas todas elas substituídas por telha ou até mesmo materiais mais recentes, que em nada representam a estrutura original.

Uma vez no interior, a habitação divide-se, em quase todos os casos de estudo, em três ou quatro espaços, a zona de trabalho e/ou cozinha, que poderia ter uma chaminé (com acesso para o exterior e para o espaço contiguo de arrumação); a zona de sala, onde a família se reunia e fazia as suas refeições, podendo até fazer de quarto, quando a família era numerosa; e dois pequenos quartos, que por vezes eram fechados com tabuado e porta, mas na sua maioria tinham apenas cortinas, panos, ou tecidos, para os tornar mais privados. Por cima dos quartos e da cozinha ou sala, havia uma zona de laje de madeira que servia para guardar o material de pesca, tornando o pé direito nestas zonas, bem mais baixo, sendo por vezes inferior a 2 metros.

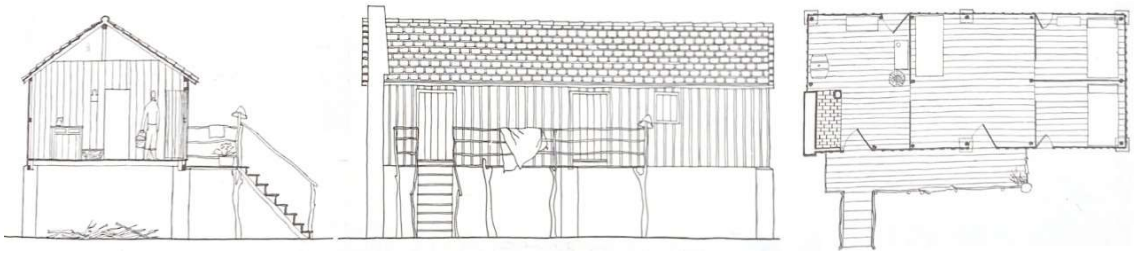


Ilustração 52 - Casa típica avieira das margens do Tejo - Alçado lateral, frontal e planta, respetivamente. (adaptado a partir de *Arquitetura Popular em Portugal,* pág. 383).

No exterior, num espaço adjacente à casa principal, ou nalguns casos (como são exemplo algumas habitações na aldeia das Caneiras), do outro lado da rua, em frente à casa principal, havia um pequeno anexo, com estrutura em madeira, onde eram preparadas as refeições, cujo exterior era em tabuado e pintado da mesma cor da casa principal, para facilmente identificar a quem pertencia (característica que ainda hoje podemos verificar). As cores mais utilizadas no exterior das casas eram o amarelo, o verde, o azul, e o vermelho, cores garridas, havendo alguns exemplos de utilização de branco ou creme (Ilustração 53). O interior, podia ser apenas de tabuado, ou ter forro e -nesse caso, as paredes eram pintadas de várias cores, dependendo da zona da casa (encontrámos exemplos de rosa e azul nos quartos, amarelo e verde noutras zonas).

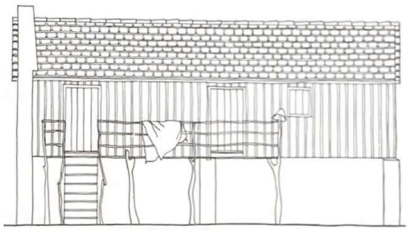
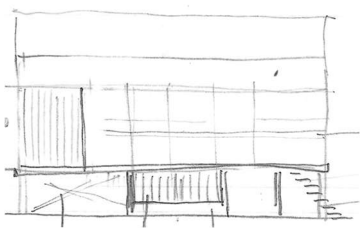


Ilustração 53 – Imagem do núcleo 2 do Patacão de Cima, Alpiarça. (disponível em *blog lugar do tempo*, 2011).

As características da casa avieira da altura do seu aparecimento, são bem diferentes do que encontramos nos dias de hoje nestes assentamentos. O desconhecimento e o abandono, trouxeram degradação ou reabilitação descontrolada, facto que originou aldeias bem distintas da matriz original, edifícios fora de escala, com materiais pouco nobres e desajustados do seu passado, ruínas, casas devolutas, aldeias sem vida, o oposto do que seriam as aldeias avieiras do rio Tejo, cheias de pescadores e as suas famílias, no início do século XX.

Podemos, então, concluir que são já poucas as casas existentes, com as mesmas características da matriz arquitetónica original avieira, havendo apenas as que estão próximas desta, como é o caso do Patacão, que desaparecerá se não for alvo de uma intervenção rápida e profunda. Com base na informação recolhida, nas várias deslocações que fizemos a estas aldeias, no decorrer da investigação, em diversas alturas do ano, e também na recolha de dados de outros trabalhos de investigação já elaborados no passado, executámos a *Tabela 2*, que compara a matriz inicial destas construções com o seu estado atual, levando-nos a concluir, que com o passar do tempo, irão, provavelmente desaparecer, caso nada seja feito no sentido de preservar a cultura avieira e a sua identidade arquitetónica.

Tabela 2 – Principais diferenças entre a matriz arquitetónica inicial das casas avieiras e a atualidade

	Matriz Inicial	Estado atual
Habitação sobre palafitas	Estrutura de pilares em madeira	Estrutura de pilares em alvenaria, e na sua maioria encerradas
Paredes exteriores	Com estrutura de madeira (a que encontravam, ou conseguiam comprar), e revestidas pelo exterior a caniço ou a tabuado de madeira	Estrutura de madeira ou de alvenaria, revestidas a madeira, contraplacado ou zinco; e nalguns casos, construídas em betão e alvenaria
Materiais de construção	Madeira, caniço e colmo	Pedra, tijolo, betão, telha, contraplacados, zinco
Cobertura	Estrutura de asnas de madeira, coberta de caniço (substituída por telha cerâmica ou zinco), habitualmente de duas águas	Estrutura de asnas em madeira, coberta com telha cerâmica ou outros materiais equiparados, de duas ou quatro águas
Pintura exterior	Cores vivas, que sobravam da pintura do barco (ficando ambos com a mesma cor, identificando a família) – verde, azul, vermelho, amarelo	Aparentemente, sem critério (casa principal e anexo pintadas da mesma cor)
Alpendre	Feito em madeira com uma pequena e rudimentar escada exterior feita em madeira de acesso à cota da habitação	Estrutura e escada feita em betão e/ou alvenaria; nalguns caos transformada em marquise, e construída uma instalação sanitária
Cozinha	Uma fogueira no exterior da casa, ou uma pequena chaminé, em alvenaria, dentro de casa	Colocada em anexo, devido à facilidade com que se incendiavam
Localização	Em terrenos alheios	Em terrenos alheios
Tipologia	Dominante (sobre palafitas) + não dominante (ao chão)	Palafitas encerradas, dando ideia de serem ao chão (na sua maioria para aproveitamento do espaço térreo)
Imagem	 In Arquitetura Popular Portuguesa	 Fotografia nossa
Alçado	 In Arquitetura Popular Portuguesa	 Ilustração nossa

Fonte: Investigação nossa, com base na informação do apêndice A, 2024

3.3. CASOS DE ESTUDO

> Com a fixação e o aumento progressivo da população avieira, foram crescendo à beira do Tejo, aqui e além, aglomerados populacionais de uma certa importância, verdadeiras aldeias, muito típicas nas suas casas de madeira.
> As mais significativas dessas aldeias, avaliando o seu valor pelo maior número de habitações, são a Palhota, o Conchoso, o Escaroupim, a Casa Branca, Vau e Caneiras. Aldeias distantes umas das outras, mas onde em cada se respira igual serenidade, que resulta da lezíria, dos salgueiros debruçados sobre o Tejo, das praias de areia branca onde as águas das marés desenham pequeninas ondas… (Salvado, 1985, p. 39)

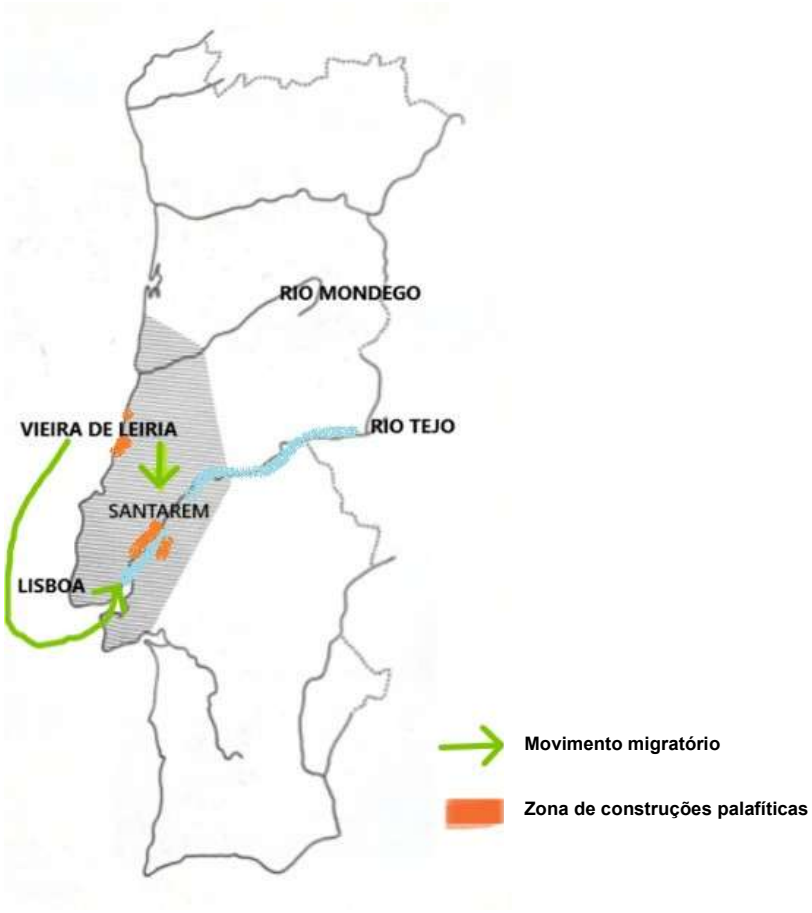


Ilustração 54 - Mapa de Portugal, ilustrativo da movimentação dos avieiros e consequentes assentamentos. (ilustração nossa, 2025).

Por núcleo avieiro entende-se o conjunto de edifícios cuja matriz arquitetónica corresponde às tipologias da casa avieira, palafita (dominante) e térrea (não-dominante, normalmente respeitante às primeiras casas em caniço, ou às cozinhas feitas em anexo, posteriormente), ou o caso das habitações do segundo núcleo do Escaroupim (denominado *lado Norte*), feitas sobre pilares muito pequenos, ficando quase térreas. Uma vez que a estrutura urbana das aldeias é polinucleada, o núcleo avieiro pode corresponder a um ou mais núcleos. Em todas as aldeias o núcleo avieiro é o que se localiza mais próximo do rio. Caracteriza-se pela unidade arquitetónica do conjunto das

casas avieiras; pela repetição do sistema construtivo palafítico, tipo e proporção dos elementos da fachada, textura das paredes exteriores em madeira como elemento de unidade ou pintura das paredes exteriores contrastante com a das caixilharias. Estas características reforçam a noção de continuidade na imagem urbana e intimismo nas vivências. (Almeida, 2015, p. 93)

Foi efetuado um levantamento, e elaborado um diagnóstico dos assentamentos avieiros do rio Tejo, pelos ASF-P em 2008, servindo como base à elaboração de estratégias de salvaguarda e recuperação, no âmbito da candidatura da cultura avieira a património imaterial nacional, levado a cabo pelo IPS em conjunto com outras entidades privadas. Este foi feito com base em recolhas de campo no período entre setembro e dezembro de 2008, através de testemunhos de avieiros e descendentes, recolha fotográfica dos locais e construções, e concluíram que:

> Os resultados deste reconhecimento no terreno, revelam a extrema fragilidade dos vestígios ainda existentes e uma acentuada tendência para o seu desaparecimento definitivo.
> (…) qualquer intervenção ao nível do edificado ou do espaço exterior deverá, por isso, ser pensada em conjunção com outras dimensões do problema: sociais, económicas, de respeito pelo ambiente, no que se designa de "intervenção sustentável" para o território. A título de exemplo, refira-se que uma intervenção ao nível do edificado poderá ser conjugada com a criação de oportunidades e condições de acostagem de barcos de recreio que, vindos de Lisboa, possam trazer uma população que crie novas oportunidades de programas de intervenção para a zona (por exemplo, locais para pernoitar ou estruturas desportivas e de lazer ou ainda oferta de restauração). Estes novos programas poderão, por sua vez, justificar intervenções mais alargadas ao nível das acessibilidades, do desenho do espaço público e da criação de infra-estruturas (por exemplo, melhoria do saneamento) para os povoados existentes e, simultaneamente, alargar as possibilidades de fontes de rendimento para as populações locais. (Palla e Gaspar, 2008, p. 16)

Os assentamentos avieiros que identificámos a verde na lustração 55, e escolhemos como casos de estudo, são cinco dos quarenta e três, identificados pelos ASF-P, e diferem entre si em vários aspetos, embora todos eles tenham origem na migração dos pescadores do Litoral Norte para as margens do Tejo, e tenham originado diferentes assentamentos, quer na sua forma, quer na sua tipologia de construção, estando ao dia de hoje, em condições também elas bastante diferentes. Dos quarenta e três identificados pelos ASF-P, os nossos casos de estudo são dos poucos assentamentos avieiros que podemos ainda hoje visitar, estando os restantes, já parcial ou totalmente, desaparecidos.

Autarquia	Aldeias, Assentamentos ou locais	
Chamusca	Porto das mulheres.	Mouchão de S. Brás.
Golegã	Azinhaga.	Moitas.
Alpiarça	Patacão de Cima Patacão de Baixo Torrinha	Porto de Courela Touco Gouxa
Santarém	Barreiras da Bica 1, 2 e 3 Alfange	Caneiras
Almeirim	Vale Tijolos	
Salvaterra de Magos	Cucos Faias Isabelinhas Oliveirinhas Porto de Sabugueiro	Porto de Muge sul Porto de Muge norte Escaroupim Boca da Vala
Cartaxo	Palhota	
Azambuja	Porto da Palha Casa Branca	Obras
Benavente	Aldeia do Peixe Vau	Toureira Conchoso
Vila Franca de Xira	Reguengo Vala do Carregado Esteiro do Nogueira	Cabo Alhandra Póvoa Stºa Iria
Loures	Sacavém	
Lisboa	Poço do Bispo	
Grândola	Porto da Carrasqueira	
Setúbal	Mouriscas	

Ilustração 55 - Tabela efetuada pelos ASF-P, em 2008 - Identificámos a verde os assentamentos que ainda hoje existem, e que serão casos de estudo neste trabalho de investigação. (disponível no documento apresentado no 2º congresso da cultura avieira, 2010)

Estes assentamentos localizam-se junto ao rio Tejo, em ambas as margens, e apresentam diferentes tipologias urbanas e arquitetónicas, e de relação com o rio. Alguns núcleos estão isolados, junto ao rio, afastados dos grandes centros urbanos, como é o caso do Porto da Palha, da Palhota e do Patacão; e outros estão localizados a pouca distância das cidades, em relação às quais funcionam como subúrbios, permitindo deslocações diárias, como é o caso das Caneiras ou do Escaroupim.

No que diz respeito à organização espacial identificam-se, também, duas situações distintas, em termos de aldeias. Aldeias que são conjuntos compostos de várias casas, palafitas de arquitetura vernacular a que se foram juntando edifícios de diferentes tipologias formando um aglomerado urbano, composto por espaços coletivos como ruas, passeios, largos, e infraestruturas de diversidade funcional, como cafés, restaurantes ou até pequenos museus, como é o caso das aldeias das Caneiras e do Escaroupim; e outras aldeias que são compostas, apenas por conjuntos de casas em

número mais reduzido criando situações de largo ou rua, como é o caso do Patacão (Ilustração 56).

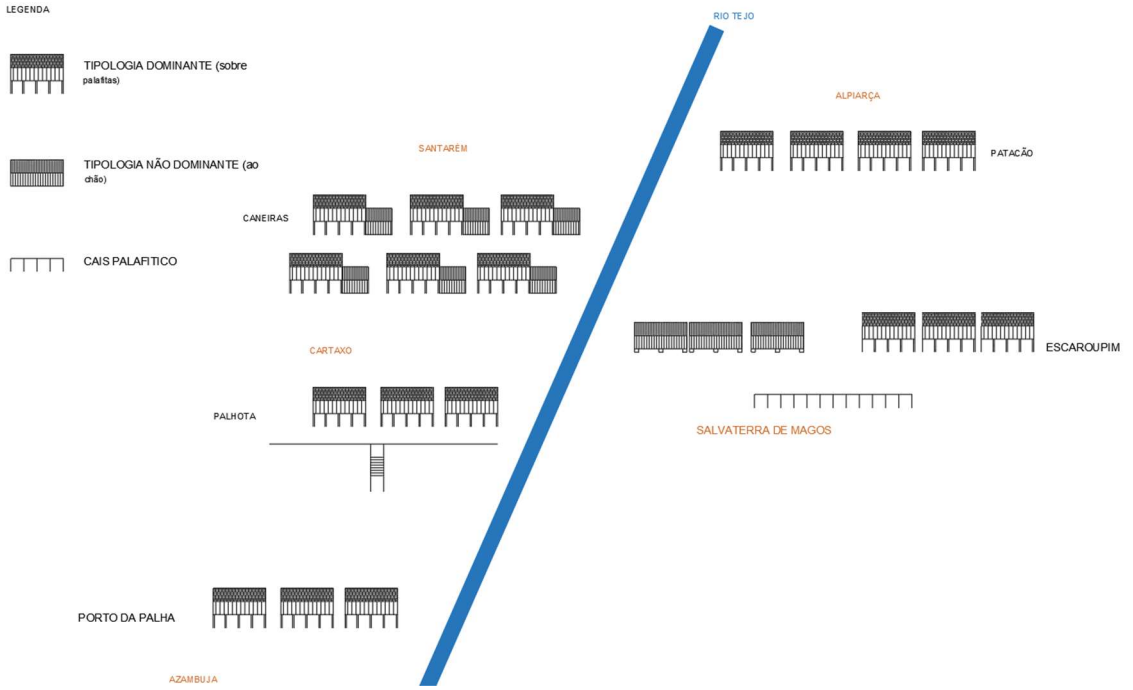


Ilustração 56 - Esquema da tipologia de construção palafítica dos casos de estudo, ilustração nossa, 2025

Podemos afirmar que os principais traços da morfologia urbana comuns às aldeias avieiras são: o desenvolvimento do assentamento urbano de montante para jusante; a estrutura urbana polinucleada; a morfologia urbana linear, paralela ao rio; um ou outro largo pontuam a confluência de arruamentos; as casas isoladas ainda que próximas, com a frente para o rio; o predomínio da habitação com casos pontuais de equipamentos e comércio. (Almeida, 2015, p. 42)

As Caneiras, a mais distante da matriz arquitetónica exterior original, por ter sofrido ao longo dos anos intervenções por parte dos habitantes no sentido de a manter, não tendo sido essa recuperação sempre feita da maneira mais correta, mas a mais habitada, em oposição ao Patacão de Cima, o mais próximo da matriz original, mas completamente abandonada e desabitada. Entre estes dois casos de estudo, temos o Escaroupim, a Palhota e o Porto da Palha, que têm ainda algumas construções próximas da matriz original, mas com grande parte já descaracterizada, embora parcialmente habitadas.

> No passado, as margens do Tejo chegaram a acolher cerca de 80 assentamentos ou aldeias avieiras. (…) As aldeias avieiras guardam ainda belos segredos deste troço do Tejo, das águas espelhadas do seu leito folgado, das praias e salgueiros fondosos ao longo das suas margens, e das ilhas (mouchões) povoadas por grandes aves aquáticas. (Travassos, 2020, p. 179)

Foram as características paisagísticas e morfológicas únicas existentes junto ao Tejo que originaram as aldeias avieiras. As cheias, o rio, a biodiversidade da fauna e da flora fazem destes locais um património valioso que carece de atenção, planeamento e instrumentos que garantam a sua continuidade no tempo e no espaço, para que não se perca a sua memória.

Atualmente, grande parte deste património arquitetónico, urbanístico e cultural já desapareceu, como é o caso das aldeias de Barreiras da Bica, Tourinha, Boca da Vala e Faias e Cucos (ainda identificados na tabela de 2008, efetuada pelos ASF-P, na ilustração 55), cujas imagens ainda existem e pretendemos colocá-las neste trabalho de investigação, como parte integrante da história, e do património construído já perdido fisicamente, mas tentando fazer com que permaneça na memória.

O assentamento de Barreiras da Bica faz parte da autarquia de Santarém (embora se situasse nas margens da foz do Rio Alviela). Chegou a ter três núcleos e cerca de vinte e oito barracas. Está, neste momento, totalmente destruído.


57


58

Ilustração 57 e 58 – Assentamento de Barreiras da Bica. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010).

O assentamento da Torrinha pertence a Alpiarça, assim como o Patacão de Cima e de Baixo, mas dele restam ainda menos vestígios. Seria um dos casos de assentamento de construção isolada, havendo registo e informação de ter vivido apenas uma família no local.


59


60


61

Ilustração 59, 60 e 61 - Assentamento da Tourrinha. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010).

O assentamento da Boca da Vala pertence a Salvaterra de Magos, na margem esquerda do Rio Tejo, como o Escaroupim. Este assentamento foi construído por pescadores que vieram da aldeia do Vau: Manuel Mirão e Chico Narciso; e de acordo com o testemunho do próprio, Manuel Mirão, desmontou a barraca que tinha no Vau, transportou-a até aqui de barco, e voltou a erigi-la. (Cultura Avieira, 2006, p. online)


62


63

Ilustração 62 e 63 - Assentamento da Boca da Vala. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010).

Os assentamentos de Cucos e Faias (também conhecidos por Isabelinhas e Oliveirinhas) pertencem à freguesia de Benfica do Ribatejo, concelho de Almeirim. Segundo testemunhos, existiram várias casas palafíticas neste local, estando reduzidas à memória de quem as viu construídas.


64


65


66

Ilustração 64, 65 e 66 - Assentamentos de Faias e Cucos em 2007. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010).

São várias as características transversais a estes assentamentos, e aos dos nossos casos de estudo. Caraterísticas que são parte da identidade arquitetónica das aldeias avieiras: a estrutura palafítica em madeira, que suporta a casa; a estrutura de pilares e vigas em madeira, feita pelos próprios, o revestimento em tabuado pregado a essa mesma estrutura; o alpendre e a escada que antecede e dá acesso à habitação; a cobertura em asnas de madeira com telha cerâmica; as cores garridas utilizadas para as pintar; a planta e os alçados simples; pé direito baixo; as suas portas e janelas em madeira e vidro. Uma arquitetura com influências trazidas dos palheiros do litoral, de onde são oriundos, mas transformada e adaptada ás margens do Tejo, ás suas necessidades e vivências, tornando-a única e singular, e merecedora de ser recordada.

As cinco aldeias, casos de estudo deste trabalho de investigação encontram-se em locais diferentes ao longo do rio Tejo, nas suas margens direita e esquerda, mais próximos ou mais distantes das cidades vizinhas, em concelhos distintos, com semelhanças e diferenças quer de tipologia urbana, quer de construção das habitações.

O **Patacão**, é a aldeia mais próxima da matriz original, onde apenas encontramos casas sobre pilares (embora já de betão), com a estrutura da casa em madeira revestida a tabuado, e com a cozinha no interior da mesma. As casas encontram-se ligadas ao dique do Patacão por passagens em betão, estando longe do rio (relativamente aos restantes casos de estudo), ainda que dentro do leito de cheia.

As **Caneiras**, são a aldeia mais distante da matriz original, embora a maior em número de casas, tanto no seu núcleo inicial (levado pelas cheias de 1941), como no atual. É também a mais habitada, e talvez por isso, a que sofreu mais alterações relativamente à sua identidade arquitetónica. As duas ruas do núcleo avieiro atual, são compostas de reabilitações completamente opostas das suas antecessoras *barracas*[39], sendo poucos os exemplares que mantêm algumas das suas principais características: a casa sobre pilares, com estrutura em madeira, revestida a tabuado, a cozinha, ao chão, em anexo do lado oposto da rua, com um pequeno alpendre e escada de madeira de acesso à casa, a cobertura em telha com beirado.

O **Escaroupim**, é a aldeia com maior preocupação em manter a cultura avieira viva, com a sua casa-museu, o museu do rio, as pequenas réplicas de palheiros (que embora estejam encerradas, foram construídas para servir de loja de recordações e artesanato), e os passeios de barco pelo Tejo, são alguns exemplos disso mesmo. Quanto ao seu núcleo avieiro, chegaram a ter dois, o núcleo de Salvaterra, o primeiro, do qual já não

[39] Nome dado ainda hoje, pelos locais, às casas sobre pilares neste núcleo avieiro das Caneiras.

existe vestígio, e onde havia “sete casas formando uma única fila, todas de madeira sobre estacas, com varandas e escadas exteriores.” (Salvado, 1985, p. 40), construídas assim pois naquele local, nos invernos mais rigorosos, as cheias chegavam às casas; e o núcleo do norte, onde ainda existem casas próximas da sua matriz original, e onde chegou a haver “trinta e duas casas também de madeira mas quase todas construídas ao rés-do-solo. Apenas oito se levantam sobre estacas, a maior parte das vezes muito baixas […]”. (Salvado, 1985, p. 41).

A **Palhota**, chegou a ter, segundo Maria Adelaide Salvado, “[…] dezanove casas, todas construídas sobre estacas e apenas uma de caniço ao rés-do-solo, destoa do conjunto.*”*, mas o que encontrámos nas visitas efetuadas no decorrer desta investigação, foi uma aldeia com poucos habitantes, com a casa museu fechada e de aspeto pouco cuidado, e a maioria das casas reabilitadas sem ter em conta a matriz original, embora dispostas sobre o que seriam as ruas de casas palafíticas do núcleo inicial. O cais palafítico, todo ele construído em madeira, continua a permitir ancorar as pequenas embarcações de pescadores da zona.

O **Porto da Palha**, é constituído por apenas uma rua paralela ao rio, com casas de um lado e as suas cozinhas em frente. Não há muita informação disponível, mas pelo que apurámos em entrevistas aos habitantes locais, os avieiros foram desaparecendo e os descendentes utilizam as casas ou para refúgio de férias ou de fim de semana. Houve em tempos um restaurante, que levava à aldeia pessoas de outras paragens que apreciavam a sua gastronomia, mas que está encerrado. É a aldeia menos habitada, e embora se encontre bastante alterada, devido a reabilitações sem respeito pela matriz original, conseguimos ainda encontrar alguns exemplos de casas palafíticas onde identificámos traços da matriz original.

> As casas tradicionais dos avieiros são hoje um dos principais eixos identitários daquela cultura - tanto as barracas palafíticas em ruínas do Patacão coo as casas remodeladas do Escaroupim, ou ainda as barracas que evoluíram para um bairro híbrido nas Caneiras. Todas elas têm em comum o facto de terem sido construídas por quem sempre viveu na margem e à margem, em comunidades muito isoladas do resto da população do Ribatejo e que, também por isso, desenvolveram uma identidade cultural tão particular. (Gomes, 2022, p 42)

Com este trabalho de investigação pretendemos compreender a evolução cultural, histórica e social, mas sobretudo arquitetónica, destas aldeias avieiras ainda existentes nas margens do rio Tejo, na zona de Santarém, e chamar a atenção para o que já desapareceu, mas em ambos os casos, perpetuar na história a sua existência.

3.3.1 PATACÃO



67



68

Ilustração 67 e 68 - Mapas com localização do assentamento do Patacão de Cima, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024).

O assentamento do Patacão de Cima, pertence ao concelho de Alpiarça, distrito de Santarém. Localiza-se entre o rio Tejo e a Estrada Municipal (EM) 368-1, que liga Alpiarça a Vale de Cavalos. Situa-se próximo de Alpiarça e tem também, proximidade dos centros urbanos da Chamusca, 16 km a norte; de Almeirim, 13 km a sul; e de Santarém, 13 km a sul, mas na margem oposta (Ilustrações 67 e 68).

Tabela 3 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento do Patacão de Cima

LOCALIZAÇÃO	Estrada Municipal 368-1, Alpiarça
DISTRITO/CONCELHO	Santarém, Alpiarça
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.298028451325074, -8.581118881708157
TIPOLOGIA DO ASSENTAMENTO	Assentamento polinucleado - habitação
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Abandonado/Degradado
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Entre 1870 e 1910
RELAÇÃO COM O RIO	Distante, mas paralela
CAIS PALAFITICO	Não tem
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO INICIAL	23 = 13 + 10
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO ATUALMENTE	9 = 7 + 2
TIPOLOGIA ARQUITETONICA	Dominante (sobre pilares)

Fonte: Tabela elaborada na recolha de informação efetuada no âmbito deste trabalho de investigação, e compilada no apêndice A – Ficha de levantamento da aldeia do Patacão de Cima, Investigação nossa, 2025

É constituído por dois núcleos distintos, totalmente abandonados, à data desta investigação. O início da sua ocupação ocorreu entre os anos 1870 e 1910, dando-se a sua consolidação nos anos seguintes até à década de 80, altura em que se inicia também, o seu declínio e abandono. O núcleo 1 afasta-se cerca de 160 m do rio, no ponto mais afastado, e o núcleo 2 dista 270 m. Ambos compõem o núcleo avieiro do Patacão de Cima, separados entre si cerca de 330 m, com acessos independentes a partir da EM 368-1. (Almeida, 2015)

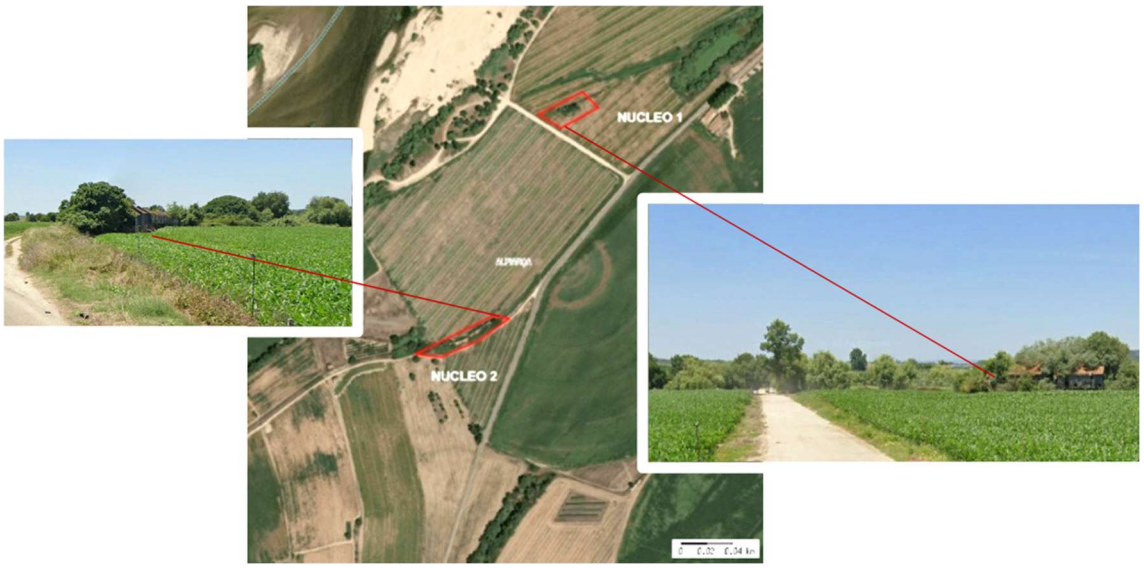


Ilustração 69 - Núcleo 1 e 2. (Ortofotomapa disponível em websig.cm-alpiarça.pt, e com fotografias nossas, 2024).

O núcleo avieiro inicial era constituído por vinte e três palafitas (tipologia dominante), dez no núcleo 1 e treze no núcleo 2, embora os números que mais encontramos em documentos de investigação nos falem em apenas três casas no núcleo 1[40], a carta cadastral rústica disponível na página online da CMA (Ilustração 70), mostra-nos que, em 1966, havia dez casas naquela localização, que diferem, infelizmente, do nosso levantamento, e que nos leva, à triste, conclusão de que já desapareceram oito casas no núcleo 1, e seis casas no núcleo 2 (estando todas em avançado estado de degradação), no espaço de tempo de doze anos.

[40] Dissertação apresentada ao Departamento de Arquitetura da FCTUC para obtenção de grau Mestre - *UMA REINTERPRETAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA ALDEIA DO PATACÃO: Um ensaio crítico para uma arquitectura bioclimática*, de Lara Telma Pires Borges, Coimbra, junho 2013.

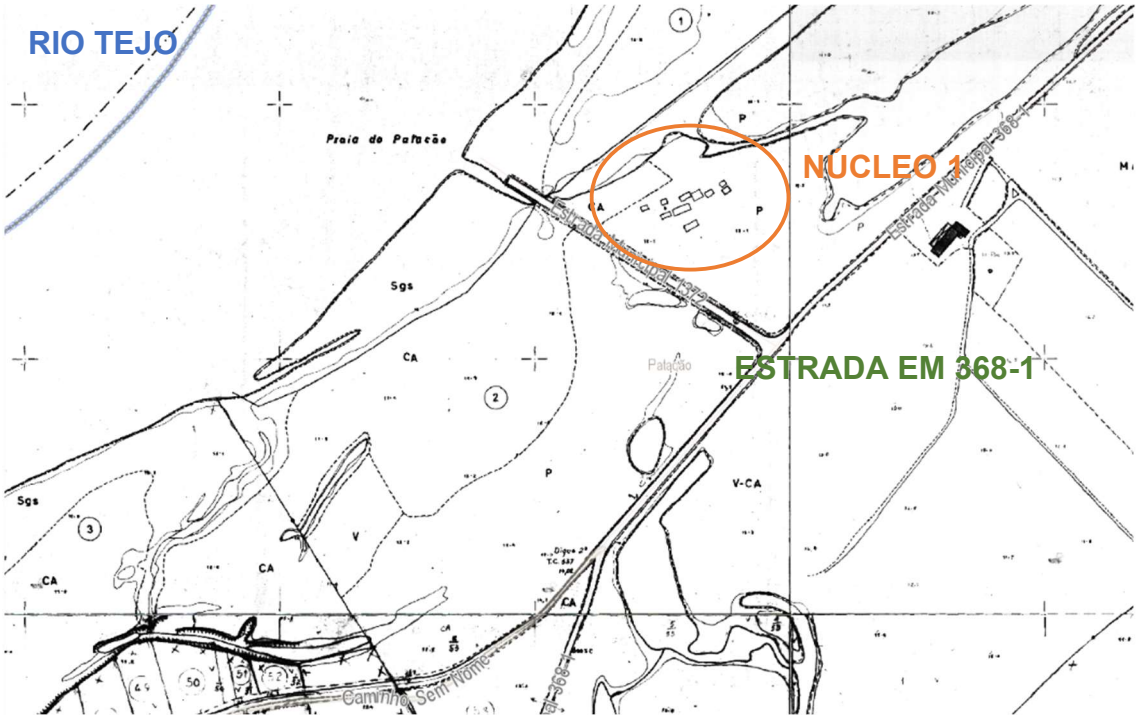


Ilustração 70 - Mapa cadastral rústico de 1966, com identificação do núcleo 1 a cor laranja, adaptação nossa da página, escala gráfica (disponível em websig.cm-alpiarça.pt, 2024)

Ao circularmos pela Estrada Municipal 368-1 no sentido de Vale Cavalos, encontramos à esquerda uma placa com a indicação “Praia Fluvial do Patacão”, e é nesse caminho de terra batida, entre terrenos agrícolas, que descobrimos o núcleo 1, ou o que resta dele. Um amontoado de madeira, árvores de grande porte e vegetação selvagem, com alguma telha que ainda resta nas coberturas, no meio do milheiral de agosto (Ilustração 71).



Ilustração 71 – Fotografia em agosto do núcleo 1 visto da estrada de terra batida que dá acesso à praia fluvial do Patacão. (fotografia nossa, 2025).

Relativamente à evolução do desaparecimento das construções palafitas do núcleo 1 do Patacão de Cima, quando comparamos os ortofotomapas (Ilustrações 72 a 75), conseguimos vê-lo gradualmente nas coberturas das casas, consumidas pela

vegetação. Em 1998 havia ainda oito casas, e em 2023 apenas duas, embora no ortofotomapa dessa data não se veja qualquer casa, elas ainda existem no local.



Ilustração 72 – Ortofotomapa do Núcleo 1, 1998. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)



Ilustração 73 - Ortofotomapa do Núcleo 1, 2003. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)



Ilustração 74 - Ortofotomapa do Núcleo 1, 2006. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)



Ilustração 75 - Ortofotomapa do Núcleo 1, 2023. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)

Não é à primeira passagem na estrada municipal que nos apercebemos da presença das palafitas do núcleo 2, camufladas pela vegetação densa. Saímos da estrada de alcatrão e acedemos por uma estrada de terra batida, paralela ao dique de proteção contra as cheias, ali construído, segundo apurámos, em meados de 1870, e do nosso lado direito encontramos o conjunto de casas alinhadas (Ilustração 76), outrora exemplares da arquitetura típica avieira, abandonadas, com as copas das arvores no lugar da cobertura, com vegetação densa que nos impede de passar para ver o seu interior.



Ilustração 76 - Ortofotomapa com identificação de estrada, dique e núcleo 2 do Patacão de Cima, adaptação nossa, escala gráfica. . (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)

Quando comparamos os ortofotomapas (Ilustrações 77 a 80), disponíveis na página websig da Câmara Municipal de Alpiarça, conseguimos ver o desaparecimento gradual

das coberturas das casas, do núcleo 2, consumidas pela vegetação. Em 1998 havia ainda, treze casas, em detrimento de apenas sete em 2023.



Ilustração 77 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 1998. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)



Ilustração 78 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 2003. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)



Ilustração 79 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 2006. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)



Ilustração 80 - Ortofotomapa do Núcleo 2, 2023. (disponível em https://websig.cm-alpiarça.pt, 2024)

Ao contrário das outras aldeias estudadas, o Patacão não se encontra próximo da margem do Tejo, mas sim junto ao dique de proteção contra as cheias, no caso do núcleo 2, e no caso do núcleo 1, na estrada de acesso à extensa praia fluvial do Patacão, na margem do rio. À partida, implantadas estrategicamente naquele local, por estarem mais protegidas da subida do caudal do rio, ainda que relativamente próximas do mesmo, permitindo a salvaguarda das habitações e das famílias nos invernos mais rigorosos, em que o nível das águas subia até àquela zona, e que ainda conseguimos ver nos dias de hoje (Ilustração 81 e 82), embora com menor intensidade (a última grande cheia, considerada a cheia dos cem anos, foi em 1979).



Ilustração 81 - Fotografia do núcleo 1, em época de cheias, adaptação nossa (Dissertação de MIA de Lara Borges, P. 106, 2013)



Ilustração 82 - Fotografia do núcleo 2, em época de cheias, adaptação nossa (Dissertação de MIA de Lara Borges, P. 106, 2013)



Ilustração 83 - Núcleo 2 visto do rio em tempo de cheia. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010)



Ilustração 84 - Núcleo 2 visto do rio em tempo de seca. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010)

Foi possível desenhar um alçado e um corte, do que seriam as casas do núcleo 2, deste assentamento em 2012 (Ilustração 835), através das imagens de várias fontes recolhidas, em comparação com o ano deste trabalho (Ilustração 86), concluindo que já desapareceram seis casas, e as restantes sete, caso não sejam intervencionadas, desaparecerão também.

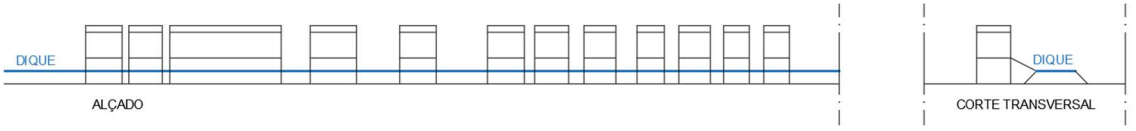


Ilustração 85 - Alçado e corte do núcleo 2, segundo levantamento em 2012, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

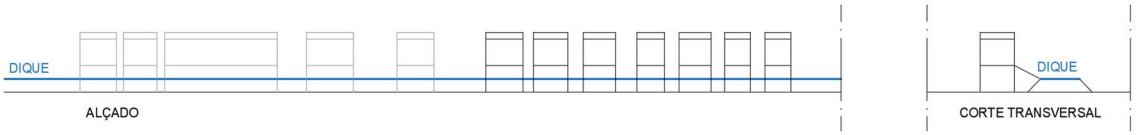


Ilustração 86 - Alçado e corte do núcleo 2, segundo levantamento em 2025, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

As casas encontram-se em avançado estado de degradação, havendo já várias ruínas. Faltam janelas e portas, e a maioria está sem cobertura, e algumas sem pavimento. A vegetação selvagem apoderou-se dos caminhos e degraus de acesso às pequenas barracas que parecem camufladas no meio do verde da folhagem. No horizonte, o rio Tejo e a cidade de Santarém. Nenhum sinal de preocupação, conservação ou preservação. É já apelidada de "aldeia das promessas"[41], pelos constantes adiamentos da resolução do problema.

[41] Informação que nos foi transmitida pelo Sr. Dr. João Serrano – Presidente da AIDIA.

Na sua maioria, estas casas foram habitadas até 1988, e são ainda reconhecíveis as cores exteriores usadas pelos Avieiros (cores garridas: como o verde, o laranja, o amarelo, o azul, ou o vermelho). Houve ao longo dos anos algumas tentativas de manutenção e limpeza, mas nunca com consistência e periodicidade, tendo acontecido a última vez, em 2012, organizado e dinamizado pela AIDIA[42], e levado a cabo por um grupo de voluntários e pescadores avieiro-descendentes, deixando as casas "livres" da vegetação densa, e com a possibilidade de nelas entrar, conforme é visível nas ilustrações 87 e 88. No período de tempo em que decorreu esta investigação, não tivemos essa sorte.


87


88

Ilustração 87 e 88 – Fotografias de casas avieiras no Núcleo 2 do Patacão de Cima, depois da limpeza efetuada por voluntários em 2012. (disponível em lifecooler, 2012).

Mesmo com a criação da AIDIA, e com as inúmeras iniciativas para não permitir a total degradação e destruição deste assentamento, a vegetação tem-se apoderado das pequenas casas de madeira e dos seus telhados, e é bastante visível o que a falta de cuidado e atenção pela preservação da memória fizeram neste local (Ilustração 89).



Ilustração 89 – Fotografia do Núcleo 2. (ilustração nossa, 2024).

[42] Associação Independente para o Desenvolvimento Integrado de Alpiarça

O Patacão é o assentamento avieiro que melhor representa a realidade arquitetónica das construções palafíticas naquele tempo, embora com algumas alterações, como os pilares em alvenaria e a cobertura de telha, é possível ver a tipologia simples e a metodologia construtiva dos conjuntos habitacionais (Ilustrações 90 e 91).



90



91

Ilustração 90 e 91 – Fotografias ilustrativas do método construtivo da estrutura das casas avieiras no núcleo 2 do Patacão de Cima (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010, 2010).

A *casa tipo* do assentamento do Patacão de Cima, encontra-se extremamente degradada, e abandonada desde a época do seu declínio (entre 1980 e 1990). As patologias estão à vista, as madeiras destruídas e corroídas pelo tempo, os pavimentos interiores inexistentes ou degradados, as coberturas destruídas e consumidas pela densa vegetação, a maioria das casas já não tem portas e os vidros das janelas estão partidos ou não existem de todo. Quanto à sua identidade arquitetónica, identificamos ainda assim, vários pontos. A estrutura da cobertura em asnas de madeira, que assentam sobre a estrutura da casa, também ela em madeira, num sistema de vigas e pilares, que assenta por sua vez, sobre a estrutura de palafitas cravadas na terra. No caso do patacão, existe ainda a estrutura do alpendre (nas que têm), que consiste numa laje de ferro e cimento sobre os pilares da frente da casa e um conjunto de pilares inclinados no sentido do dique, ao qual vai ligar um pequeno passadiço que o une ao dique, tornando possível o acesso à casa, que fica numa cota próxima do dique, ao qual acedemos por escadas de cimento (Ilustração 92).



Ilustração 92 – Fotografia esquematizada de *casa tipo* do Núcleo 2 do Patacão de Cima. (adaptação nossa, 2025).

No seu interior, quando não tem forro, vemos o revestimento de tabuado de madeira pregado na estrutura de pilares e vigas que suporta a casa; e quando o forro existe, é habitualmente pintado de diferentes cores, dependendo da zona da habitação – encontrámos rosa e azul em quartos, ou amarelo e verde em zonas de sala e cozinha. Também a estrutura da cobertura, encimada por telha cerâmica, do tipo *marselha*, está à vista, bem como, a laje que se forma sobre a zona dos quartos e da sala que serve de arrumos para o material de pesca (Ilustração 93).



Ilustração 93 – Fotografia do interior de casa palafita do Núcleo 2, do Patacão de Cima. (adaptação nossa, 2025).

No seu interior podemos ainda encontrar, na cozinha, uma chaminé feita em tijolo; a zona dos quartos com uma parede em tabique de madeira que divide o espaço em dois, mas que não chega ao teto, está aberta para a zona da entrada, sendo, habitualmente, apenas fechado com tecidos ou panos de padrões com ramagem alegre.

Dos seus alçados, podemos dizer que são representativos da matriz original. O alçado principal tem uma ou duas portas, em madeira, e duas ou três janelas, em madeira e vidro, que encostam no limite entre a parede e a cobertura, temos também o seu beirado, feito da continuidade da telha cerâmica de revestimento da cobertura, e salta a vista a cor viva que pinta o ripado de madeira do seu revestimento, o verde, o azul, o creme e até o branco, são as cores que mais vemos no Patacão de Cima. O alçado tardoz tem uma ou duas janelas, ou por vezes nenhuma, dependendo da dimensão da casa, e os alçados laterias, são empenas cegas que não encostam ás paredes das casas vizinhas, por questões de segurança (Ilustração 94 e 95).



Ilustração 94 – Fotografia do alçado principal da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima. (disponível em blog lugar do tempo)



Ilustração 95 – Fotografia do alçado posterior da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima. (disponível em blog lugar do tempo)

Através do levantamento que efetuámos ao longo deste trabalho de investigação, com base em visitas ao local, mas também através de fotografias concedidas pelos ASF-P, e da consulta de trabalhos de investigação já publicados, produzimos as tabelas dos apêndices A e B (respeitante ao levantamento dos assentamentos e da casa tipo, respetivamente), bem como desenhos dos alçados e plantas das construções em estudo (Ilustração 96 a 98).

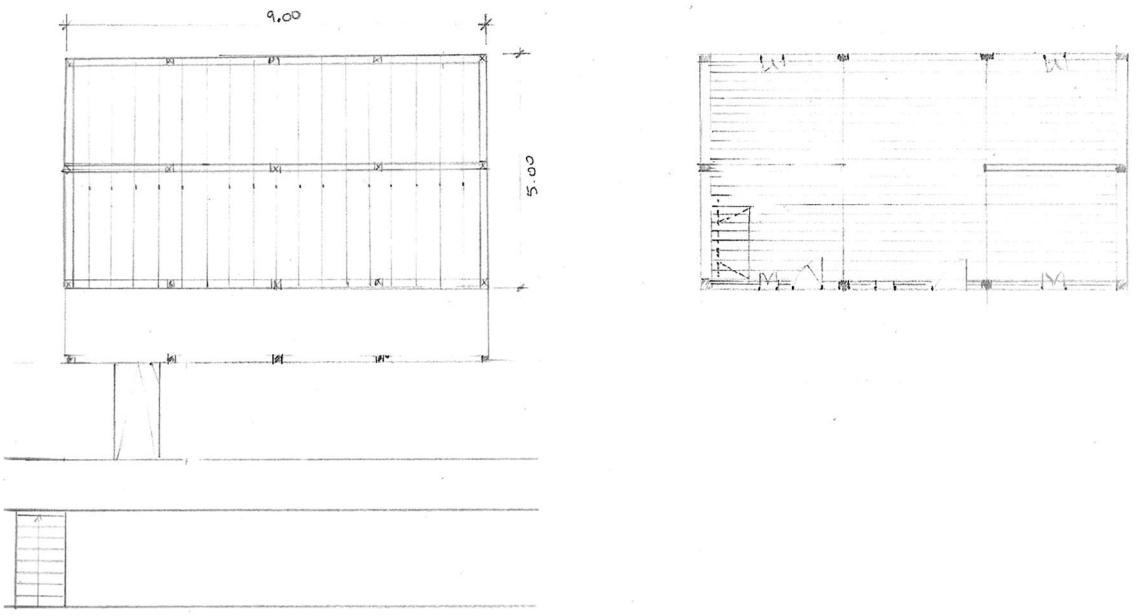


Ilustração 96 – Plantas do levantamento de casa tipo na aldeia do Patacão, escala gráfica (ilustração nossa, 2025)

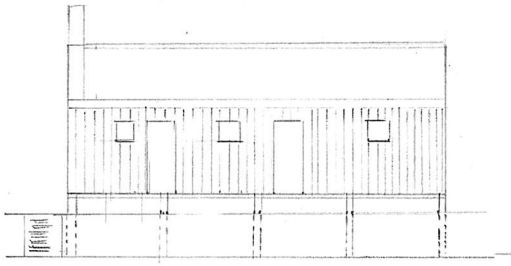


Ilustração 97 – Alçado do levantamento de casa tipo na aldeia do Patacão, escala gráfica (ilustração nossa, 2025)

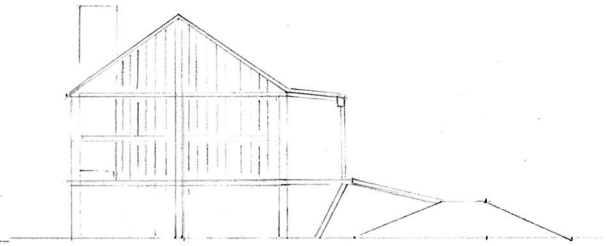


Ilustração 98 – Corte transversal do levantamento de casa tipo na aldeia do Patacão, escala gráfica (ilustração nossa, 2025)

Com este levantamento criterioso, foi possível apurar que a estrutura que suporta a casa consiste num conjunto de pilares de betão colocados nas extremidades do retângulo, que constitui a planta base da casa, e uma fila no centro, sobre os quais assentavam três vigas de madeira, colocadas longitudinalmente, e que recebiam a estrutura do soalho (pequenas vigotas de madeira colocadas transversalmente, em relação às anteriores). O soalho consistia num tabuado de madeira pregado à estrutura (Ilustrações 99 e 100).

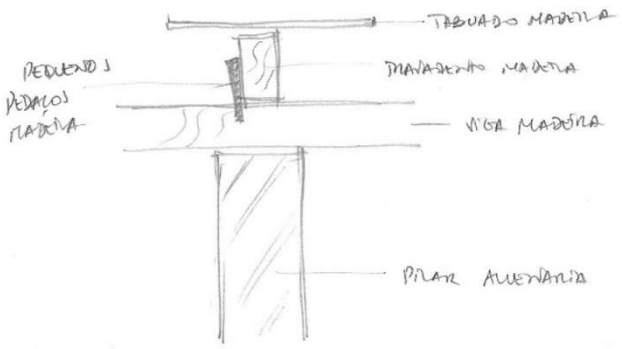


Ilustração 99 – Pormenor construtivo da estrutura de suporte da casa tipo no Patacão, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025)

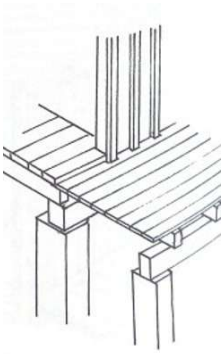


Ilustração 100 – Pormenor da casa avieira. (Mascarenhas, P. 168).

A estrutura da casa resulta de um conjunto de prumos colocados na vertical, no perímetro do retângulo de base, normalmente, três no lado menor, e cinco ou seis, dependendo da dimensão da casa, no lado maior; e na horizontal, os barrotes, onde o revestimento exterior (composto de tabuado de madeira colocado na vertical) é fixado, habitualmente, três, um ao nível do pavimento, um que vai receber a estrutura da cobertura e outro a meia altura (Ilustração 101). Quando existe revestimento interior, este é feito por placas de aglomerado, pintado de cores vivas, à semelhança do exterior), e diferente de divisão para divisão.

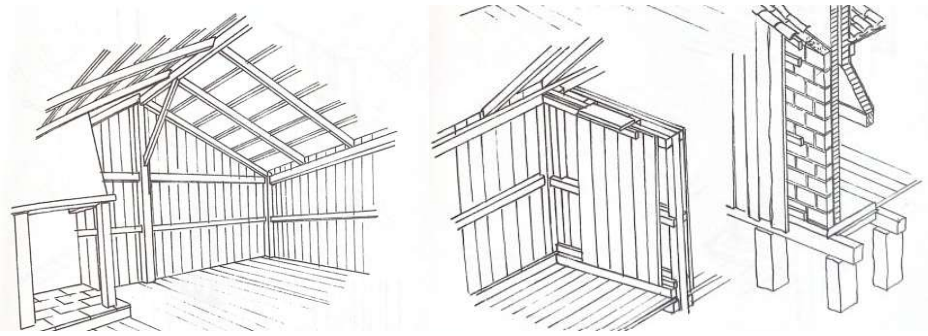


Ilustração 101 – Pormenores construtivos da casa avieira. (Mascarenhas, P. 167)

A cobertura é de duas águas, num sistema de asnas de madeira, assentes na estrutura da casa, e revestida pelo exterior com telha cerâmica, e nalguns casos (não sendo o da casa em estudo), no interior com o mesmo contraplacado do revestimento interior das paredes. Também a cobertura do alpendre é de telha cerâmica, assente em estrutura de madeira, sendo, visualmente, uma extensão do próprio telhado, com uma guarda em madeira e chapa de zinco (Ilustração 102).

As portas e janelas são de madeira e vidro, de caixilho simples, também em madeira (Ilustração 103).



Ilustração 102 – Fotografia do alçado principal da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima, onde é visível o alpendre. (disponível em lifecooler).



Ilustração 103 – Fotografia do alçado principal da casa objeto de estudo, do Núcleo 2 do Patacão de Cima, onde é visível o alpendre. (disponível em Apresentação dos ASF-P para as jornadas ECO_2010)

Compreendemos que seja difícil, nos dias de hoje, viver nas condições em que viviam os avieiros, mas deveria ser repensado o abandono destas casas, e de alguma maneira tentar preservar o que ainda resta deste património, seja através do turismo rural, ou da sua musealização, à semelhança do que se tem feito noutras zonas de Portugal, e noutros países, a solução não deveria ser a que existe hoje, o total abandono (Ilustração 104 e 105) desta aldeia, que tão bem representa a identidade arquitetónica das aldeias avieiras, embora se mantenha o esforço por parte de algumas entidades particulares como a AIDIA.

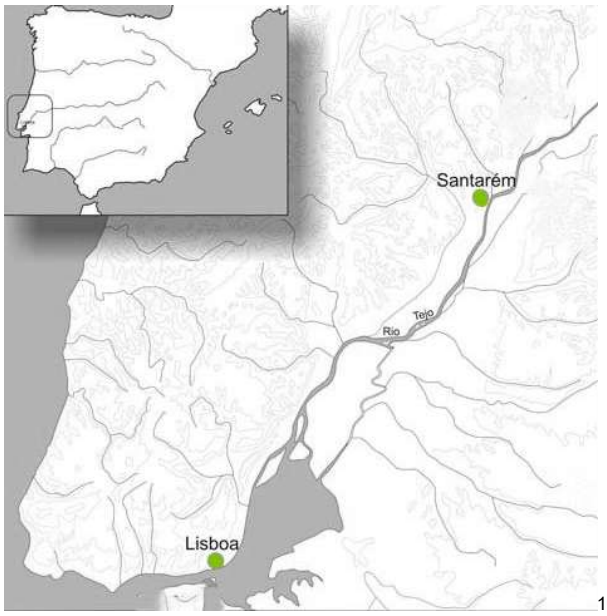


Ilustração 104 – Vista da estrada sobre o núcleo 1. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 105 – Vista da estrada sobre o núcleo 2. (ilustração nossa, 2025).

3.3.2 CANEIRAS



106



107

Ilustração 106 e 107 – Mapas com localização do assentamento das Caneiras, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024).

A origem da toponímia Caneiras deve-se aos densos caniçais que ladeiam, ainda que nos dias de hoje, em menor quantidade, as margens do Rio Tejo. Foi daqui que os avieiros as retiraram para construir as suas primeiras barracas na borda d'água.

A aldeia Avieira das Caneiras faz parte da União de Freguesias da cidade de Santarém (Ilustrações 106 e 107). É a maior e mais populosa das margens do rio Tejo. Fica situada no final de uma *"*estrada estreita íngreme, ladeada de olivais*"*[43] de acesso ao rio, a 5 quilómetros do centro, não sendo local de passagem, tornando-a à semelhança de outras aldeias avieiras, isolada. Antes da chegada à aldeia, a lezíria estende-se, e no inverno, em tempo de cheias a estada fica intransitável deixando a aldeia fisicamente isolada da cidade.

Cresceu de norte para sul há cerca de 140 anos, evoluindo ao longo dos anos, de um pequeno assentamento avieiro, para aldeia de construção descontrolada e à margem da lei.

[43] In *Os avieiros nos finais da década de cinquenta* de Maria Adelaide Salvado, 1985

Tabela 4 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento das Caneiras

LOCALIZAÇÃO	Caneiras, Santarém
DISTRITO/CONCELHO	Santarém, Santarém
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.19176974543615, -8.684668720763986
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Assentamento polinucleado – várias habitações e outras estruturas
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Alterado/Parcialmente habitado
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Núcleo inicial entre 1880 e 1890, e núcleo atual após as grandes cheias de 1941
RELAÇÃO COM O RIO	Elevada e paralela às margens
CAIS PALAFITICO	Não tem
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO INICIAL	40 (33 – em 2013)
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO ATUALMENTE	24
TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA	Dominante + Não dominante (sobre palafitas + ao chão)

Fonte: Tabela elaborada na recolha de informação efetuada no âmbito deste trabalho de investigação, e compilada no apêndice A – Ficha de levantamento da aldeia das Caneiras, Investigação nossa, 2025

> As casas da aldeia erguem-se junto do Tejo ocupando uma grande extensão. Vistas da estrada parecem muito mais numerosas, no entanto são apenas trinta e seis. Mas a falta de alinhamento e a grande extensão que ocupam, piis aglomeram-se em dois grupos perfeitamente isoladas um do outro, fazem, ao vê-las de longe, pensar que a aldeia é muito maior. (Salvado, 1985, p. 50)



Ilustração 108 – Vista das Caneiras a partir do Tejo. (disponível na Biblioteca Municipal de Santarém, s.d.)



Ilustração 109 – Caneiras, Lurdes Véstia. (disponível em *https://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/as-vivencias-avieiras-assentamentos-3073697,* 2014).



Ilustração 110 – A aldeia de Caneiras (disponível em *Exposição Tejo acima*, s.d.).

O núcleo original (Ilustrações 108 e 109) foi levado pelas cheias de 1941, pelo que existe um segundo núcleo já com estacaria de betão ou alvenaria mais a sul (aldeia atual).

Este segundo núcleo avieiro das Caneiras tem uma extensão de 340 m. Organiza-se em dois alinhamentos de edificações, numa distância ao rio que varia entre 3 m a montante e 20 m a jusante. As casas são, em norma, orientadas para a linha de água, cujo limite corresponde a um socalco com densos caniçais que fazem jus ao nome da aldeia. Encontra-se pontuado por várias estruturas; cais e terraços, em madeira ou cimento, com a usurpação do limite da linha de água; que se diferenciam pela continuidade na ligação da malha urbana ao rio. A sua utilização individual, associada a cada casa, confere um cariz privado ou intimista à relação espacial com o rio.



Ilustração 111 – Aldeia das Caneiras. (disponível em https://www.facebook.com/avieirostejo, acedida em 2025).



Ilustração 112 – Pescador a coser as redes nas Caneiras, Santarém. (disponível em https://www.facebook.com/avieirostejo, acedida em 2025).

As palafitas foram construídas em duas ruas paralelas ao rio, estando em grande parte, a cozinha em frente à casa principal, e nalguns casos, ao lado. Atualmente, pelo que conseguimos apurar, existem vinte e quatro construções com origem nas barracas, mas, na sua maioria, já descaracterizadas (ilustrações 113 a 115). A maioria destas construções está desabitada. As casas estão vazias de carácter e de pessoas, e a aldeia vazia de vida. Algumas foram recuperadas (respeitando pouco a sua origem) para turismo rural, mas não estão, à data, em utilização.

Ao caminharmos pelas ruas percebemos o abandono. Uma aldeia outrora cheia de pecadores, está agora perdida no tempo, entre barracas reabilitadas sem qualquer respeito pela matriz inicial destas construções, e construções fora de escala e contexto, que sobressaem, pela negativa, nesta margem do Tejo.



Ilustração 113 – Imagem de casa avieira reabilitada. (ilustração nossa, 2024).



Ilustração 114 – Imagem de casa avieira reabilitada. (ilustração nossa, 2024).



Ilustração 115 – Imagem de casa avieira reabilitada. (ilustração nossa, 2024).

> As Caneiras, porém, parecem ter perdido o encanto da tradição Avieira. Ali, a construção tradicional confunde-se com um conjunto de casas novas, anexos desordenados, mobílias abandonadas e muito lixo. Não há duas casas parecidas. Algumas ruas parecem autênticos bairros de lata. Mas, se olharmos com atenção, lá descortinamos o traçado original de algumas barracas avieiras. (Gomes, 2022, p. 37)

Não há na aldeia saneamento básico, existindo apenas algumas casas com fossa.

Embora exista uma associação de moradores defensores da cultura avieira nas Caneiras, denominada *Associação Amigos da Caneiras*, criada em 1993, numa tentativa de manter tradições e saberes, esta é uma aldeia bastante descaracterizada no que diz respeito à matriz arquitetónica inicial, havendo poucas casas que não tenham sido alteradas ou reabilitadas, na sua maioria sem qualquer respeito pela história que as suas paredes carregam. Têm sido vários os festivais organizados por esta associação, e outras entidades, mas normalmente realçando apenas algumas das características desta cultura, como a gastronomia por exemplo, deixando ao esquecimento outras partes importantes, como a do objeto de estudo desta investigação, a arquitetura, as construções palafitas, as barracas avieiras que dera abrigo aos borda d'água.

A *casa tipo* no assentamento das Caneiras, foi em tempos bem diferente do que encontramos hoje, muito por necessidade. Conforme a ilustração 116, as cozinhas eram encostadas à casa principal, parecendo pequenas miniaturas desta última, às quais acediam por uma escada e alpendre exteriores. Pelo levantamento que efetuámos (ilustração 124), percebemos que a casa em estudo teria sido de estrutura idêntica, pois percebe-se pela sua estrutura e revestimento exterior, a existência de dois volumes distintos (ilustração 117). Em tudo o resto será semelhante às construções que resistiram ao tempo, planta retangular sobre pilotis, interior com apenas quatro divisões e pequenas janelas e portas no alçado principal.

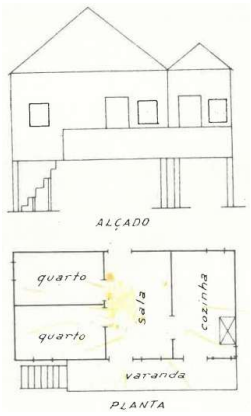


Ilustração 116 – *Esquema da casa das Caneiras,* Salvado. (Os Avieiros nos finais da década de 50, p. 52, 1985).

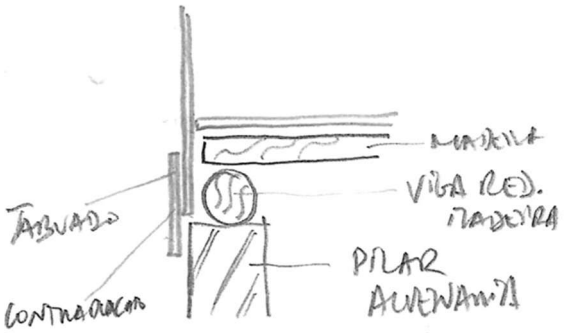


Ilustração 117 – Vista do alçado posterior da casa objeto de estudo. (ilustração nossa, 2025).

A construção avieira que foi caso de estudo no âmbito desta investigação, nas Caneiras, está assente sobre pilares de betão, embora mais pequenos que as do caso de estudo do Patacão. A planta é simples, retangular, com uma estrutura de vigas de forma circular que assentam sobre os pilotis (Ilustrações 118 e 119), encimada por vigas perpendiculares a esta última, e por cima o tabuado do soalho de madeira. A estrutura da casa é composta de vigas e pilares de madeira, revestidos de tabuado de madeira colocado verticalmente numas zonas, e contraplacado, noutras, pintados de branco e vermelho no exterior.



120



121

Ilustração 118 e 119 – Fotografia e levantamento do pormenor da viga de forma circular, escala gráfica (ilustrações nossas, 2024).

No interior, dois quartos, uma zona de estar (que antigamente seria também oficina), e a zona da antiga cozinha, estando a atual em anexo em frente à casa, do lado contrário da rua; o alçado frontal com escada exterior de acesso ao alpendre, fechado com madeira e vidro formando uma marquise, porta de entrada e uma pequena janela; no alçado posterior, três pequenas janelas, e os alçados laterais são cegos e

desencostados das casas vizinhas, criando uma zona de passagem e de segurança, característica da maioria dos assentamentos em estudo, para evitar a propagação do fogo.


120


121

Ilustração 120 e 121 – Fotografias da casa objeto de estudo. (ilustrações nossas, 2024).

A estrutura da cobertura é em madeira, revestida no exterior por telha cerâmica, do tipo *marselha.*

Conseguimos ver pelas ilustrações 122 e 123, a parte inferior da casa, que nos deixa ver a estrutura em madeira que assenta sobre os pilares de alvenaria, e a zona onde seria a antiga cozinha, agora transformada em casa-de-banho, já com laje de betão.



Ilustração 122 – Vista da parte inferior da casa objeto de estudo, revelando a canalização da casa-de-banho. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 123 – Vista da parte inferior da casa objeto de estudo, revelando a estrutura da casa em madeira. (ilustração nossa, 2025).

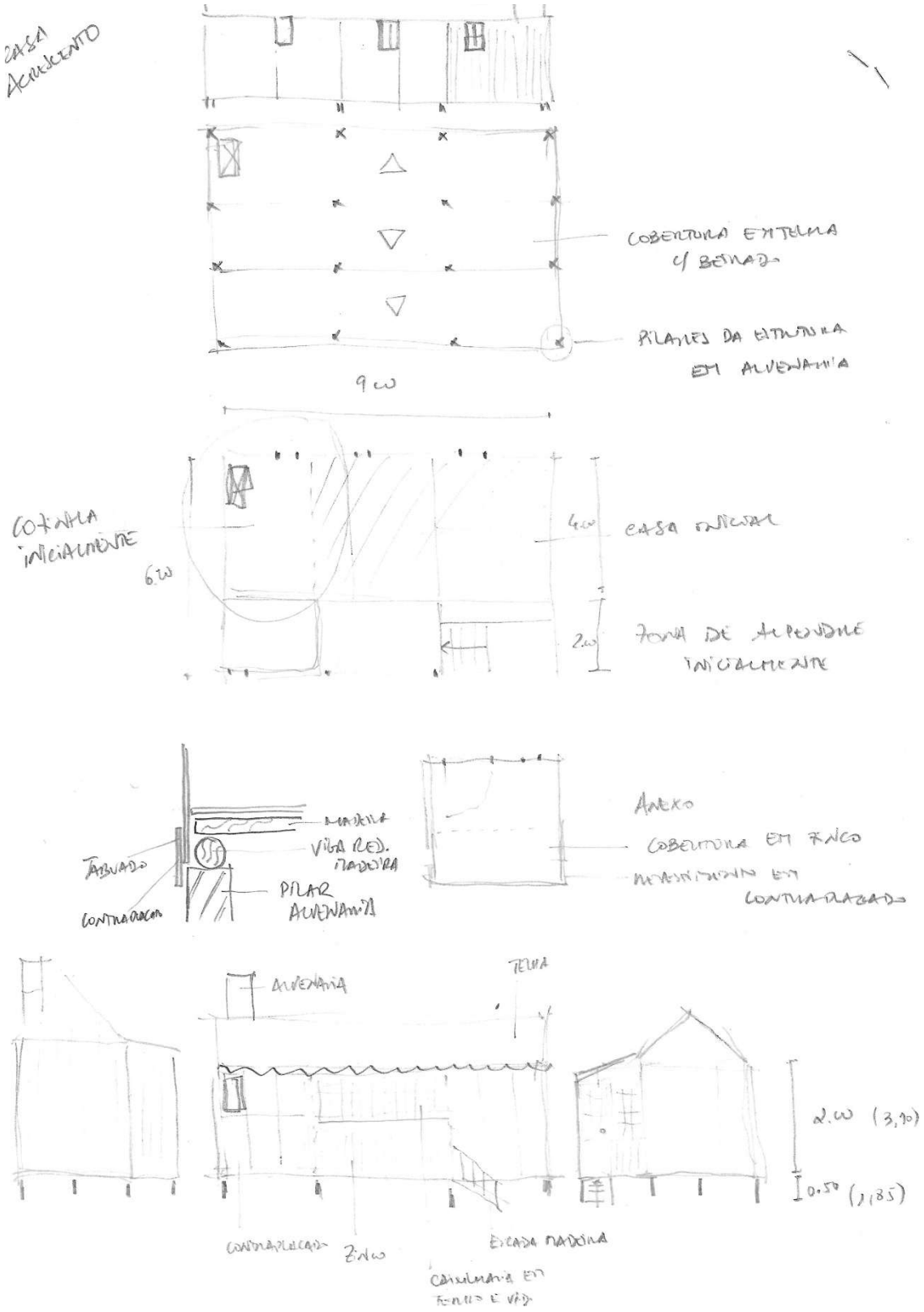
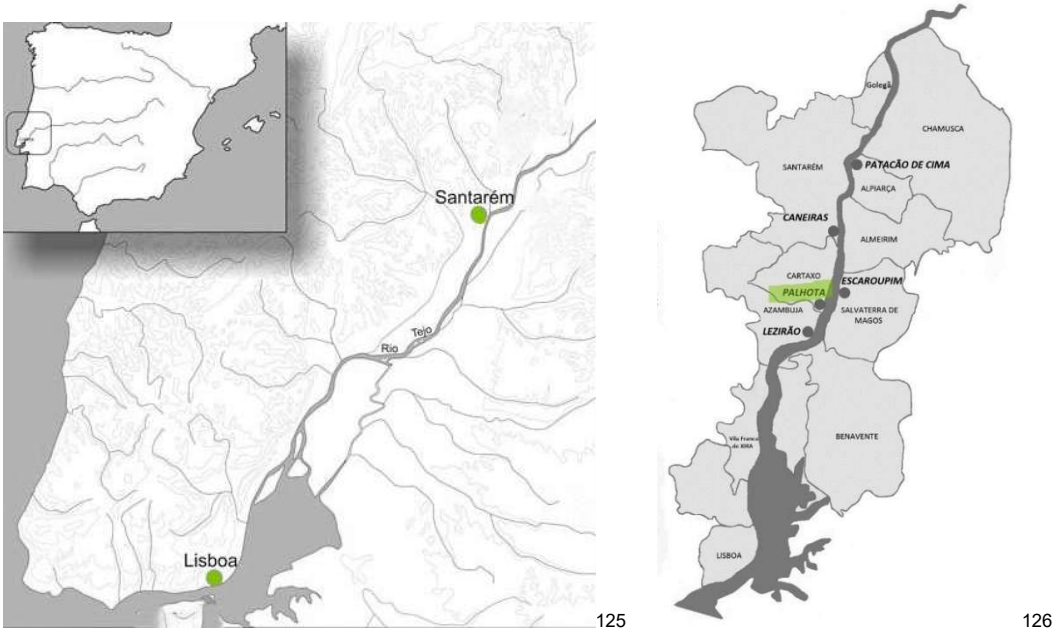


Ilustração 124 – Levantamento da casa tipo na aldeia das Caneiras, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

3.3.3 PALHOTA



125 126

Ilustração 125 e 126 – Mapas com localização do assentamento da Palhota, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024).

> […] 1930, cerca - construção das primeiras habitações precárias, paralelas à margem do rio; mais tarde, a pedido do dono do terreno, as casas implantaram-se ao longo de 2 ruas paralelas ao rio; […] A aldeia é constituída por duas ruas (Rua Direita e Rua Detrás) com cerca de quatorze casas alinhadas no sentido E./O., paralelas ao leito do rio. As casas, com estrutura de madeira e cobertura em telhado de duas águas, estão na sua maioria assentes sobre esteios prismáticos. O acesso à habitação faz-se por escada exterior em madeira através de alpendre, com balaustrada também em madeira. Normalmente embebida na parede O., localiza-se a chaminé da lareira, em alvenaria. O remate das empenas das fachadas laterais é percorrido por um friso de madeira recortado em semicírculos. Além da porta principal, com acesso pelo alpendre, existe uma outra porta ou janela na fachada oposta e uma pequena fresta. O interior, de planta rectangular, é composto por três divisões, separadas por tabiques: a sala-cozinha com a lareira, que ocupa metade da casa e dois quartos que abrem para a sala. O espaço por cima dos quartos é utilizado para arrumo de redes, entre os esteios guardam-se as embarcações. Estrutura em madeira (tábua de saia), normalmente pintada de cores vivas, alvenaria de tijolo e pedra; madeira em barrotes e tábua no pavimento, nas casas palafitas; telha cerâmica e zincada em coberturas. […]. (Vasconcelos, 2011)

A Palhota[44] faz parte do concelho do Cartaxo, distrito de Santarém (Ilustrações 125 e 126). Uma pequena aldeia que chegou a ser designada de Mouchão das Casas Altas (ilustração 127), devido ao aspeto das suas pequenas casas de madeira sobre pilares. Está hoje habitada por meia dúzia de pessoas, filhos e netos de pescadores avieiros, alguns emigrantes, e outros que utilizam as casas como pequeno refúgio de fim de semana.

[44] Nome dado devido à quinta com a mesma toponímia na margem oposta do Rio, Quinta da Palhota

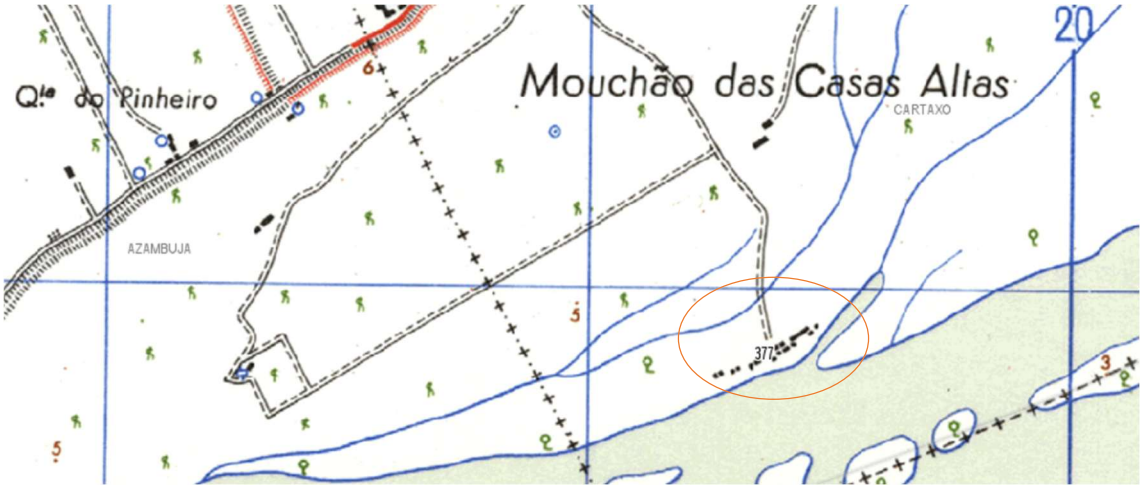


Ilustração 127 – Extrato da carta militar antiga, com a identificação do assentamento da Palhota. (disponível in https://websig.cm-salvaterrademagos.pt/websig, acedida em 2024).

Tabela 5 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento da Palhota

LOCALIZAÇÃO	Palhota, Cartaxo
DISTRITO/CONCELHO	Santarém, Cartaxo
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.0633673478914, -8.777493713463834
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Assentamento polinucleado - Habitação
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Parcialmente habitado/Parcialmente recuperado, mas muito degradado
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	1930
RELAÇÃO COM O RIO	Elevado e paralela às margens
CAIS PALAFITICO	Tem
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO INICIAL	19 14 (em 2011)
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO ATUALMENTE	9 + 7
TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA	dominante (sobre palafitas) e não dominante (ao chão)

Fonte: Tabela elaborada na recolha de informação efetuada no âmbito deste trabalho de investigação, e compilada no apêndice A – Ficha de levantamento da aldeia da Palhota, Investigação nossa, 2025

> Em frente ao Reguengo, para lá da lezíria imensa, junto ao Tejo que se adivinha por uma mancha azul, erguem-se as casas dos pescadores da Palhota.
> A aldeia é pequena. Possui dezanove casas, todas construídas sobre estacas e apenas uma, de caniço ao rés-do-chão, destoa do conjunto. Apesar dela, podemos chamar à Palhota a aldeia Avieira tipo.
> As casas estão dispostas de frente para o Tejo, num relativo alinhamento. […] a concentração dispõe-se dum e doutro lado duma rua relativamente larga. (Salvado, 1985, p. 46)



Ilustração 128 – *Aspeto da aldeia da Palhota*, Maria Adelaide Neto Salvado. (Os Avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985).

Chegamos à aldeia por uma estrada de terra batida (depois de sair da estrada de alcatrão no interior da aldeia do Reguengo); recebe-nos uma placa feita em alvenaria, e revestida a azulejo azul e branco, com a inscrição *Aldeia da Palhota*. Logo ali percebemos que há pouca vida naquele lugar, contornamos um aglomerado desorganizado de pequenas casas e chegamos ao largo que nos deixa vislumbrar o cais palafítico que ainda ali se mantem, o rio Tejo que aparece entre o caniço e os salgueiros, e as casas com anexos, telheiros e vedações improvisadas, que refletem a falta de conhecimento ou preocupação com o que em tempos foi uma aldeia tipo, segundo palavras de Maria Adelaide Salvado na citação acima.

São já escassas as casas correspondentes ao assentamento primitivo (Ilustração 129). As palafitas foram construídas inicialmente, em duas filas paralelas ao rio, e as cozinhas construídas posteriormente em frente de cada habitação, à semelhança do assentamento das Caneiras.



Ilustração 129 – Aspeto da aldeia da Palhota: casas sobre estacas, com varandas e escadas exteriores, Maria Salvado. (Os Avieiros nos finais da década de cinquenta. Pág. 37, 1985).

Por aqui passou Alves Redol, existindo uma casa museu, denominada "Casa do Avieiro"[45] (Ilustração 130), onde o escritor terá residido, e onde foi buscar inspiração e factos para escrever o seu livro *Avieiros*[46]. Em frente, no que seria a cozinha desta casa (agora transformada em casa-museu), uma construção de tipologia mais pequena, assente em pequenos pilares de alvenaria, mas utilizando as mesmas cores, como é característico nas aldeias avieiras, a "Casa de trabalho". Aquando das nossas visitas ao local, encontrámos sempre a casa museu fechada, bem como a triste ausência, quase total, de habitantes na rua.



Ilustração 130 – Largo da Palhota, com casa museu e centro de trabalho da Associação Palhota Viva. (ilustração nossa, 2025)

Junto ao rio, um conjunto de estacaria cravada no rio, com tabuado por cima, que percorrido até ao final, nos leva a ver o Tejo. Estrutura palafítica de aspeto primitivo, mas que se mantém até aos dias de hoje, onde ainda atracam os barcos dos pescadores que por ali vivem, e que faz a ligação do Rio com a aldeia.



Ilustração 131 – Cais da Palhota visto de terra. (ilustração nossa, 2025).

[45] Propriedade da Associação "Palhota Viva" - Associação de Defesa do Ambiente que nasceu em 1988, quando foi adquirida a casa de um pescador, para a transformar em casa-museu, e que abre o espaço ao público para visitas apenas mediante marcação

[46] Livro escrito por Alves Redol, e lançado em 1942

Fizemos o passeio de barco pelo rio, saídos do Escaroupim, estamos em frente ao cais da Palhota, 15 minutos depois (Ilustração 132). Entre a vegetação densa de salgueiros e caniço, vislumbramos o cais, frágil, de aparência abandonada, transmitindo-nos alguma nostalgia. O que em tempos seria um cais cheio de barcos e pescadores na azáfama da vida quotidiana, parece agora um local sem propósito.



Ilustração 132 – Cais da Palhota visto do rio. (ilustração nossa, 2025)

Ainda no cais, de costas para o Rio, e de frente para a aldeia, a presença da vegetação (faias, salgueiros, tramagueiras, freixos e sabugueiros) é abundante e não nos permite vê-la dali; é preciso caminhar para o seu interior, percorrê-la, para encontrarmos ainda, algumas construções de origem palafítica, embora na sua maioria com grandes alterações devido a reabilitações sem regra, e por vezes sem conhecimento e respeito pela matriz original.

Comparámos o nosso levantamento fotográfico feito no âmbito da nossa investigação, com o levantamento efetuado em 2015, por Filipa Almeida[47], e verificámos que a identidade arquitetónica avieira neste assentamento, se encontra cada vez mais distante da matriz original. Com alpendres totalmente encerrados, formando marquises, palafitas ao nível do solo fechadas com alvenaria, chapas metálicas ou placas de contraplacado, e em muitos casos, um pior estado de conservação à data desta investigação, mesmo as que foram modificadas, levando à conclusão, neste caso, que reabilitar não foi a melhor opção, visto estrem, na sua maioria, desabitadas.

[47] No âmbito da sua investigação para obtenção de grau de Doutor em Arquitetura, pela Universidade da Beira Interior.

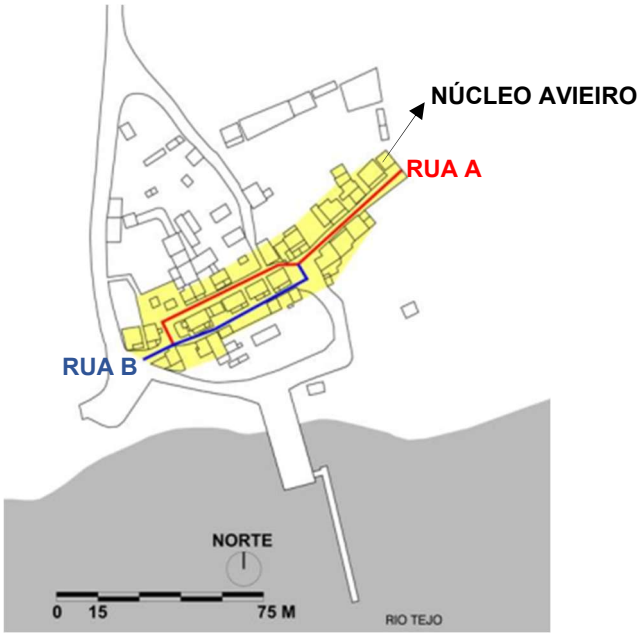


Ilustração 133 – Planta esquemática adaptada, da aldeia da Palhota, identificando as ruas onde ainda existem casas palafitas. (adaptação nossa, 2025)



Ilustração 134 – Rua A, Palhota. (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012).



Ilustração 135 – Rua A, Palhota. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 136 – Rua B, Palhota. (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012).



Ilustração 137 – Rua B, Palhota. (ilustração nossa, 2025).

Outrora uma aldeia com casas representativas da identidade arquitetónica avieira (Ilustração 138), habitadas por pescadores e as suas famílias, a Palhota é agora uma aldeia sem vida e de parcas palavras na boca dos que ainda lá vivem. Tem, à semelhança dos restantes assentamentos, uma associação de apoio, desenvolvimento e proteção da cultura avieira, denominada *Palhota Viva*. Embora, também neste caso os esforços sejam em vão, e cada vez menos, na defesa e manutenção desta cultura.

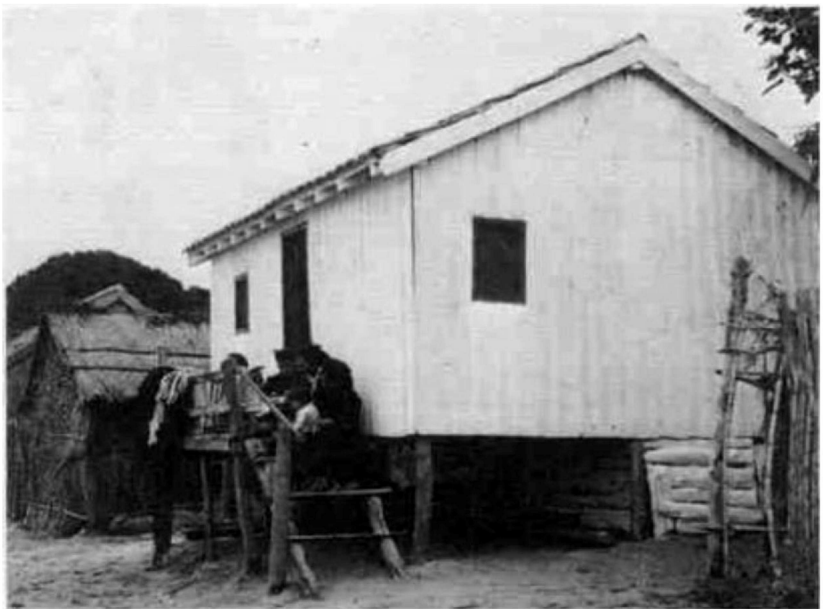


Ilustração 138 – Aldeia da Palhota, fotografia antiga (adaptado a partir de *Arquitetura Popular em Portugal)*.

A *casa tipo* (Ilustração 139) no assentamento da Palhota, está assente sobre pilares de betão, e revestidos, em parte, por parede de alvenaria (à data desta investigação), criando uma zona de arrumação ao nível do solo. A estrutura da casa é em madeira, pilares e vigas, revestida no exterior por ripado de madeira colocado na vertical e pintado de azul. A planta é simples, retangular, composta por dois quartos, sala e cozinha (neste caso está junto com a casa, com chaminé e paredes em alvenaria, mas no passado muitas seriam apenas uma fogueira rodeada por chapa metálica para proteger do vento[48], e mais tarde feitas em anexo do lado contrário da rua). No alçado frontal temos o alpendre, com as escadas de acesso ao nível elevado da casa, uma ou duas janelas, e a porta de entrada. No alçado posterior, uma porta e uma janela, pintadas de vermelho. À semelhança da maioria dos assentamentos em estudo, encontra-se desencostada das outras casas.

[48] Informação retirada do programa informative de televisão: *Jogos de borda d'água*. (disponível em https://arquivos.rtp.pt/conteudos/os-jogos-da-borda-dagua-i/).

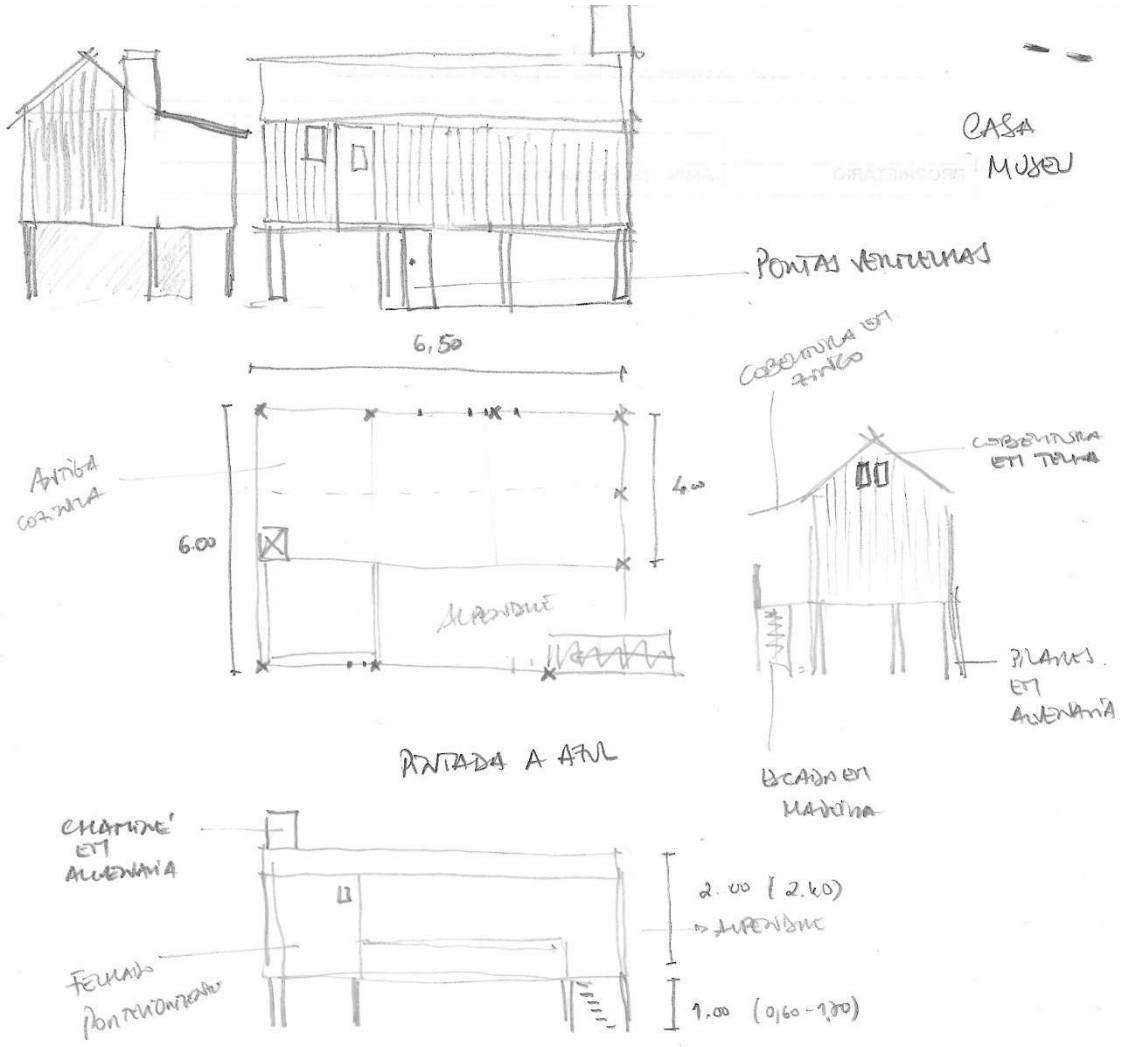
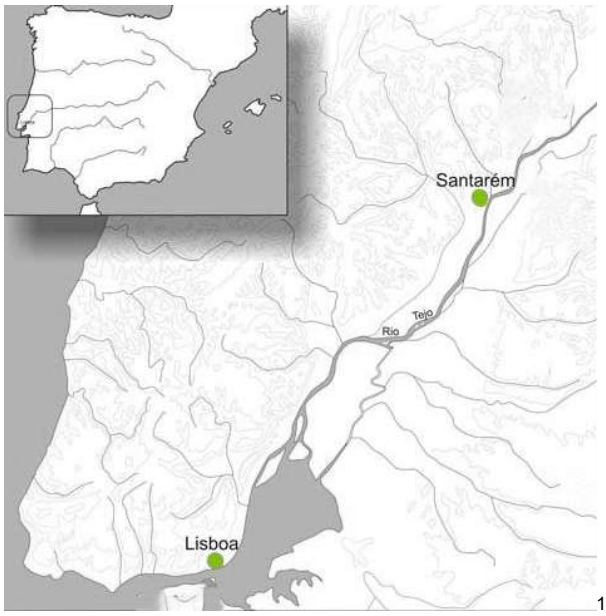


Ilustração 139 – Levantamento da casa tipo na aldeia da Palhota, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

3.3.3 ESCAROUPIM



140



141

Ilustração 140 e 141 – Mapas com localização do assentamento do Escaroupim, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024).

A aldeia do Escaroupim pertence ao concelho de Salvaterra de Magos, distrito de Santarém, acompanha a margem esquerda do rio Tejo, e fica a cerca de 6 quilómetros do centro de Salvaterra de Magos (Ilustrações 140 e 141), ligada através de uma estrada de campo de um lado, e de uma estrada alcatroada do outro (Ilustração 142), sendo a sua formação datada de meados dos anos 30.

> A aldeia fica a uma pequena distância do Tejo, e o terreno sobe com a suavidade desde o rio até ao local onde se erguem as casas. A estrada termina aí bruscamente, e como que divide duas unidades da aldeia, distintas quanto ao tipo de construção das casas. Do lado de Salvaterra, em terrenos que pertencem à Hidráulica, ficam sete casas formando uma única fila, todas de madeira sobre estacas, com varandas e escadas exteriores. Aqui chegam as águas das cheias em invernos rigorosos e a construção sobre estacas é pois útil e vantajosa. (Salvado, 1985, p. 40)



Ilustração 142 – Mapa com a identificação das estradas de acesso ao assentamento, escala gráfica (ilustração nossa, 2024).

Tabela 6 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento do Escaroupim

LOCALIZAÇÃO	Escaroupim, Salvaterra de Magos
DISTRITO/CONCELHO	Santarém, Salvaterra de Magos
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.06803890648644, -8.754989190180734
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Assentamento polinucleado – habitação e outras estruturas de apoio
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Parcialmente habitado/recuperado; Degradado/Abandonada/Musealizado
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Meados de 1930
RELAÇÃO COM O RIO	Paralela às margens
CAIS PALAFITICO	Tem
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO INICIAL	7 + 32
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO ATUALMENTE	Casa-museu + 10 (do lado Norte)
TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA	Dominante + Não dominante

Fonte: Tabela elaborada na recolha de informação efetuada no âmbito deste trabalho de investigação, e compilada no apêndice A – Ficha de levantamento da aldeia do Escaroupim, Investigação nossa, 2025

Existiam, inicialmente, dois núcleos no assentamento do Escaroupim (Ilustração 143). Um núcleo de casas palafíticas do tipo dominante, denominado *lado de Salvaterra*[49], e um segundo núcleo de casas de tipologia dominante, mas com pilares de dimensão menor.

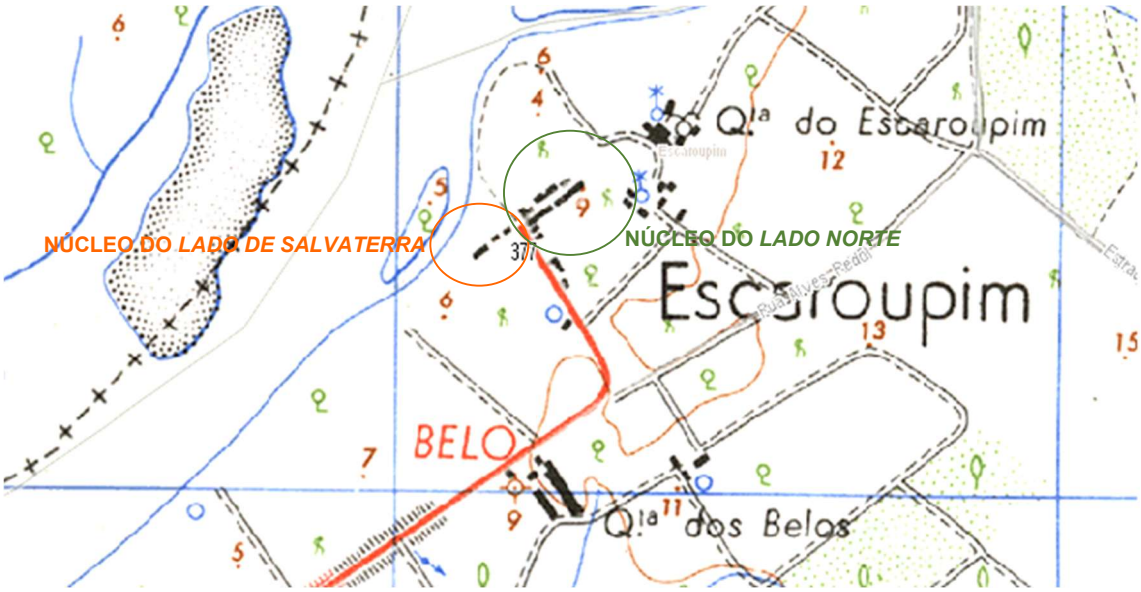


Ilustração 143 – Identificação dos núcleos que existiram no Escaroupim, a partir de carta militar antiga (adaptação nossa, disponível em https://websig.cm-salvaterrademagos.pt/websig, 2025).

[49] Denominação encontrada no livro *Os avieiros nos finais da década de cinquenta*, de Maria Salvado.

Nas várias visitas que efetuámos à aldeia do Escaroupim, no âmbito desta investigação, apurámos que o núcleo do "lado de Salvaterra" (Ilustração 126), já não existe e que a aldeia se encontra, devido aos vários assoreamentos ao longo dos anos, a uma cota mais alta do que estaria aquando da redação do livro "Os avieiros nos finais da década de cinquenta", de Maria Salvado. Segundo informação recolhida no local, os barcos atracavam na praia, quase á mesma cota das casas que la existiam. Hoje existe também, um cais palafítico de onde saem as embarcações para os passeios de recreio, bem como pequenos cais privados ao longo da margem, onde os moradores atracam os barcos à cota do rio, sendo apenas possível puxá-los para terra do lado Norte, pois a aldeia está acima do nível do Tejo (Ilustração 145).



Ilustração 144 – *Escaroupim: aspecto da aldeia do lado de Salvaterra,* Maria Salvado. (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985).

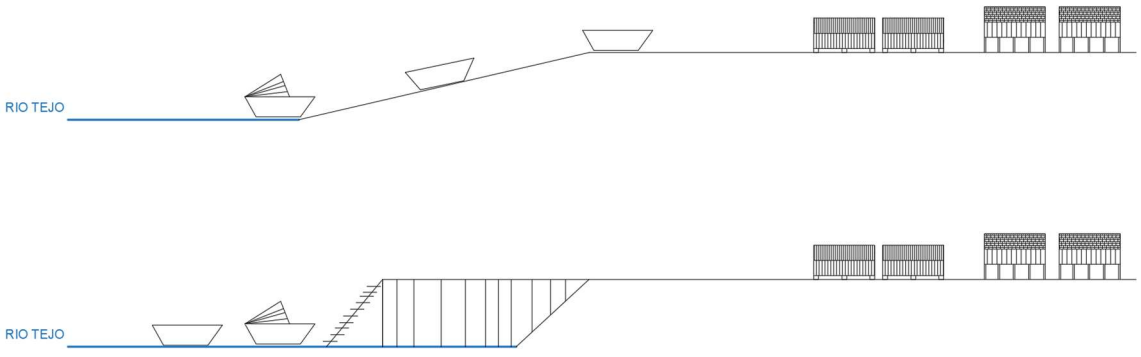


Ilustração 145 – Cortes transversais (antes e depois da cota do rio ter mudado), segundo entrevista nossa a um habitante local, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

Relativamente ao lado Norte, Maria Salvado diz o seguinte:

> Do outro lado, separadas por uma rua larga que termina ao fundo por um poço sombreado por um salgueiro, erguem-se trinta e duas casas também de madeira mas quase todas construídas ao rés-do-solo. Apenas oito se levantam sobre estacas, a maior parte das vezes muito baixas, que sugerem uma simples preocupação decorativa. É que deste lado da aldeia, ao contrário do que acontece no outro, não chegam nunca as águas das cheias, e as estacas baixinhas sobre as quais assentam as casas, as escadas e as pequeninas varandas são talvez o traço de uma tradição muito forte, a reminiscência dum estilo difícil de desprezar. (Salvado, 1985, p. 41)



Ilustração 146 – *Escaroupim, lado norte: aspecto de um dos lados da rua, à beira da qual se alinhavam as casas da aldeia. Atente-se nas estacas baixinhas e nas pequeninas varandas da segunda e terceira casas, no primeiro plano*, Maria Salvado. (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, Pág. 42, 1985).

Conseguimos identificar e fotografar dez habitações com origem na matriz inicial, mas em elevado estado de degradação e abandono, que comparámos com o levantamento de 2012[50], altura em que estariam melhor conservadas.

Sobre elas, Maria Salvado diz na legenda da ilustração 146, que: "É este o aspeto do outro lado da rua da aldeia do Escaroupim, do lado norte. Todas as casas são de madeira, rés-do-solo, e nalgumas subsistem ainda os telhados em caniço." (Salvado, 1985, p. 43).

Podemos verificar (Ilustração 148), à data desta investigação, que as casas ainda existem nesta rua, embora todas elas já com cobertura em telha cerâmica, sendo um belíssimo exemplar da identidade arquitetónica desta aldeia avieira.

[50] Levantamento efetuado no âmbito da dissertação de Filipa Almeida

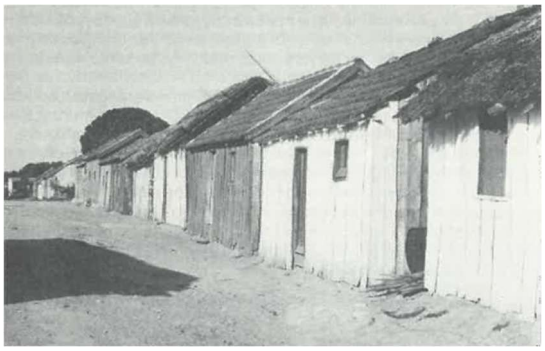


Ilustração 147 – *É este o aspecto do outro lado da rua da aldeia do Escaroupim, do lado norte*, Maria Salvado. (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985).



Ilustração 148 – Rua do lado norte. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 149 – *Escaroupim – lado norte. Pormenor de uma das três casas que possuem chaminé*, (Os avieiros nos finais da década de cinquenta, 1985).



Ilustração 150 – Casa na Rua do lado norte. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 151 – Rua do lado norte, Escaroupim, (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012).



Ilustração 152 – Rua do lado norte, Escaroupim. (ilustração nossa, 2025)

Do *lado de Salvaterra*, existe um restaurante feito em madeira, sobre pilares, como uma recordação do que em tempos ali existiu, numa tentativa de preservação da memória. Foram também construídas pequenas representações dos típicos palheiros, pintados com as suas cores garridas (Ilustração 153), onde iriam funcionar pequenas lojas de venda de artesanato local, nunca tendo funcionado.



Ilustração 153 – Pequenas replicas das antigas casas palafitas que foram construídas para serem lojas de artesanato e produtos locais, mas não estão em funcionamento. (ilustração nossa, 2024).

Existe no local uma réplica de uma casa típica Avieira (Ilustração 154 a 155), que faz parte do Núcleo Museológico do Escaroupim, que visitámos no dia 3 de junho de 2025. Segundo a guia que nos acompanhou, na visita a esta casa típica, a mesma foi construída com indicações transmitidas pelos antigos pescadores daquela aldeia, e no seu interior encontrámos artigos doados pelos mesmos.



Ilustração 154 – Exterior da casa museu - entrada pelo lado da aldeia. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 155 – Exterior da casa museu - entrada pelo lado do rio. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 156 – Interiores da casa museu – zona de entrada. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 157 – Interiores da casa museu – zona dos quartos. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 158 – Interiores da casa museu – zona da cozinha. (ilustração nossa, 2025).

> A Casa Típica Avieira, restaurada pela Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, é uma máquina do tempo que nos permite descobrir como viviam os avieiros até meados do século passado. […] Esta casa corresponde a uma evolução significativa face às primeiras barracas erguidas pelos avieiros nas praias fluviais do Tejo nos primeiros anos do movimento migratório – pequenas barracas feitas do que fosse encontrado na praia e elevadas sobre estacas de madeira para evitar as cheias. Apesar de terem mantido a estrutura clássica, as casas palafíticas tornaram-se maiores e mais robustas à medida que as famílias avieiras aumentaram os seus rendimentos. (Gomes, 2022, p. 29-30)

O Escaroupim, será de todos os casos de estudo o que, embora com poucos exemplares de arquitetura próxima da matriz inicial, se mantém com mais atividades relacionadas com a cultura avieira e a vida do rio. Existem passeios de barco, o Museu do Rio, e a casa museu, um restaurante, um parque de merendas no largo, junto ao cais e ao rio, e uma pequena loja de lembranças.

No assentamento do Escaroupim, existem duas tipologias de *casa tipo* distintas, correspondentes à *casa tipo do lado de Salvaterra* e à *casa tipo do lado Norte*.

A primeira, assente sobre pilares de betão mais altos, estrutura de madeira, planta simples e retangular, composta por dois quartos, cozinha, e espaço de entrada, com dois acessos em lados opostos da casa (um acesso pelo lado do rio, com escada de madeira para entrada com material de pesca, e outro acesso, do lado da aldeia, com escada de madeira ou betão, e alpendre, que seria a entrada principal da casa); as paredes interiores do lado dos quartos, não vão até ao teto, criando uma zona de arrumação; no interior não existem portas, sendo os espaços fechados com cortinas de

tecidos floridos; as paredes são revestidas a tabuado de madeira colocado na vertical, pintado no exterior com cor verde claro, e vermelho nas portas e janelas, e no interior, em azul, e cor de rosa num dos quartos; cobertura em telha cerâmica; características arquitetónicas que podemos verificar na casa museu (Ilustração 154 a 158).

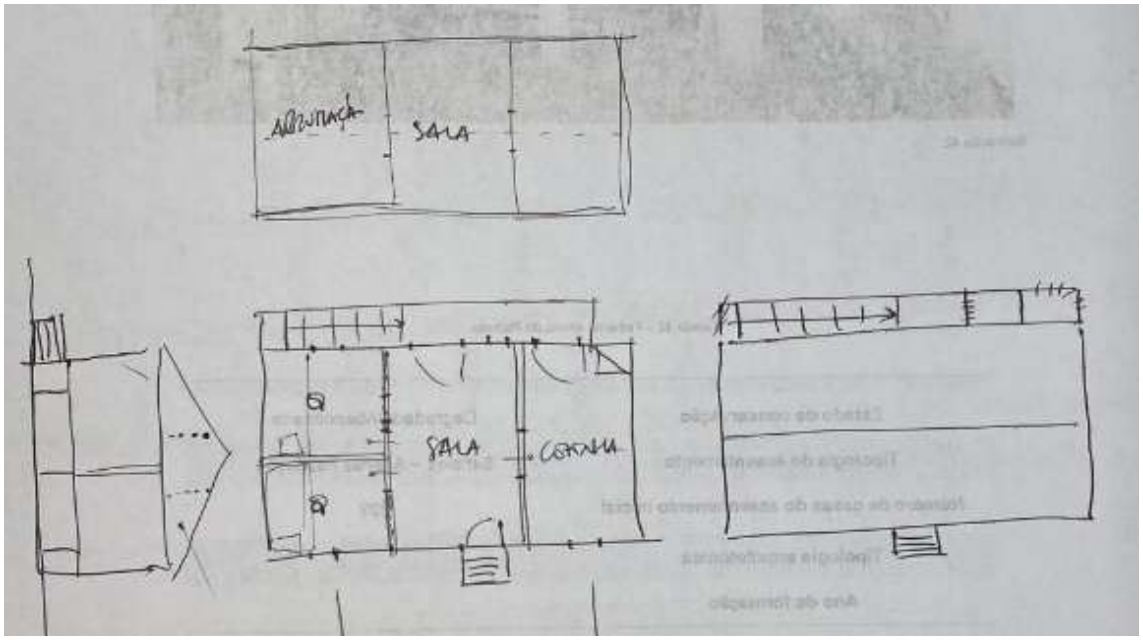


Ilustração 159 – Levantamento da casa-museu após visita à mesma, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

A segunda tipologia, de dimensão menor, com pilares de betão mais pequenos, mas com a mesma organização em termos de espaço interior, à exceção da zona de cozinha, feita em anexo, atrás da casa, criando uma situação de pátio (Ilustração 162). O tabuado de revestimento exterior está pintado de verde escuro (Ilustração 161), mas foi em tempos, uma casa com cores vivas e alegres, verde, azul e vermelho (Ilustração 160). No alçado principal, a porta de entrada em madeira, com três degraus de acesso à cota da casa, e duas pequenas janelas, em madeira e vidro. A cobertura é em telha cerâmica.



Ilustração 160 – Fotografia da casa do lado Norte, objeto de estudo. (disponível na página da CMSM, s.d.).



Ilustração 161 – Fotografia da casa do lado Norte, objeto de estudo em 2024. (ilustração nossa, 2024).

Esta construção está desabitada, apresentando sinais de abandono.

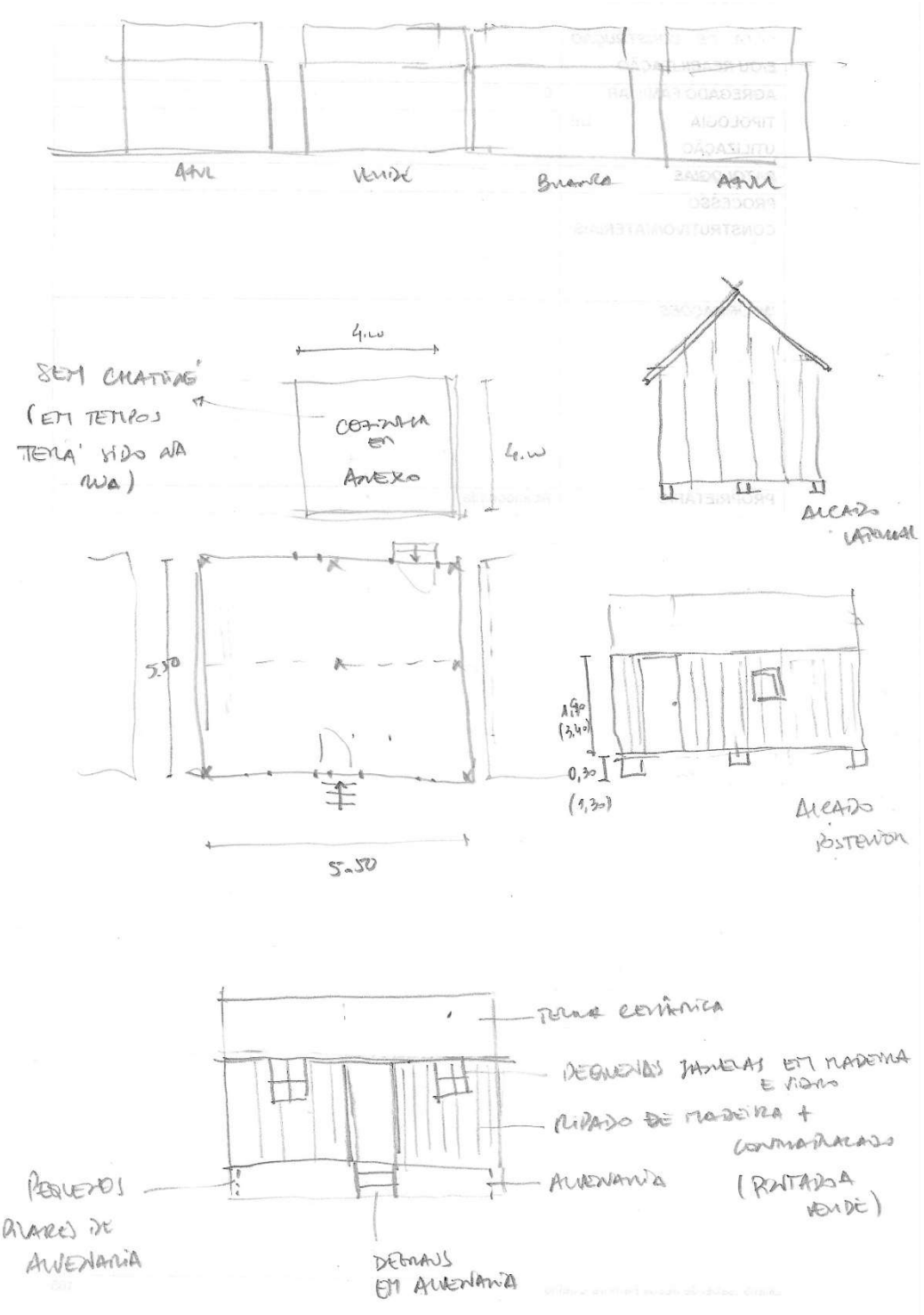
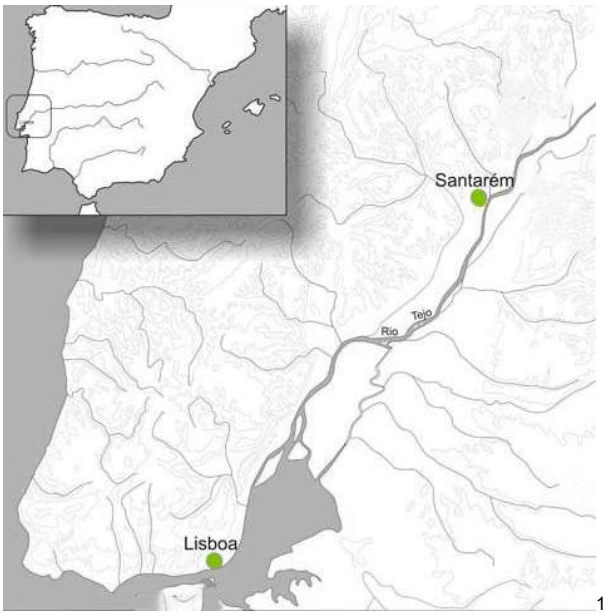


Ilustração 162 – Levantamento da casa tipo na aldeia do Escaroupim do lado Norte, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

3.3.5 PORTO DA PALHA



163



164

Ilustração 163 e 164 – Mapas com localização do assentamento do Porto da Palha, escala gráfica. (ilustração nossa, 2024).

O Porto da Palha fica no concelho da Azambuja, na margem direita do rio Tejo, deve o seu nome ao cais que existia onde era carregada palha para ir para Lisboa (Ilustrações 163 e 164).

Tabela 7 – Resumo da ficha de levantamento do assentamento do Porto da Palha

LOCALIZAÇÃO	Porto da Palha, Quinta do Lezirão, Azambuja
DISTRITO/CONCELHO	Lisboa, Azambuja
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.04574608895155, -8.81331967674035
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Assentamento polinucleado
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Degradado/Abandonada
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	1945/50
RELAÇÃO COM O RIO	Paralela ás margens
CAIS PALAFITICO	Não tem
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO INICIAL	20
Nº DE CASAS - ASSENTAMENTO ATUALMENTE	5 + 4
TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA	Dominante + Não dominante

Fonte: Tabela elaborada na recolha de informação efetuada no âmbito deste trabalho de investigação, e compilada no apêndice A – Ficha de levantamento da aldeia do Porto da Palha, Investigação nossa, 2025

A aldeia fica situada na quinta do Lezirão, que em tempos foi território abrangido pela quinta do Alqueidão, assim localizada no Inquérito à *Arquitectura Popular em Portugal* (Ilustração 165). A quinta do Lezirão é uma herdade no Ribatejo, cujo proprietário dava permissão para a construção de barracas a troco de uma renda simbólica. Neste local, havia cerca de nove palafitas em madeira e respetivas cozinhas, correspondentes a anexos construídos posteriormente em frente às casas. João Lobo foi quem construiu a primeira casa nesta aldeia por volta de 1953; o irmão, Carlos Lobo, vivia na Palhota e construía barracas e barcos; João Lobo era pai da Sr.ª Deolinda que veio da Palhota com 15 anos, viver para esta aldeia. (E-atlas avieiro, s.d., p. online)

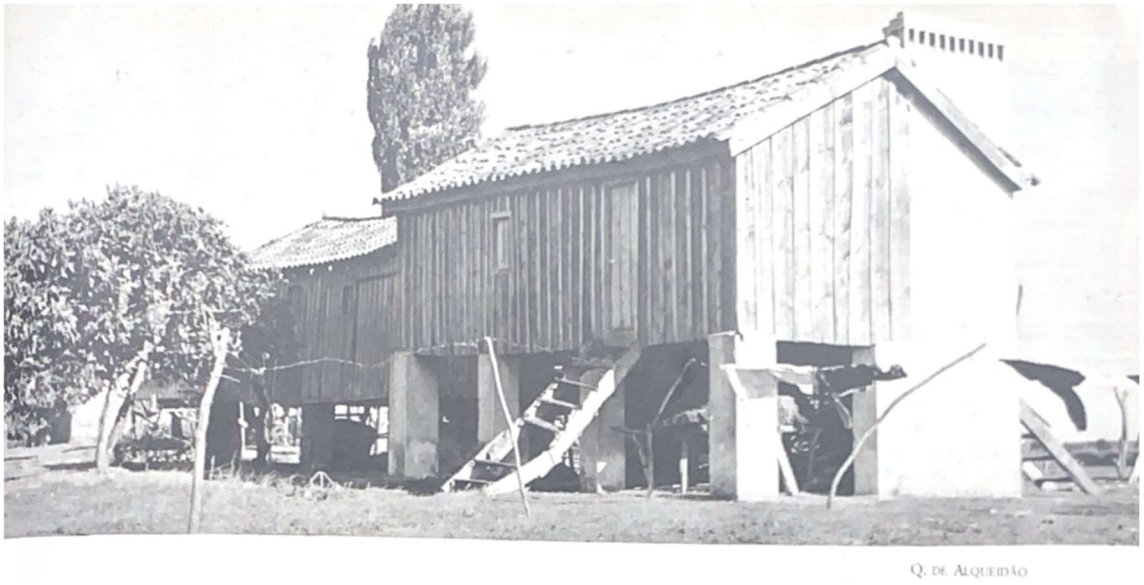


Ilustração 165 – Casa palafítica na Quinta do Alqueidão. (*Arquitectura Popular em Portugal,* p.383).

Ao compararmos as imagens, da investigação feita por Filipa Almeida em 2012 (Ilustração 166), com as fotografias tiradas, no âmbito desta investigação em 2024 e 2025 (Ilustração 167), na única rua do assentamento onde encontrámos pré-existências desta arquitetura avieira, concluímos que as alterações feitas ao longo dos últimos 13 anos levaram à total descaracterização da aldeia e das suas construções. Foram fechados alpendres e substituídas coberturas. Houve incêndios que consumiram casas (casa verde presente na ilustração 166, e que já não vemos na ilustração 167), e outras que estão simplesmente abandonadas.



Ilustração 166 – Rua do assentamento do Porto da Palha em 2012. (adaptação nossa, disponível em dissertação MIA Filipa Almeida, 2012).



Ilustração 167 – Rua do assentamento do Porto da Palha em 2025. (ilustração nossa, 2025).

O antigo restaurante que servia gastronomia típica avieira, está também encerrado. A aldeia está vazia.

Embora pela comparação dos ortofotomapas de 2004 (Ilustração 168) e 2023 (Ilustração 169), a aldeia tenha crescido em número de construções, todas fora da matriz arquitetónica avieira, ela está praticamente desabitada, havendo por ali, alguns antigos pescadores que utilizam o Porto da Palha como refúgio de fim-de-semana ou de férias, pois algumas das casas ali construídas pertencem a emigrantes descendentes de avieiros.



Ilustração 168 – Ortofotomapa do Porto da Palha de 2004. (disponível in http://websig.cm-cartaxo.pt/websig)



Ilustração 169 – Ortofotomapa do Porto da Palha de 2023. (disponível in http://websig.cm-cartaxo.pt/websig).

A *casa tipo* do assentamento do Porto da Palha (Ilustração 120), está assente sobre pilares de betão (à data desta investigação), num sistema de vigas de madeira sobre estes últimos, e encimadas por barrotes também de madeira, dispostos perpendicularmente, encimado por soalho em tabuado de madeira.

A estrutura da casa é no sistema de vigas e pilares de madeira, revestido pelo exterior com tabuado de madeira aplicado na vertical, e pintado de vermelho e azul. A planta é simples, retangular, com dois quartos, zona de entrada pelo lado do rio, e zona de cozinha em frente à casa principal, em anexo; o alçado principal tem um pequeno alpendre e uma escada de acesso, uma ou duas portas, e uma ou duas janelas.

À semelhança dos restantes assentamentos estudados, as casas estão desencostadas umas das outras.



Ilustração 170 – Vista da escada de acesso e alpendre da casa objeto de estudo. (ilustração nossa, 2025).



Ilustração 171 – Vista da estrutura em madeira, da casa objeto de estudo. (ilustração nossa, 2025).

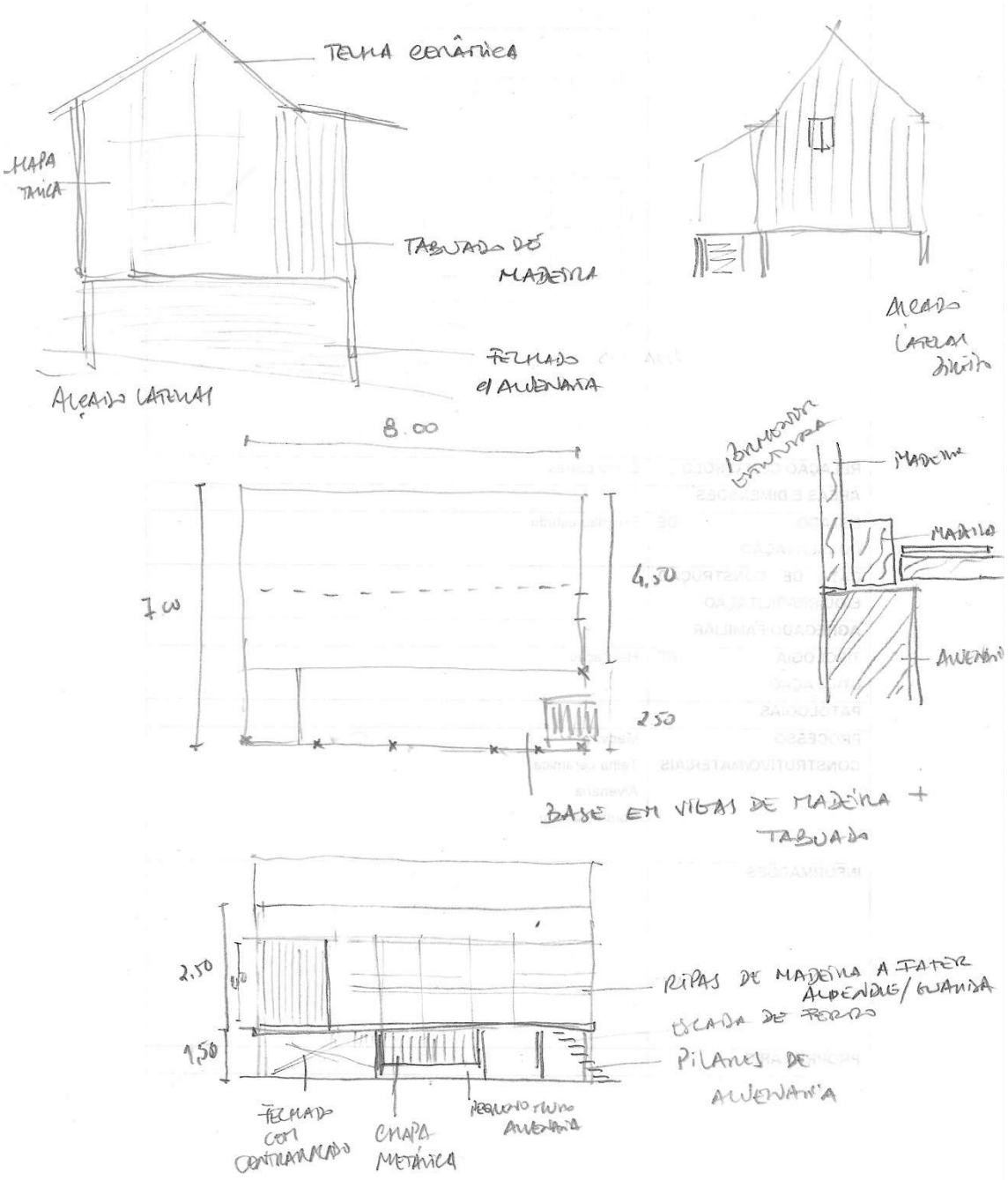
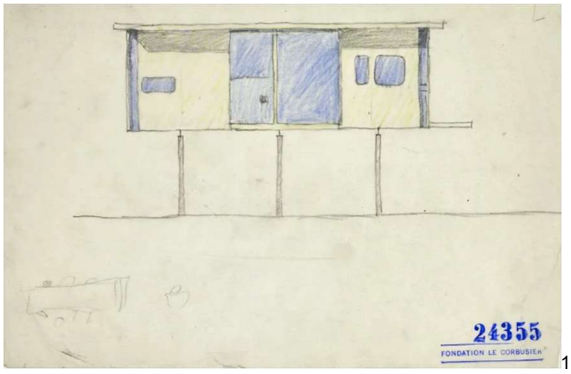


Ilustração 172 – Levantamento da casa tipo na aldeia do Porto da Palha, escala gráfica. (ilustração nossa, 2025).

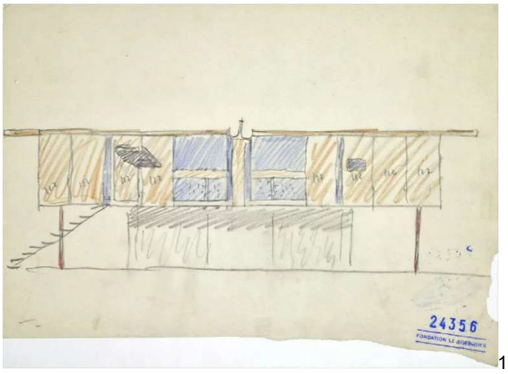
4. CONSTRUÇÕES PALAFÍTICAS NA CONTEMPORANEIDADE

São vários os casos pelo mundo, em que as palafitas ainda são utilizadas, por serem versáteis, quer em termos de possibilidades de material a utilizar, quer em forma e função, ou por refletirem preocupações como a ecologia, a ventilação, a exposição solar ou o respeito pelo lugar. Podemos vê-las em pequenas ou grandes habitações, edifícios plurifamiliares ou públicos, ou simplesmente, em estruturas, espalhados pelo mundo.

Le Corbusier foi um acérrimo defensor e utilizador do sistema de pilares ou *pilotis*. São inúmeras as obras publicadas, umas construídas e outras que ficaram em projeto, onde o arquiteto suíço desenha com base neste sistema construtivo, reinventando-o e redesenhando-o, dando-lhe formas e níveis de protagonismo diferentes, e contribuindo para a continuação da sua utilização. Podemos ver o sistema de pilotis no projeto das suas *maisons rurales*[51] (Ilustrações 173 e 174), não tendo sido construídas, mas levam-nos a fazer uma comparação visual com as palafitas avieiras, em estudo neste trabalho de investigação - pequenas casas de habitação sobre pilares, com acesso por uma escada exterior.



173



174

Ilustração 173 e 174 – Desenhos das *maisons rurales* de Le Corbusier. (disponíveis em https://www.fondationlecorbusier.fr/, 2025)

Na sua *Unité d'habitation de Marseille* (Ilustrações 175 e 176), os pilotis também estão presentes, embora, numa dimensão e escala completamente distintas do exemplo anterior, com uma forma orgânica, estreito na sua base e maior na parte superior, conferindo-lhe um aspeto instável, mas ao mesmo tempo flutuante. Com a utilização dos pilotis, Le Corbusier conseguia garantir ventilação, exposição solar, espaços verdes, circulação pedonal e até estacionamento, ao nível do solo.

[51] *Maisons rurales,* Chessy, França, 1956. (disponíveis em *https://www.fondationlecorbusier.fr/oeuvre-architecture/projets-maisons-rurales-chessy-france-1956/).*



Ilustração 175 – Vista da *Unité d'habitacion de Marseille,* de Le Corbusie. (disponíveis em https://www.fondationlecorbusier.fr/, 2025).



Ilustração 176 – Vista dos pilotis no piso térreo da *Unité d'habitacion de Marseille,* de Le Corbusier. (disponíveis em https://www.fondationlecorbusier.fr/, 2025).

Também, Mies van der Rohe[52], em 1951 na *Casa Farnsworth*[53] (Ilustrações 177 e 178), utilizou uma estrutura palafítica como base do seu projeto. Uma habitação unifamiliar, construída em zona de floresta, de planta retangular simples, com todas as suas paredes exteriores em vidro, e um interior livre, à exceção da zona de cozinha situada no seu centro.



Ilustração 177 – Vista sobre a *Casa Farnsworth,* de Mies Van der Rohe. (disponível em https://www.moma.org/, 2025).

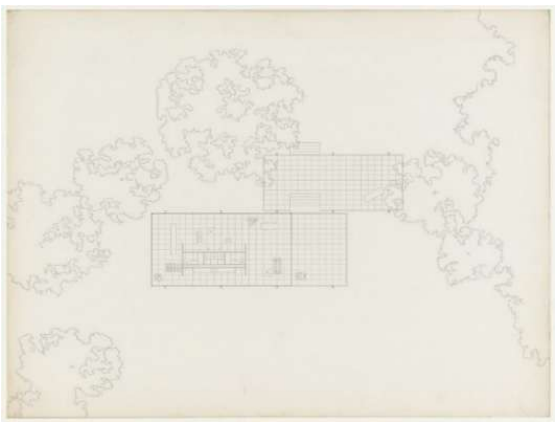


Ilustração 178 – Planta de piso térreo do projeto da *Casa Farnsworth,* de Mies Van der Rohe. (disponível em https://espacodearquitetura.com/, 2025).

No continente europeu, mais propriamente em Amesterdão, nos Países Baixos, encontramos o edifício plurifamiliar *Silodam* (Ilustrações 179 e 180), dos arquitetos MVRDV[54], construído sobre enormes pilares dentro o rio Ij, no porto daquela cidade holandesa, entre 1995 e 2003. Neste caso, as palafitas possibilitam ao edifício estar

[52] Ludwig Mies van der Rohe, um dos principais arquitetos do modernismo, nascido em 1886 na Alemanha, mas naturalizado americano. (disponível em https://www.moma.org).
[53] em Ilinois, nos EUA.
[54] MVRDV foi fundado em 1993, pelos arquitetos: Winy Maas, Jacob van Rijs e Nathalie de Vries; com sedes em Roterdão, Shangai, Paris, Berlim e Nova Iorque. (disponível em https://www.mvrdv.com/about).

implantado dentro de água, e embora, a sua escala seja bastante grande, ele parece flutuar sobre ela – uma das características conferidas pelo sistema de palafitas quando utilizada neste contexto.



Ilustração 179 – Vista sobre o edifício *Silodam*, MVRDV. (disponível em: https://www.mvrdv.com/, 2025).

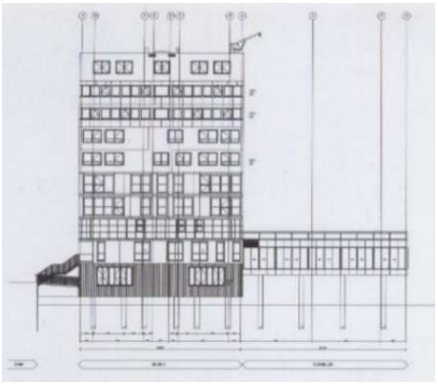


Ilustração 180 – Alçado lateral do edifício *Silodam*, MVRDV. (disponível em https://www.mvrdv.com/, 2025).

Quer tenham sido utilizadas por Le Corbusier, nos exemplos anteriormente descritos, por Mies van der Rohe, ou pelo atelier dos MVRDV, a arquitetura sobre palafitas continua atual e necessária.

4.1. PRESERVAÇÃO E REUTILIZAÇÃO?

Existem, casos, onde a memória, a função e a imagem foram mantidas, envolvendo a comunidade local e respeitando o modo de vida de quem insiste e persiste em faze-lo, como falámos no capítulo denominado *Pelo Mundo*, onde enumerámos alguns exemplos espalhados pelo mundo. A estes exemplos, juntamos os assentamentos de Tai O (Ilustração 181), e de Fenghuang County (Ilustração 182), ambos na China, onde as populações continuam a habitar estas aldeias lacustres, e a permitir que elas se preservem na história.



Ilustração 181 – Imagem de Tai O, na China. (disponível em https://pt.wikipedia.org/, s.d.).



Ilustração 182 – Imagem de Fenghuang County, na China, (disponível em https://pt.wikipedia.org/, s.d.).

Mas no caso das aldeias avieiras do Tejo, a sua utilização ou reutilização é diminuta, e quando existe, é feita sem respeito pelas origens, sem olhar, talvez por desconhecimento, à matriz original, à forma como os primeiros avieiros fizeram, levando à descaracterização das construções, e consequentemente, da memória.

Em 2012, o bairro avieiro da Póvoa de Santa Iria foi demolido. Embora tenha havido uma requalificação da frente ribeirinha, perdeu-se um pedaço da história, da memória, da cultura e da alma dos avieiros. Existe hoje, um novo cais de acostagem para as embarcações, um passadiço, espaços de comércio e lazer, novos edifícios de habitação, mas sem qualquer preservação do que ali, em tempos, se construiu, sem deixar qualquer marca da sua existência naquele local.



Ilustração 183 – Antiga aldeia palafítica da Póvoa de Santa Iria. (disponível em http://www.e-atlasavieiro.org, s.d.).

> "Morreu um pouco de nós!" É com esta expressão que Fernando Barrinho ilustra a tristeza da comunidade avieira da Póvoa de Santa Iria pela demolição do que ainda restava do antigo bairro de pescadores da cidade. As velhas casas construídas sobre pilares de madeira (palafitas) já não albergavam os cerca de cem avieiros da Póvoa, transferidos na década passada para um novo bairro de alvenaria edificado pela Câmara de Vila Franca de Xira. Agora, a edilidade quer requalificar aquela frente ribeirinha, encomendou o projecto ao arquitecto Sidónio Pardal, mas os pescadores e outros apreciadores da cultura avieira duvidam que a memória destas famílias de pescadores fique devidamente salvaguardada no futuro parque urbano ribeirinho. (https://www.publico.pt, 2012)



Ilustração 184 – Imagem da requalificada frente ribeirinha da Póvoa de Santa Iria. (disponível em: https://www.vilario.pt, 2025).

Não é este o futuro que se pretende para as restantes aldeias, que ainda resistem ao passar do tempo. Será importante haver intervenção, sim, mas de uma forma mais ponderada, não sendo a sua demolição a resposta mais adequada e eficaz. É necessário sim, haver investigação, e a consequente avaliação do valor patrimonial material e imaterial, em causa, para não corrermos o risco do seu total desaparecimento.

Nesse sentido, são vários os trabalhos de investigação que encontrámos sobre estes assentamentos em Portugal, e consequentemente, propostas para a sua requalificação e reabilitação.

Em 2010, existiu uma proposta conjunta entre várias entidades, como a ASF-P, o IPS, Câmaras Municipais e entidades privadas, que visava criar uma "rota das aldeias avieiras do Tejo" (mapa na ilustração 185), tendo sido apresentado em 2011, no segundo Congresso da Cultura Avieira[55]. Uma rota que passaria por oito assentamentos existentes naquela data e que foram assinalados como importantes. A rota passaria ainda por locais, "não avieiros", para apoio, como transportes, alojamento, atividades lúdicas ou monumentos a visitar. Uma proposta que iria delimitar territorialmente, um parque natural e cultural no Rio Tejo. Foram identificadas as potencialidades de cada assentamento, bem como as ações previstas pelas autarquias.

> (…) o conceito de itinerário cultural é inovador, complexo e multidimensional, pois introduz e representa uma contribuição qualitativa para o conceito de património e a sua conservação.
> Os itinerários culturais representam processos evolutivos, interativos e dinâmicos das relações humanas interculturais, realçando a rica diversidade das contribuições de diferentes povos para o património cultural. (ICOMOS, 2008, p.1)

Mas desde 2011, data do último congresso, que não existe atividade no sentido de pôr em prática este roteiro. Existem sim, iniciativas pontuais, como os passeios de barco no rio Tejo, que fizemos no âmbito desta investigação e que nos permitiu ver o rio e o seu ecossistema único, a fauna e a flora, os seus mouchões e ilhas (com as garças bem presentes, mas os cavalos selvagens já inexistentes), e as duas aldeias por onde passámos (Escaroupim de onde saiu o barco, e Palhota – que segundo apurámos, em tempos os passeios incluíam atracar no cais palafítico e fazer uma visita pelo assentamento, agora é apenas possível vê-lo da cota do rio com outros olhos. O sentimento, quando regressámos ao Escaroupim, era um misto de encantamento e desilusão. Um passeio agradável, com um guia que nos explica o que vemos e por onde estamos a passar, mas que nos faz ver a degradação e o abandono nestas aldeias.

[55] Segundo conseguimos apurar, o último ano em que houve Congresso, foi em 2013, ou seja, houve apenas três congressos.

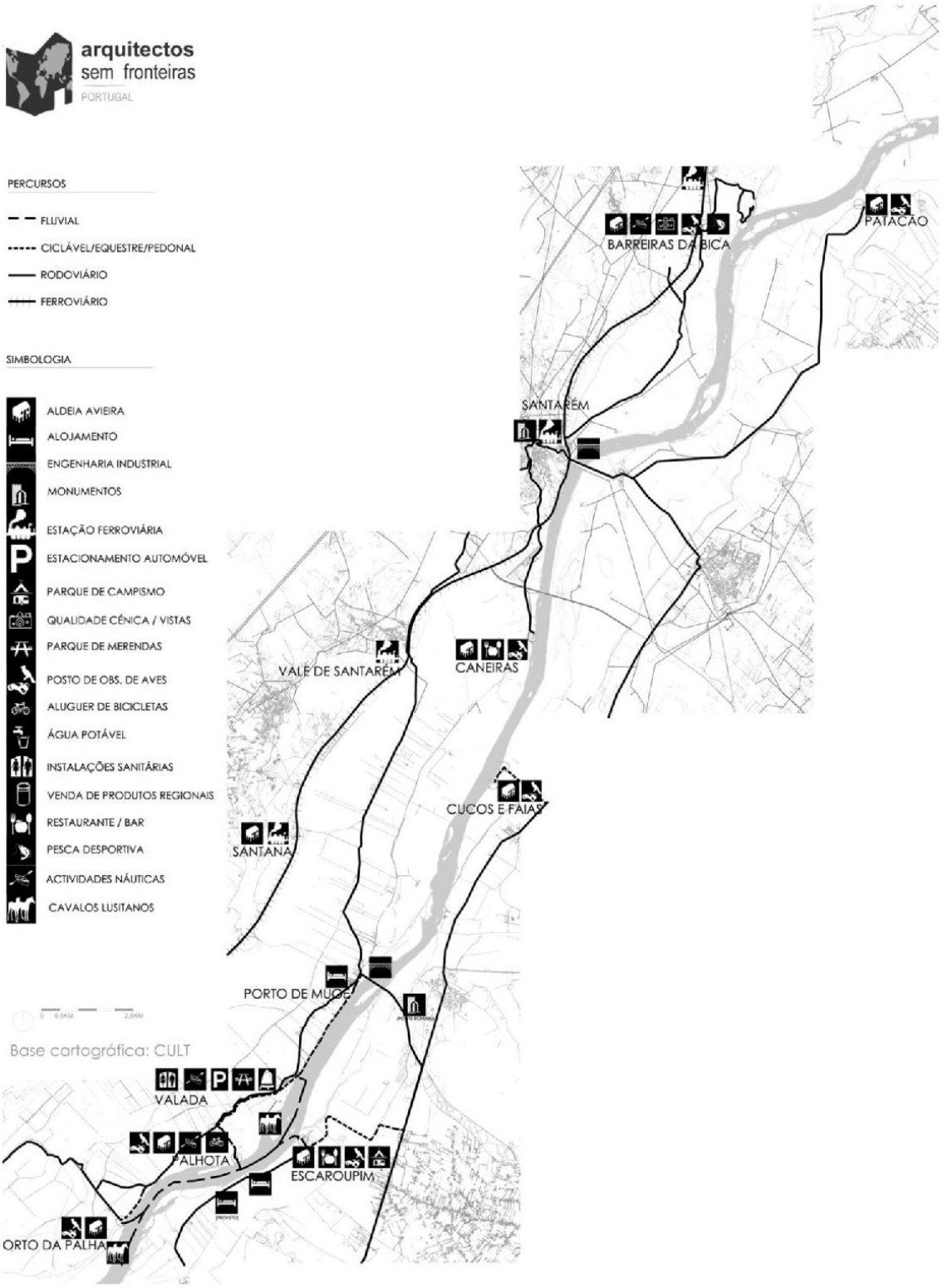


Ilustração 185 – Proposta para delimitação territorial do parque natural e cultural, intitulado *Rota das Aldeias Avieiras do Tejo*, ASF-P. (disponível no cartaz de apresentação no 2º congresso da cultura avieira, 2010).

4.2. PRESERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO?

> Em sentido lato, o património natural e cultural pertence a toda a humanidade. Cada um de nós possui direitos e deveres relativamente à compreensão, apreciação e conservação destes valores universais.
> O património é um conceito vasto que abrange, quer o meio ambiente natural, quer o cultural. Engloba as noções de paisagem, de conjuntos históricos, de sítios naturais e construídos, bem como as noções de biodiversidade, de acervos culturais, de práticas culturais, tradicionais ou atuais e de conhecimento. Recorda e expressa a longa caminhada do desenvolvimento histórico que constitui a essência das diversas identidades nacionais, regionais, autóctones e locais, e faz parte integrante da vida moderna. Constitui uma referência dinâmica e um instrumento positivo do desenvolvimento e da cooperação. O património específico e a memória coletiva de cada comunidade e de cada local, são insubstituíveis e representam uma base essencial para um desenvolvimento, simultaneamente respeitador do passado e virado ao futuro. (ICOMOS, 1999, p.1)

Existem na Europa, vários casos que optaram pela perpetuação da memória através da musealização e do turismo cultural.

São exemplo disso as *crannóg*[56] (Ilustração 186), na Irlanda (onde foram encontrados cerca de dois mil exemplares) e na Escócia (onde existem cerca de seiscentos exemplares), que consistem num conjunto de estacas delgadas onde assentaria uma casa redonda, e que podemos ver no museu ao ar livre *The scottish crannog centre*, em Dalerb, no Parque Nacional Loch Lomond, na Escócia.

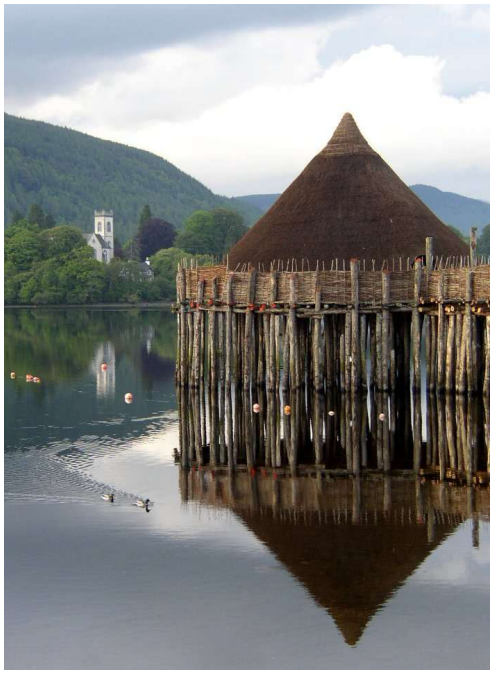


Ilustração 186 - Imagem de um crannog no Loch Tay na Escócia, (disponível em https://pt.wikipedia.org/, 2025).

[56] Com origem na palavra “árvore jovem” em irlandês antigo. (disponível em https://pt.wikipedia.org/).

Na Noruega, temos os *rorbu*[57] (Ilustração 187), construções com uma parte em terra e outra sobre pilares dentro de água, situadas em vilas de pescadores, restauradas e preservados, utilizadas para turismo cultural.



Ilustração 187 - Imagem de um rorbu em Reine, na Noruega. (disponível em https://pt.wikipedia.org/, 2025).

Em França encontramos as *tchanquée*[58] (Ilustração 188), uma cabana em madeira sobre pilares, típica de Bassin d'Arcachon, na zona do Golfo de Gascogne, feita por pescadores de ostras, e reconstruídas por carpinteiros com as mesmas características das iniciais (destruídas pelas intempéries), respeitando e preservando a memória arquitetónica, são hoje utilizadas para turismo cultural.



Ilustração 188 – Imagem de duas cabanas thanquée, na Ile aux Oiseaux, em França. (disponível em https://pt.wikipedia.org/, 2025).

[57] Palavra composta por duas: ror (casa pequena) e bu (viver). (disponível em https://www.svinoya.no/pt/rorbu-in-lofoten/).
[58] Termo utilizado para casas sobre palafitas ou sobre "pernas". (disponível em https://pt.wikipedia.org/)

Estas formas de pensar e agir, contribuíram para a preservação da identidade da arquitetura vernacular na Europa, não permitindo o seu desaparecimento. Foram repensadas, reabilitadas, reutilizadas, transformadas em turismo cultural, casas-museu, ou museus ao ar livre, sempre com a intenção de manter viva esta tipologia arquitetónica milenar.

4.3. CASOS DE REFERÊNCIA

As aldeias palafitas avieiras, à semelhança de outras de arquitetura vernacular, têm vindo, ao longo do tempo, a sofrer um processo de transformação, seja pela degradação, pela descaracterização arquitetónica ou pelo desrespeito da memória cultural. Estes fatores estão a contribuir para o desaparecimento do património material único, que são estas construções. Seja a sua preservação feita pela musealização, por réplicas feitas para utilização através de turismo cultural, ou pela consciencialização da comunidade local para que as dotem de condições para as habitarem, respeitando as suas matrizes iniciais, seria de extrema importância não deixar que se perdessem.

Temos em Portugal, vários exemplos de iniciativas para preservar ou dar conhecimento de determinado tema, cultura, ou tipologia arquitetónica, que poderiam servir de exemplo para a preservação destes assentamentos e da sua identidade arquitetónica. São exemplo disso, as casas de xisto na Serra da Lousã, com o turismo cultural a ajudar a manter viva esta tipologia arquitetónica tão peculiar (Ilustração 189).



Ilustração 189 – Imagem da Serra da Lousã, Portugal. (disponível em https://www.aldeiasdoxisto.pt/pt/aldeias/lousa/, 2025).

A Serra da Lousã é um dos exemplos de turismo cultural bem sucedido. É possível visitar as aldeias, ver como vivem os habitantes locais, ter a experiência de ficar numa das casas de xisto, que representam a arquitetura típica desta região do nosso país, e assim manter viva a cultura, não só imaterial desta zona do país, mas também a sua cultura material, a sua identidade arquitetónica, a sua forma de construir, perpetuando-a na história e permitindo a passagem para as gerações vindouras, desta sabedoria popular.

> A Serra da Lousã conjuga de forma única a vertente cultural e natural das Aldeias do Xisto. Aqui encontra-se quase metade das aldeias da rede. A sua paisagem proporciona inúmeras possibilidades de lazer. […]
> A Serra da Lousã tem uma mística muito especial. O sobe e desce coberto de verde, tantas vezes envolvido por neblina, confere-lhe uma aura de magia e mistério que, a juntar ao dinamismo criativo, artístico, cultural e desportivo, têm vindo a atrair cada vez mais pessoas a esta região. (ADXTUR, 2025, p. online)

Seria possível experienciar assim a arquitetura das aldeias avieiras do rio Tejo. Dotar, por exemplo, a aldeia do Patacão de Cima de condições de habitabilidade, dando a conhecer uma tipologia de construção, também ela única e merecedora de perpetuação. Os vestígios que restam das sete casas, podiam e deveriam ser reabilitadas, para aumentar o contacto com esta cultura, dar conhecimento da sua existência, e dotar de consciência quem desconhece a importância que teve e a sua singularidade.

Os centros interpretativos são, também, uma solução para dar a conhecer uma cultura ou determinado tema, são exemplo disso, o Centro Ciência Viva do Lousal (Ilustração 190), ou o Centro Interpretativo do Vale do Tua (Ilustração 191).



Ilustração 190 – Imagem do Centro Ciência Viva do Lousal. (disponível em https://www.visitalentejo.pt/, 2025).



Ilustração 191 – Imagem do Centro Interpretativo do Vale do Tua. (disponível em *https://centrointerpretativodovaledotua.pt/portas-de-entrada/*, 2025).

O Cento Ciência Viva do Lousal, faz parte *do Roteiro das Minas e pontos de interesse mineiro e geológico de Portugal*[59], mais propriamente na *Rota da Faixa Piritosa Ibérica*[60], e nasceu no âmbito do Programa de Revitalização Social e Económica, Ambiental e Patrimonial (RELOUSAL) implementado na antiga aldeia mineira, com o objetivo de divulgar a cultura científica e tecnológica da atividade mineira. (DGEG, 2025, p. online)

[59] *O Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal* tem como objetivo particular dar visibilidade a um conjunto de iniciativas, de enquadramento institucional, dimensões e características diferenciadas, relacionados com a geologia e minas. As iniciativas são de carácter lúdico, cultural, pedagógico e científico, desenvolvidas em minas abandonadas ou em exploração; museus; paisagens naturais relevantes, centros I&D, etc. (disponível em https://roteirodasminas.dgeg.gov.pt)

[60] A Rota da Pirite contempla em Portugal vários sítios mineiros com um património muito rico e diversificado: mina do Lousal (Grândola) - Centro Ciência Viva, Museu Mineiro, corta e galeria mineira Waldemar; mina de Aljustrel – Museu Municipal, galeria mineira Piso 30, Casa dos Compressores e setor de Algares; mina de São Domingos (Mértola) - Casa do Mineiro, corta, fábricas do enxofre da Achada do Gamo e porto mineiro do Pomarão; minas da planície do Campo Branco - museus da Ruralidade de Entradas e das Lucernas de Castro Verde. (disponível em https://roteirodasminas.dgeg.gov.pt).

Conta com o museu e centro interpretativo, visitas às minas, e espaço de galeria, reabilitando um edifício e um espaço exterior, que se não tivesse sido intervencionado estaria ao abandono, deixando entregue ao esquecimento uma parte importante da vida desta localidade, dos que lá trabalharam e dela dependeram. Seria mais um pedaço de história perdido. Pelo contrário, é hoje um contributo para a perpetuação deste património material e imaterial.

A identidade arquitetónica das aldeias avieiras das margens do rio Tejo também precisa de uma intervenção assim, com o devido respeito pela sua história e características únicas.

A terceira opção, são os percursos em madeira – também estes, com estrutura palafítica - em várias zonas do país, que nos levam a conhecer locais de difícil acesso, e que sem a ajuda destas construções se tornariam mesmo inacessíveis, mas que permitem atrair pessoas, dar-lhes conhecimento, e reutilizar uma técnica construtiva milenar.

> Os Passadiços do Paiva localizam-se na margem esquerda do Rio Paiva, no concelho de Arouca, distrito de Aveiro. São 8 km que proporcionam um passeio "intocado", rodeado de paisagens de beleza ímpar, num autêntico santuário natural, junto a descidas de águas bravas, cristais de quartzo e espécies em extinção na Europa. O percurso estende-se entre as praias fluviais do Areinho e de Espiunca, encontrando-se, entre as duas, a praia do Vau. Uma viagem pela biologia, geologia e arqueologia que ficará, com certeza, no coração, na alma e na mente de qualquer apaixonado pela natureza. (Passadiços do Paiva, 2025, p. online)



Ilustração 192 – Imagem dos Passadiços do Paiva, Portugal. (disponível em https://www.cm-arouca.pt, 2025).

> O Passadiço do Alamal pode não ter a imponência dos Passadiços do Paiva ou a extensão dos Passadiços de Aveiro, mas no que a beleza diz respeito, não lhes fica nada atrás. O percurso tem início na vistosa Praia Fluvial do Alamal e término junto à Ponte de Belver. Ao longo dos cerca de 2 km que separam estes dois pontos, o Passadiço do Alamal segue sempre junto ao Tejo, bordejado por vegetação de um lado e pelas plácidas águas do rio do outro. Pelo caminho somos brindados com idílicas paisagens sobre o rio Tejo e o altaneiro castelo de Belver, o secular guardião silencioso destas paragens do Alto Tejo. (VagaMundos, 2020, p. online)



Ilustração 193 – Imagem dos Passadiços do Alamal, Portugal. (disponível em https://osmeustrilhos.pt, 2025).

> Em Vila Nova da Barquinha, o Trilho Panorâmico do Tejo é o novo produto turístico do concelho, naquele que é um percurso linear de cerca de 10,5 quilómetros pontuado por diversos locais de interesse histórico, contando com o rio Tejo como fiel companheiro e com o verde da natureza como paisagem constante. Em permanente vigia encontra-se o imponente Castelo de Almourol, ex-libris barquinhense. Unindo a terra dos sorrisos à vila poema, o trilho permite aos que nele se aventurarem passar por locais icónicos como a Ponte de Praia do Ribatejo […]. (MédioTejo, 2025, p. online)



Ilustração 194 – Imagem do trilho panorâmico do Tejo, integrado na GR12, Portugal. (disponível em https://mediotejo.net, 2025).

Este seria o elemento aglutinador e unificador da nossa intervenção. Um elemento que passasse por estas aldeias, e que as unisse, num esforço intermunicipal, difícil e improvável até, mas possível, pensado com o intuito de dar a possibilidade de percorrer as margens do rio (como são exemplo, os passadiços do Alamal - Ilustração 193), podendo, por exemplo, dar continuidade ao trilho panorâmico do tejo (Ilustração 194).

Foi nossa intenção com este capítulo, investigar uma forma de utilização e preservação da cultura avieira nestas cinco aldeias, dando três exemplos de intervenções urbanas que, embora distintas, tenham pontos em comum. São distintas na sua dimensão e escala, mas semelhantes no seu propósito: levar pessoas a ter contacto com lugares onde havia pouca probabilidade de irem, visitarem espaços com características únicas, dar-lhes conhecimento e consciência de que existem, sendo uma solução viável para as aldeias avieiras.

Houve várias tentativas, inglórias, de trazer vida para estas aldeias, e é nossa intenção com este trabalho de investigação, não só, ser uma ferramenta que contribua para a preservação da memória, como documento de arquivo, mas também, sugerir uma proposta de rota ou conjunto de passadiços, um centro interpretativo e sugerir a reabilitação da aldeia do Patacão para turismo cultural (Ilustração 195). Um conjunto de três intervenções que nos levem a percorrer estas cinco aldeias, dar a conhecer a sua história, o seu valor cultural único e singular, o ecossistema entre avieiros e rio, que era único, a fauna e a flora que rodeia estes assentamentos, o navegável e em tempos, riquíssimo Rio Tejo, os seus habitantes, os seus costumes e gastronomia, o seu valor imaterial, mas acima de tudo a sua identidade arquitetónica ímpar.

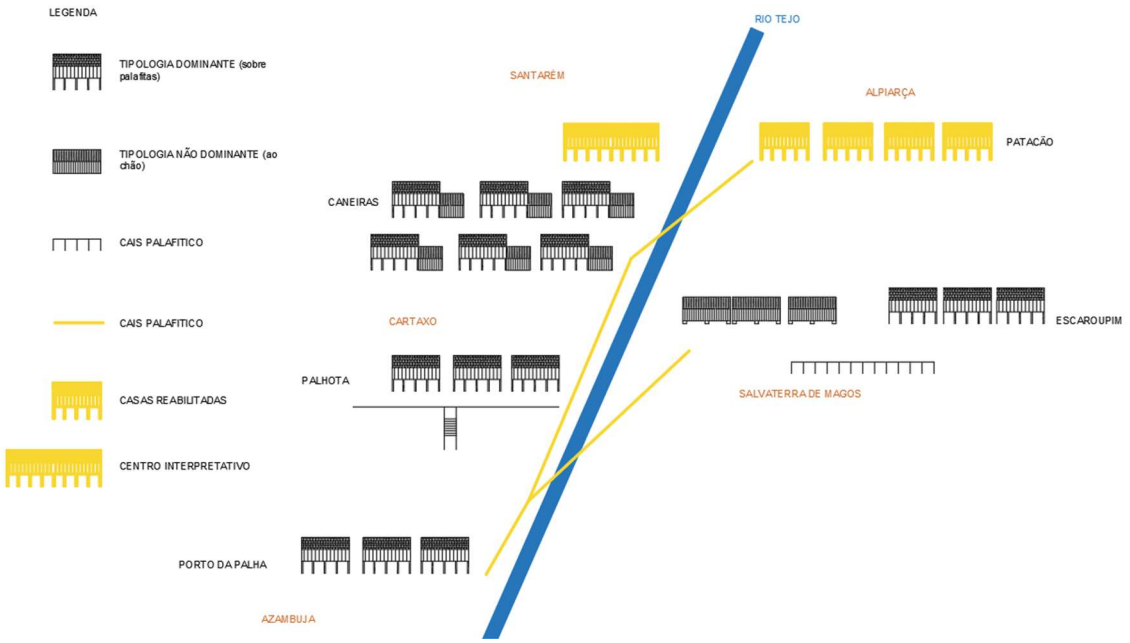


Ilustração 195 – Esquema de proposta para preservação da cultura avieira. (Ilustração nossa, 2025).

Embora façamos uma sugestão para a preservação desta tipologia arquitetónica e da cultura avieira, não foi esse o objetivo deste trabalho de investigação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As casas avieiras sobre palafitas – mínimas, nas suas condições de habitabilidade - foram, no passado, uma resposta às necessidades básicas dos pescadores oriundos da Praia de Vieira de Leiria, com uma cultura única e uma técnica construtiva singular, desde há milhares de anos utilizada em diferentes pontos do mundo, mas posta em prática de uma maneira muito própria nas margens do rio Tejo, e que faz sentido ainda hoje.

Foi objetivo deste trabalho de investigação, aprofundar o conhecimento científico sobre as origens e a evolução da identidade arquitetónica das aldeias avieiras, bem como, as construções palafíticas nestes assentamentos no passado, e a aplicação desta tipologia arquitetónica nessa altura e na contemporaneidade. O modo de vida dos avieiros foi sem dúvida a chave para uma arquitetura única. Pequenas casas de madeira e caniço, nas margens do rio, sobre estacas, feitas pelos próprios, e pintadas com as mesmas cores garridas dos seus barcos (que foram em tempos, a sua casa), e que representavam *o sonho de qualquer avieiro*. Mas estes avieiros foram abandonando esta forma precária e difícil de viver, e com ela, as suas casas, deixando para trás não só um passado, mas uma identidade.

É imperativo agir. As aldeias avieiras estão a desaparecer, e com elas, o património material e imaterial desta cultura única em Portugal, e na Europa. O facto de serem habitadas por tão poucas pessoas, e estarem a desaparecer a cada dia que passa, deveria ser um alerta, e um motivo para que se faça alguma coisa.

Este foi um trabalho de análise e registo, sempre com o intuito de melhorar o conhecimento científico sobre esta tipologia arquitetónica, tal como anunciado nos objetivos no capítulo introdutório, não pretendendo ser uma análise concluída e encerrada, mas sim, uma continuação de investigações já antes efetuadas e publicadas, e principalmente um contributo atualizado do estado destes assentamentos e da necessidade de preservação dos mesmos.

> 1.º O património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído. (ICOMOS, 1975, p. 2)

É possível afirmar que este estudo permitiu aprofundar o nosso conhecimento sobre a identidade arquitetónica avieira, assim como, fazer a ponte das construções palafíticas iniciais do Neolítico com as da contemporaneidade, através dos casos de estudo, mas

também, dos casos de referência, e concluir que as construções sobre palafitas foram uma solução utilizada no passado, que se manteve até aos dias de hoje, quer seja em habitações, edifícios públicos ou em estruturas de outro tipo, mantendo o seu caráter ecológico e versátil, com um papel bastante relevante na história da arquitetura.

REFERÊNCIAS

AA.VV. (1988) - Arquitectura Popular em Portugal, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, (1ª ed.: 1961)

BAHAMÓN, A., e ÁLVAREZ, A. M. (2009) - Palafita: da arquitectura vernácula à contemporânea. Lisboa: Argumentum.

CALOR, Inês Alhandra, (2011) - Técnicas construtivas avieiras : tradição e inovação no sistema palafítico. Edições Universitárias Lusófonas

COHEN, Jean-Louis (2015) - -Vida y obra de Le Corbusier. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

ICOMOS (1975) – Carta Europeia do Património Arquitectónico. Amesterdão: International Council on Monuments and Sites

ICOMOS (1999) – Carta sobre o Património construído vernáculo. Cidade do México: International Council on Monuments and Sites

FERRO, Maria Alexandra de Abreu Pereira de Almeida (2015) – O património, o simbólico e a segurança – o caso dos avieiros – Dissertação para obtenção de grau Mestre. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

GASPAR, P. L.; PALLA, J. (2010) - Construções palafíticas da bacia do Tejo: Levantamento de diagnóstico do património construído da cultura avieira. Lisboa: Arquitectos Sem Fronteiras Portugal.

GOMES, João Francisco (2017) - Avieiros hoje. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos

MACHADO, José Pedro (1995) – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 7ª edição

MASCARENHAS, Jorge (2015) - Sistemas de Construção XV - Arquitetura Popular Portuguesa. Livros Horizonte. 9789722417969.

MVRDV (1992-2002) – El Croquis MVRDV. El Croquis Editorial, Madrid. ISBN: 84-88386-29X

OLIVEIRA, E. V. e GALHANO, F. (1964) – Palheiros do Litoral Central Português. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

REDOL, Alves (2023) – Avieiros. Lisboa: Caminho (1ª ed.: 1942).

SALVADO, Maria Adelaide Neto (1985) - Os avieiros nos finais da década de cinquenta. Castelo Branco.

SERRANO, J. M. e GÓMEZ, H. G. (2024) - Tejo acima: memória antigas = Tajo arriba: viejos. Confraria Ibérica do Tejo.

TRAVASSOS, David, (2020) - Guia do Rio Tejo – desde a Nascente até à Foz. Lisboa: Edições Lisboa Capital Verde Europeia. Acedido em 30 de abril de 2025, em: https://www.lisboa.pt/fileadmin/informacao/publicacoes/ambiente/guia_rio_tejo.pdf.

VASCONCELOS, Humberto, (2011) - Os condenados do rio - Avieiros: os últimos pescadores do Tejo. Lisboa: Diário Popular

VÉSTIA, Maria de Lurdes, (2012) - Avieiros: dores e maleitas. Lisboa: Âncora. ISBN: 978-972-780-353-8

VIRTUDES, Ana L. (2013) - Desafios da reabilitação urbana no processo de planeamento: o património esquecido das aldeias Avieiras - AGIR - Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas. Ano 1, Vol. 1, n.º 5, nov 2013

WEBGRAFIA

ACCVL - Associação Centro Ciência Viva do Lousal. (2010). Centro Ciência Viva do Lousal. Acedido em: 19/06/2025, em: https://lousal.cienciaviva.pt/

ADXTUR - Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto Casa Grande. (2020). Aldeias do Xisto. Acedido em 18/06/2025, em: https://www.aldeiasdoxisto.pt/pt/aldeias/lousa/

ALVES, Silvia. (2003). RTP Arquivos – Os últims herdeiros do Tejo. Acedido em 15/03/2025, em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/os-ultimos-herdeiros-do-tejo/

ASF-P. (2016). Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional – Rio Tejo, 2009-2016. Acedido em 03/12/2024, em: https://asfp.pt/projectos/candidatura-da-cultura-avieira-a-patrimonio-nacional/

BENFICA DO RIBATEJO. (2009) Percurso fluvial dos Avieiros. Acedido em 05/02/2025, em: https://benficadoribatejo.blogspot.com

BOUVIER, Brigitte. Fondation Le Corbusier. Acedido em: 01/10/2025, em: https://www.fondationlecorbusier.fr

CENTEIO, António. (2015). Notícias do Ribatejo – Artigos e notícias sobre cultura avieira. Acedido em 15/11/2024, em: https://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt

CMCA – CÂMARA MUNICIPAL DE CARRAZEDA DE ANSIÃES. (2020). CIVT - Centro Interpretativo do Vale do Tua. Acedido em 20/06/2025, em: https://centrointerpretativodovaledotua.pt/

CULTURA AVIEIRA. (2006). E-Atlas: o Tejo e a Cultura Avieira. Acedido em: 06/09/2024, em: http://www.e-atlasavieiro.org

ESPAÇO ARQUITETURA. Acedido em: 10/09/205, em: https://espacodearquitetura.com/

FACE – FOUNDATION FOR ARCHITECTURE AND COMUNITY EQUITY. (2020). F.A.C.E. Bangladesh. Acedido em 16/09/2025, em: https://facebangladesh.org/about/

FERNANDES, Valanne. (2025). First in Architecture - Le Corbusier's Five Points of Architecture. Acedido em: 10/08/2025, em: https://www.firstinarchitecture.co.uk/le-corbusiers-five-points-of-architecture/

FFMS - FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS. (2022). Especial Feira do Livro: O Tejo à mão, o que resta dele?. Acedido em 03/01/2025, em https://youtu.be/CGRxJR8IDao

GANDINI, Bénédicte. Le Corbusier – World Heritage. Acedido em: 10/09/2025, em: https://lecorbusier-worldheritage.org/en/maisons-la-roche-et-jeanneret/

LIKIERMAN, Michael. (1901). Cap Moderne. Acedido em: 01/02/2025, em: https://capmoderne.com

MoMA - The Museum of Modern Art. Acedido em: 20/10/2025, em: https://www.moma.org/

MORGADO, Tomás. (2014). A aldeia piscatória do Patacão (Alpiarça) em degradação. Acedido em: 19/07/2025, em: https://www.youtube.com/watch?v=f_Nn44x4Dz8

MUNICIPIO DE SALVATERRA DE MAGOS. (2017). Museu “Escaroupim e o Rio” no Portugal em direto da RTP1. Acedido em 12/12/2024, em https://www.youtube.com/watch?v=kAIfxNxlN_E

MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA. (1951). Monumento aos Avieiros. Acedido em 15/12/2024, em: https://www.museumunicipalvfxira.pt/poi-286/monumento-aos-avieiros

NORONHA FEIO. (1981). RTP Arquivos: Os jogos da borda d’água I a V. Acedido em 10/02/2025, em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/os-jogos-da-borda-dagua-i/

RR e FFMS. (2025). Da capa à contracapa – Conhece o cruzeiro religioso e cultural do Tejo?. Acedido em 25/07/2025, em https://rr.pt/artigo/da-capa-a-contracapa/2025/06/03/conhece-o-cruzeiro-religioso-e-cultural-do-tejo/427994/

SIPA – SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO. Acedido em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6255

SWISS COORDENATION GROUP UNESCO PALAFITTES. (2017-2025). Prehistoric pile dwellings around the Alps. Acedido em 25/09/2024, em: https://www.palafittes.org

THE SWISS VOICE. (1935). The Swiss voice in the world since 1935. Acedido em 20/10/2024, em: https://www.swissinfo.ch

TABASSUM, Marina. (2005). MTA- Marina Tabassum Architects webpage. Acedido em 16/10/2025, em: https://marinatabassumarchitects.com/

TODOS POR ALPIARÇA. (2014). Patacão – o virtual e o real. Acedido em: 10/01/2025, em: https://todosporalpiarca.weebly.com/blogue/pataco-o-virtual-e-o-real

TRAVASSOS, David. (2021). Guia do Rio Tejo – desde a nascente até à foz. Acedido em: 20/04/2025, em https://www.lisboa.pt/fileadmin/informacao/publicacoes/ambiente/guia_rio_tejo.pdf

BIBLIOGRAFIA

ÁNGEL MARZAL, Miguel (2008) – La irresistible ascensión del CRAI en universidad. Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA.

APPLETON, João (2011) – Reabilitação de Edificios Antigos – patologias e Tecnologias de Intervenção. Local : Editora Orion. ISBN.

APPOLINÁRIO, Fábio (2006) – Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

AUGÉ, Marc (2005) - Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Lisboa: 90 Graus Editora.

CHOAY, Françoise (1982) - Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70.

COHEN, J.-L. e BENTON, T. (2008) – Le Corbusier – Le Grand. New York: Phaidon Press Ltd. ISBN: 978-0-7148-4668-2

LOPES, Flávio (2013) - Zonas de Protecção Patrimonial: Para que servem?. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

LYNCH, Kevin (2001) - A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70.

MENOTTI, Francesco (2004) – Living on the Lake in Prehistoric Europe: 150 years of lake dwelling research. Routledge

NAPOLEÃO, Pedro Araújo (2018) – As Sensações e as Emoções na Arquitectura. Famalicão: Centro Atlântico.

OLIVER, Paul (2006) - Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture. Oxford: Architectural Press

ORÊNCIO, J. D. (2013) - A re-invenção do lugar: na proposta sobre dois aldeamentos avieiros. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra.

RUDOFSKY, Bernard (1964) - Architecture without architects. The Museum of Modern Art, N.Y.: Doubleda

SERRANO, João Monteiro (2014) - Os avieiros – uma cultura, um património e uma identidade. Cadernos Culturais, Número: 6, 100pp.

SERRÃO, Adriana Veríssimo (2011) - Filosofia da Paisagem. Centro de Filosofia Universidade, Lisboa: Aesthetica1

ZUMTHOR, Peter (2009) - Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam. Trad. Astrid Grabow. 2.ª impressão. Barcelona: Gustavo Gili

APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

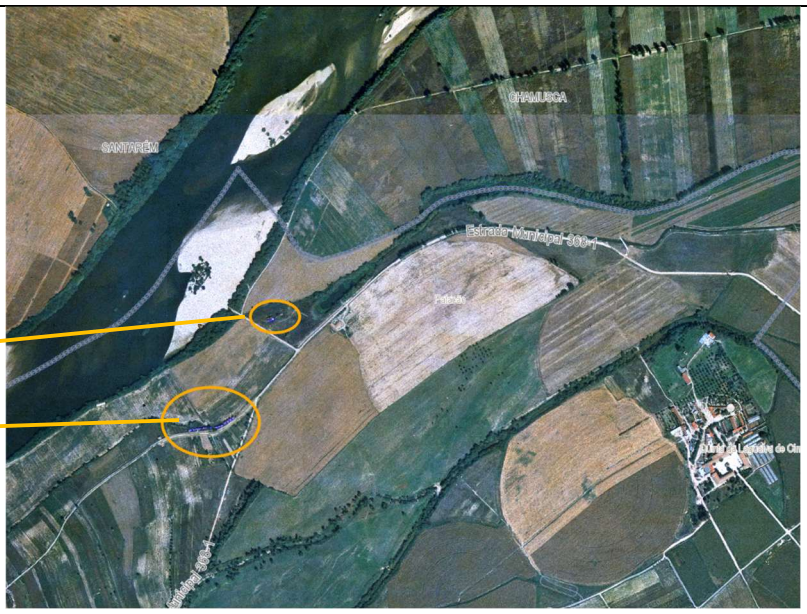
Apêndice A - Ficha de levantamento por assentamento
B - Ficha de levantamento de habitação tipológica por assentamento

APÊNDICE A

Ficha de levantamento por assentamento

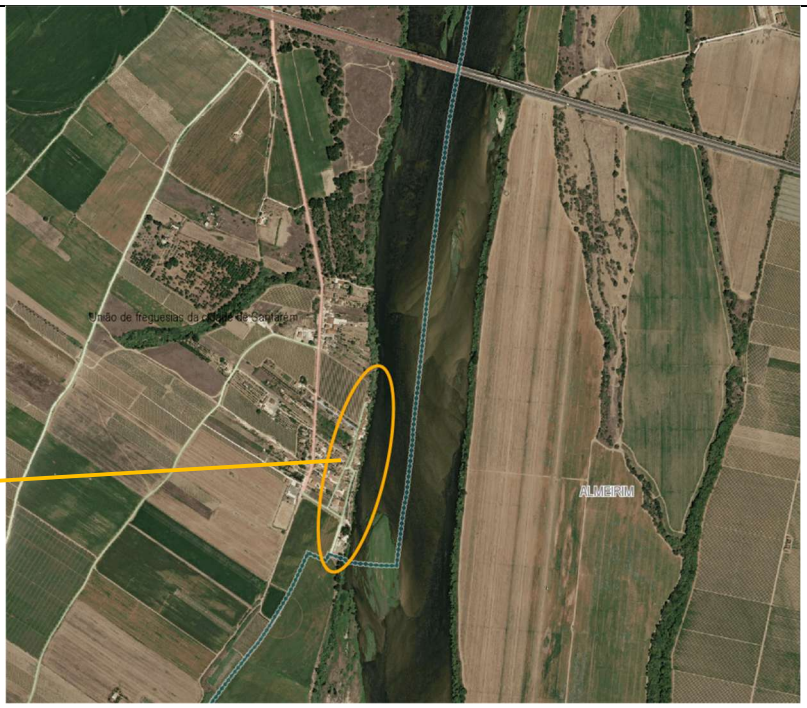
Durante o decorrer da investigação, tivemos necessidade de criar fichas de levantamento para identificar as informações referentes aos assentamentos, suas tipologias, localização, habitantes, estado de conservação, tendo as mesmas sido preenchidas no local, com informação recolhida dos habitantes locais ou familiares próximos (à exceção do assentamento do Patacão), e levantamento feito no local, sendo a sua configuração original a seguinte:

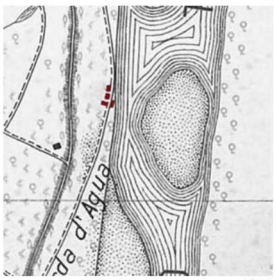
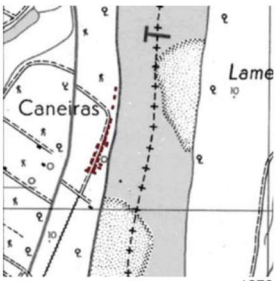
LOCALIZAÇÃO	
DISTRITO/CONCELHO	
ORIENTAÇÃO **(coordenadas GPS)**	
FOTOGRAFIAS **(ANTIGO vs RECENTE)**	
PLANTA LOCALIZAÇÃO/ **ORTOFOTOMAPA WEBSIG**	
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	
EVOLUÇÃO DO ASSENTAMENTO	
CASA: TIPOLOGIA ATUAL	
CASAS ATUALMENTE - FOTOGRAFIAS	
PATOLOGIAS	
INFORMAÇÕES	

LOCALIZAÇÃO	Patacão
DISTRITO/ CONCELHO	Santarém/Alpiarça
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.29798625759167, -8.581156504232283
FOTOGRAFIAS (ANTIGO vs RECENTE)	 
PLANTA LOCALIZAÇÃO/ ORTOFOTOMAPA WEBSIG **NÚCLEO 1** **NÚCLEO 2**	

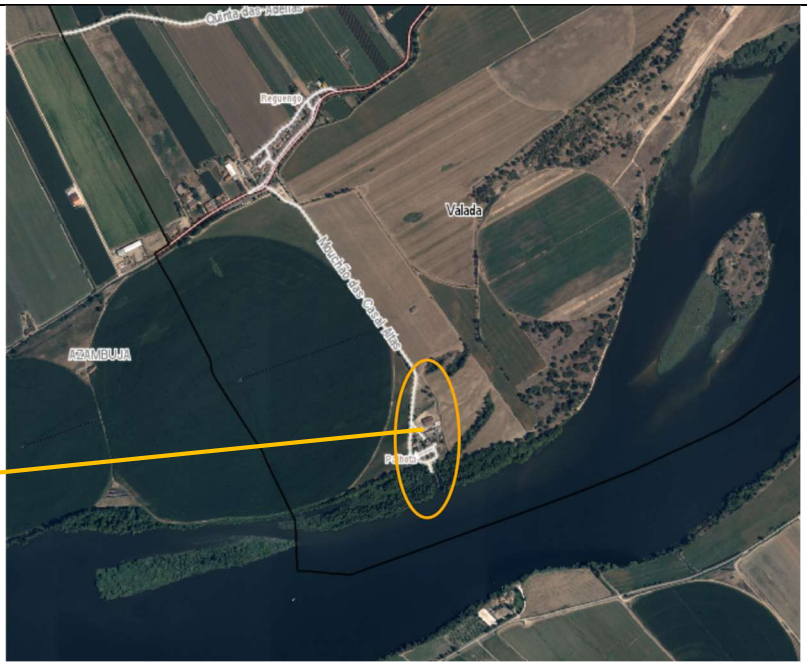
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Dois conjuntos habitacionais, denominados de núcleo 1 e 2 Encontra-se longe quer do rio, quer da cidade mais próxima, Alpiarça NÚCLEO 1: pequeno conjunto de casas dispostas paralelamente ao rio, mas perpendicular à estrada NÚCLEO 2: conjunto de casas dispostas em linha reta, paralelamente ao rio e ao dique, com o qual têm ligação pedonal
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Abandonada
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Entre 1870 e 1910
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação
EVOLUÇÃO DO ASSENTAMENTO	
CASA: TIPOLOGIA ATUAL	Dominante (sobre palafitas de betão) Núcleo 1: 2 casas Núcleo 2: 7 casas
CASAS ATUALMENTE: FOTOGRAFIAS (disponíveis online)	  
PATOLOGIAS	Encontra-se extremamente degradada Está abandonada desde a época de 1980/1990 Madeiras destruídas e corroídas pelo tempo Pavimentos interiores inexistentes

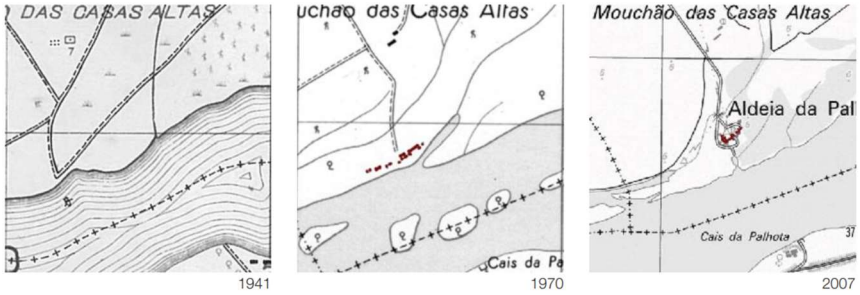
	Coberturas destruídas e consumidas pela densa vegetação A maioria já não tem portas Vidros das janelas partidos
INFORMAÇÕES	O Patacão conta com o apoio da AIDIA, e é um dos assentamentos que faz parte do núcleo da cultura avieira das margens do Rio Tejo AIDIA ASSOCIAÇÃO INDEPENDENTE PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE ALPIARÇA CULTURA AVIEIRA

LOCALIZAÇÃO	Caneiras
DISTRITO/ CONCELHO	Santarém/Santarém
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.19283202038164, -8.684476686240043
FOTOGRAFIAS (ANTIGO vs RECENTE)	 
PLANTA LOCALIZAÇÃO/ ORTOFOTOMAPA WEBSIG **NÚCLEO AVIEIRO**	

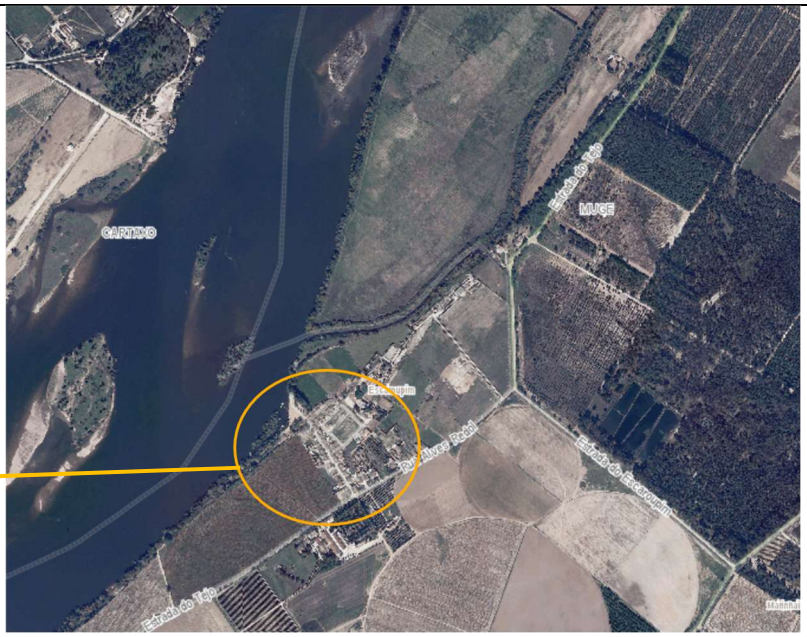
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Ruas paralelas à linha de água Este assentamento encontra-se junto ao rio, mas longe da cidade mais próxima, Santarém
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Habitada, mas bastante alterada e longe da matriz original
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Núcleo inicial formado entre 1880 e 1890 Núcleo atual formado após as cheias de 1941
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação, comércio e espaços públicos
EVOLUÇÃO DO ASSENTAMENTO	 1941  1970  2004
CASA: TIPOLOGIA ATUAL	Dominante (sobre palafitas de betão) – casa principal 24 casas + Não dominante (ao chão) – cozinha em anexo 6 anexos
CASAS ATUALMENTE: FOTOGRAFIAS (do autor)	      

	 
PATOLOGIAS	Encontra-se extremamente alterada, o que a coloca longe da matriz original Madeiras substituídas por chapas metálicas e/ou contraplacados Coberturas em telha cerâmica, e algumas substituídas por telha tipo sandwich Portas e janelas em pvc ou alumínio Pilares em alvenaria ou betão, e fechados nessa zona ou com contraplacado ou com alvenaria (aumentando a área de habitação) Na sua maioria, as alterações e reabilitações, foram feitas sem conhecimento pela matriz original, e pela identidade arquitetónica da cultura avieira, pelo que os materiais utilizados não foram os indicados, desviando o assentamento e as suas casas da matriz.
INFORMAÇÕES	As Caneiras contam com o apoio da AAC, e é um dos assentamentos que faz parte do núcleo da cultura avieira das margens do Rio Tejo. ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DAS CANEIRAS FUNDADA EM 16-11-1993 CULTURA AVIEIRA

LOCALIZAÇÃO	Palhota (anterior Mouchão das Casa Altas)
DISTRITO/ CONCELHO	Santarém/Cartaxo
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.06343399105186, -8.777665374752653
FOTOGRAFIAS (ANTIGO vs RECENTE)	 
PLANTA LOCALIZAÇÃO/ ORTOFOTOMAPA WEBSIG	 **NÚCLEO AVIEIRO**

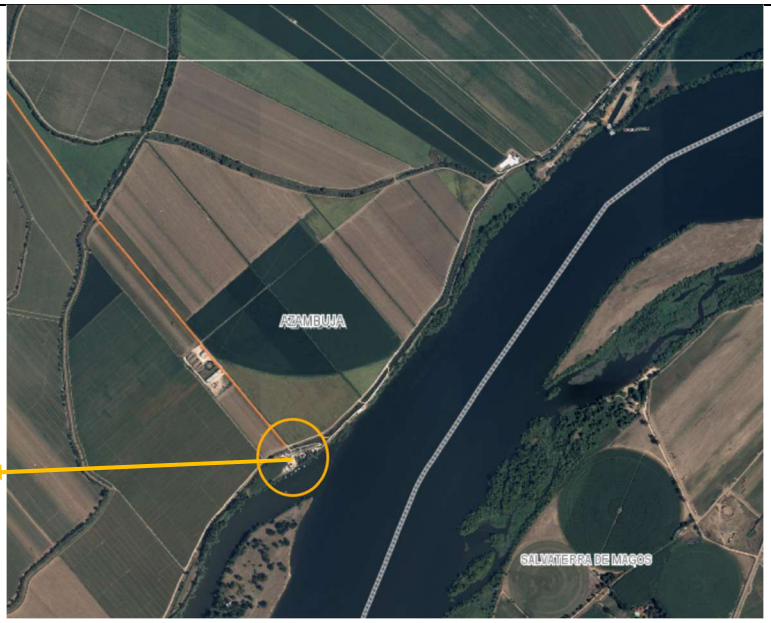
TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Ruas paralelas à linha de água + cais palafítico Este assentamento encontra-se junto ao rio, mas longe da cidade mais próxima, Cartaxo
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Habitada, mas bastante alterada e longe da matriz original
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Por volta de 1980/85
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação
EVOLUÇÃO DO ASSENTAMENTO	
CASA: TIPOLOGIA ATUAL	Dominante (sobre palafitas de betão) – casa principal 9 casas + Não dominante (ao chão) – cozinha em anexo 7 anexos
CASAS ATUALMENTE: FOTOGRAFIAS (do autor)	

	 
PATOLOGIAS	Encontra-se extremamente alterada, o que a coloca longe da matriz original Está parcialmente habitada, mas na sua maioria, as casas não têm habitantes permanentes (as casas são refúgios de férias ou fim-de-semana) Madeiras substituídas por chapas metálicas e/ou contraplacados Coberturas de telha cerâmica, e algumas substituídas por telha tipo sandwich Portas e janelas em pvc ou alumínio Pilares em alvenaria ou betão, alguns fechados nessa zona ou com contraplacado ou com alvenaria (aumentando a área de habitação) Na sua maioria, as alterações e reabilitações, foram feitas sem conhecimento pela matriz original, e pela identidade arquitetónica da cultura avieira, pelo que os materiais utilizados não foram os indicados, desviando o assentamento e as suas casas da matriz.
INFORMAÇÕES	A Palhota conta com o apoio da Associação Palhota Viva, e é um dos assentamentos que faz parte do núcleo da cultura avieira das margens do Rio Tejo  CULTURA AVIEIRA

LOCALIZAÇÃO	Escaroupim
DISTRITO/ CONCELHO	Santarém/Salvaterra de Magos
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.06817218392385, -8.754946274748779
FOTOGRAFIAS (ANTIGO vs RECENTE)	 
PLANTA LOCALIZAÇÃO/ ORTOFOTOMAPA WEBSIG **NÚCLEO AVIEIRO**	

TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Dois núcleos, o “do lado de Salvaterra” e o “do lado Norte” Núcleo do lado de Salvaterra já desaparecido Núcleo do lado norte paralelo à linha de água Ruas paralelas à linha de água + cais palafítico Este assentamento encontra-se junto ao rio, mas longe da cidade mais próxima, Salvaterra de Magos
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Habitada, mas com algumas casas desabitadas, e outras alteradas, colocando-as longe da matriz original; construção de uma casa-museu
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Meados de 1930
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação (e atualmente com comércio e serviços)
EVOLUÇÃO DO ASSENTAMENTO	
CASA: TIPOLOGIA ATUAL	Dominante (sobre palafitas de betão) – casa principal 1 casa-museu + Não dominante (ao chão) 10 casas
CASAS ATUALMENTE: FOTOGRAFIAS (do autor)	  

	 
PATOLOGIAS	Encontra-se alterada, com casas desabitadas, mas com algum cuidado na reabilitação de uma casa, para museu As casas de tipologia não dominante têm vestígios de abandono Madeiras exteriores corridas pelo tempo Janelas partidas Está habitada, na sua maioria, em casas não avieiras
INFORMAÇÕES	O Escaroupim conta com o apoio do município de Salvaterra de Magos, e é um dos assentamentos que faz parte do núcleo da cultura avieira das margens do Rio Tejo

LOCALIZAÇÃO	Porto da Palha (foi Quinta do Alqueidão; e é também conhecida por Lezirão)
DISTRITO/ CONCELHO	Azambuja
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.04575442142904, -8.813244574832027
FOTOGRAFIAS (ANTIGO vs RECENTE)	 
PLANTA LOCALIZAÇÃO/ ORTOFOTOMAPA WEBSIG **NÚCLEO AVIEIRO**	

TIPOLOGIA DE ASSENTAMENTO	Rua paralela à linha de água Este assentamento encontra-se junto ao rio, mas longe da cidade mais próxima, Azambuja
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Parcialmente habitada, mas bastante alterada e longe da matriz original
DATA DE INICIO DO ASSENTAMENTO	Meados de 1945/50
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação (houve em tempos um restaurante, mas está encerrado)
EVOLUÇÃO DO ASSENTAMENTO	 1941  1970  2007
CASA: TIPOLOGIA ATUAL	Dominante (sobre palafitas de betão) – casa principal 5 casas + Não dominante (ao chão) – cozinha em anexo 4 anexos
CASAS ATUALMENTE: FOTOGRAFIAS (do autor)	   
PATOLOGIAS	Encontra-se extremamente alterada, o que a coloca longe da matriz original Está praticamente desabitada Madeiras do revestimento exterior substituídas por chapas metálicas e/ou contraplacados Coberturas de telha cerâmica, algumas substituídas por telha tipo sandwich

	Portas e janelas em pvc ou alumínio Pilares em alvenaria ou betão, e fechados nessa zona ou com contraplacado ou com alvenaria (aumentando a área de habitação) Na sua maioria, as alterações e reabilitações, foram feitas sem conhecimento pela matriz original, e pela identidade arquitetónica da cultura avieira, pelo que os materiais utilizados não foram os indicados, desviando o assentamento e as suas casas da matriz.
INFORMAÇÕES	A aldeia do porto da Palha não tem, neste momento, qualquer dinamização, mas faz parte dos assentamentos que pertencem ao núcleo da cultura avieira. CULTURA AVIEIRA Aldeia do Porto da Palha AZAMBUJA

APÊNDICE B

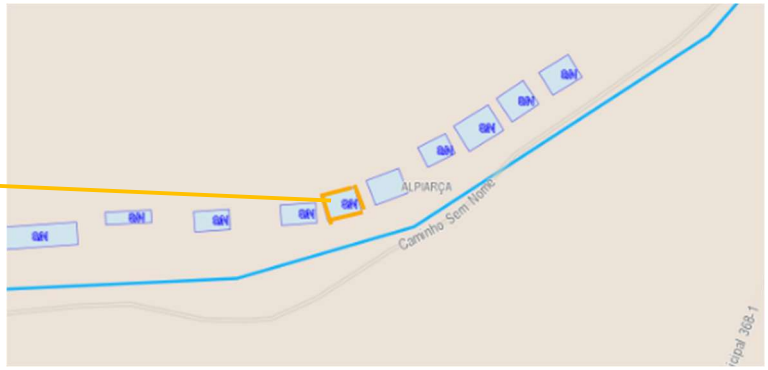
Ficha de levantamento de habitação avieira por assentamento

Durante o decorrer da investigação, sentimos necessidade de criar fichas de levantamento para identificar as informações referentes às habitações, suas tipologias, localização, habitantes, estado de conservação, tendo as mesmas sido preenchidas no local, com informação recolhida através de entrevistas aos habitantes locais ou familiares próximos (à exceção do assentamento do Patacão), e levantamento feito no local, sendo a sua configuração original a seguinte:

LOCALIZAÇÃO	
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	
FOTOGRAFIAS	
LEVANTAMENTO	
RELAÇÃO COM O SOLO	
ÁREAS E DIMENSÕES	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	
AGREGADO FAMILIAR	
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	
PROCESSO CONSTRUTIVO/MATERIAIS	
INFORMAÇÕES	
PATOLOGIAS	
PROPRIETÁRIO	

LOCALIZAÇÃO	Patacão
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.29785773853149, -8.581153542492356

CASO DE ESTUDO



FOTOGRAFIAS

ALÇADO PRINCIPAL



CHAMINÉ EM ALVENARIA

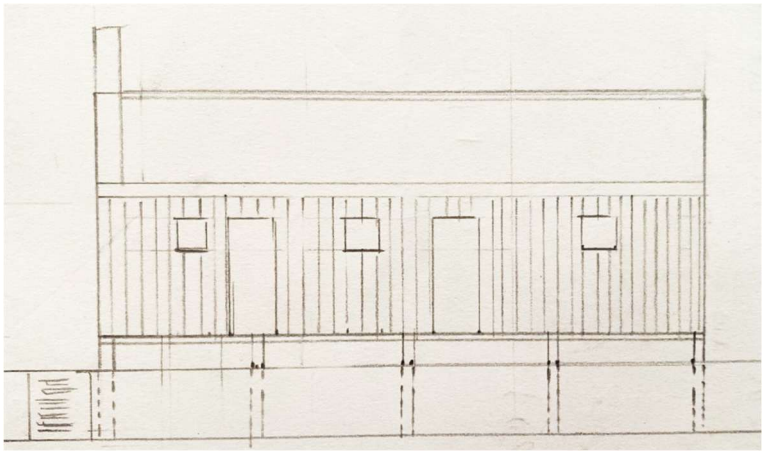


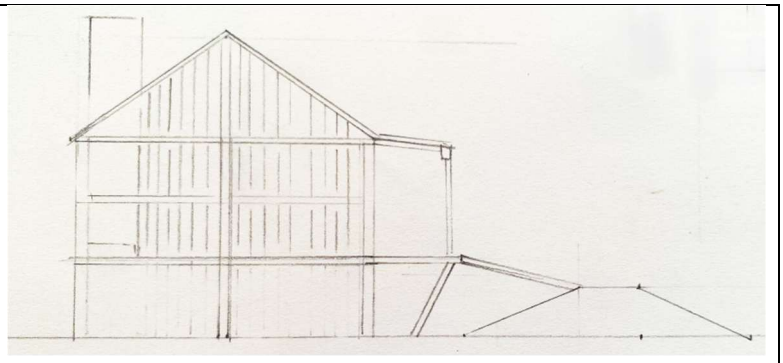
ALPENDRE



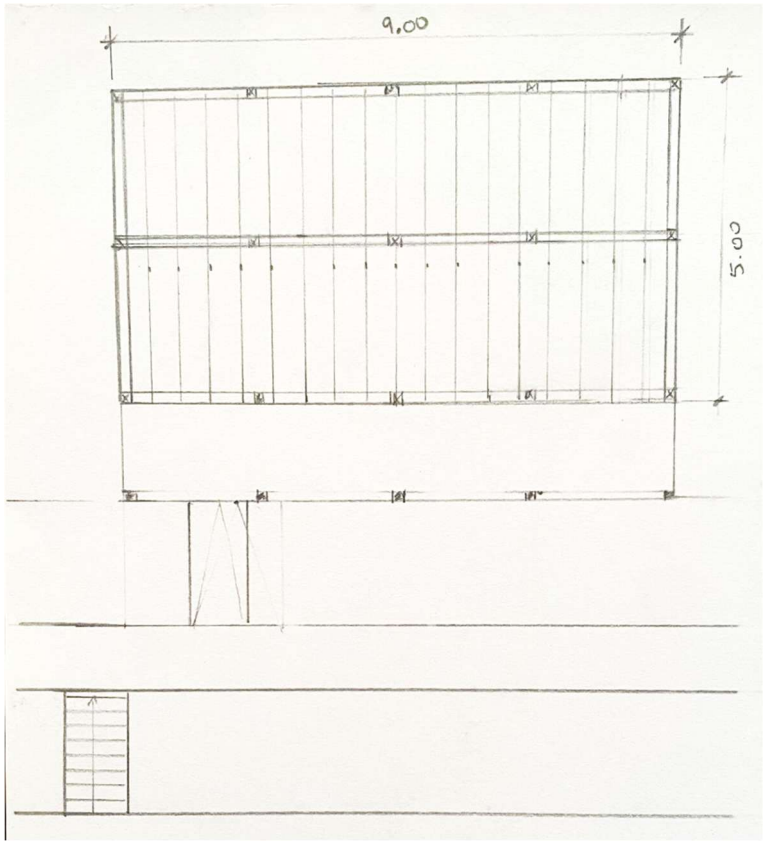
ALÇADO POSTERIOR



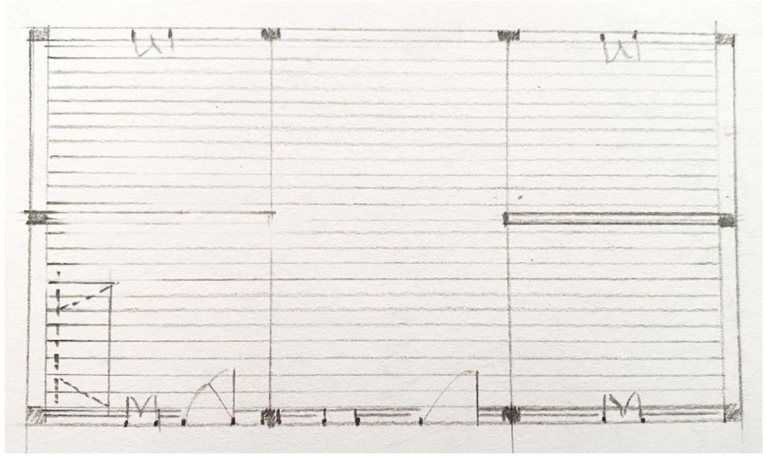
ESTRUTURA DA CASA EM MADEIRA	
ESTRUTURA DE SUPORTE EM MADEIRA E PILARES DE ALVENARIA	
LEVANTAMENTO	 ALÇADO PRINCIPAL



CORTE TRANSVERSAL

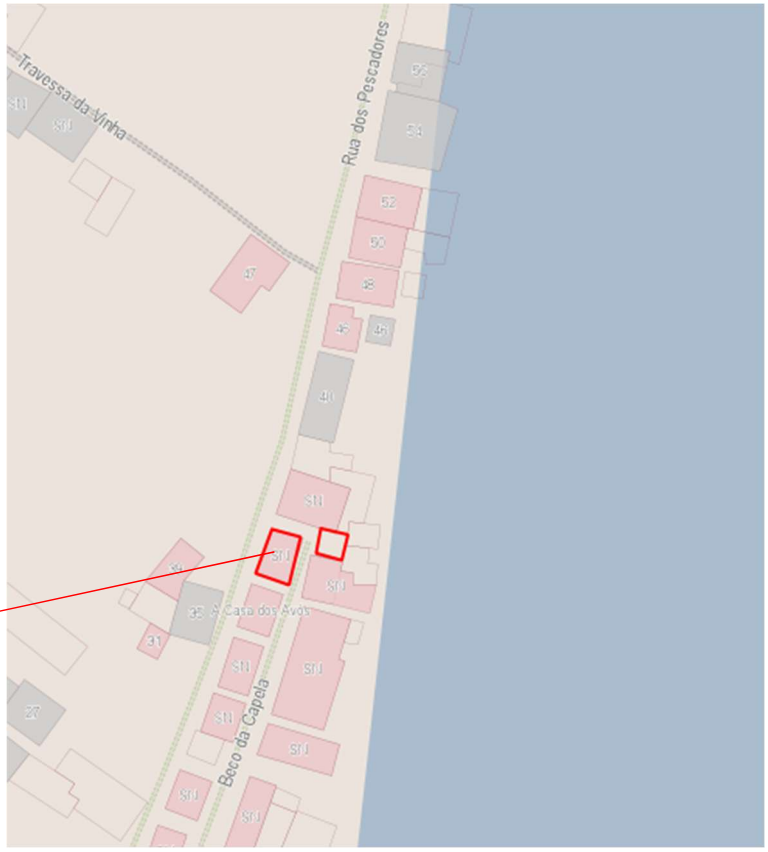


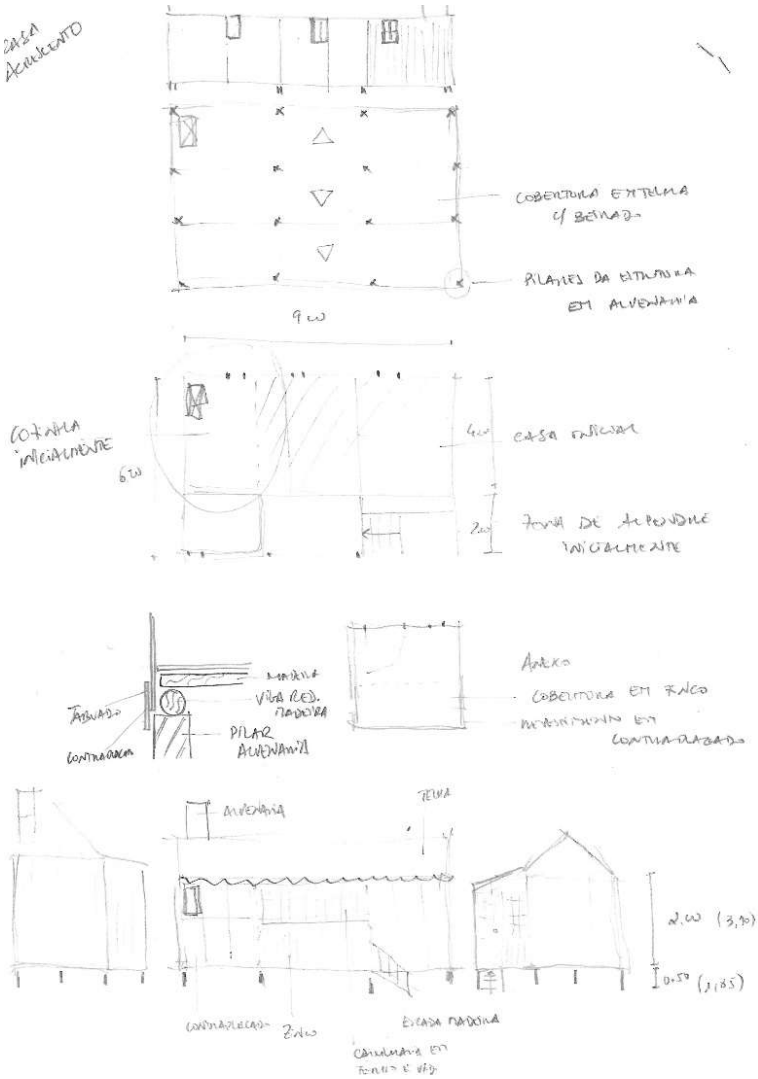
PLANTA DA ESTRUTURA



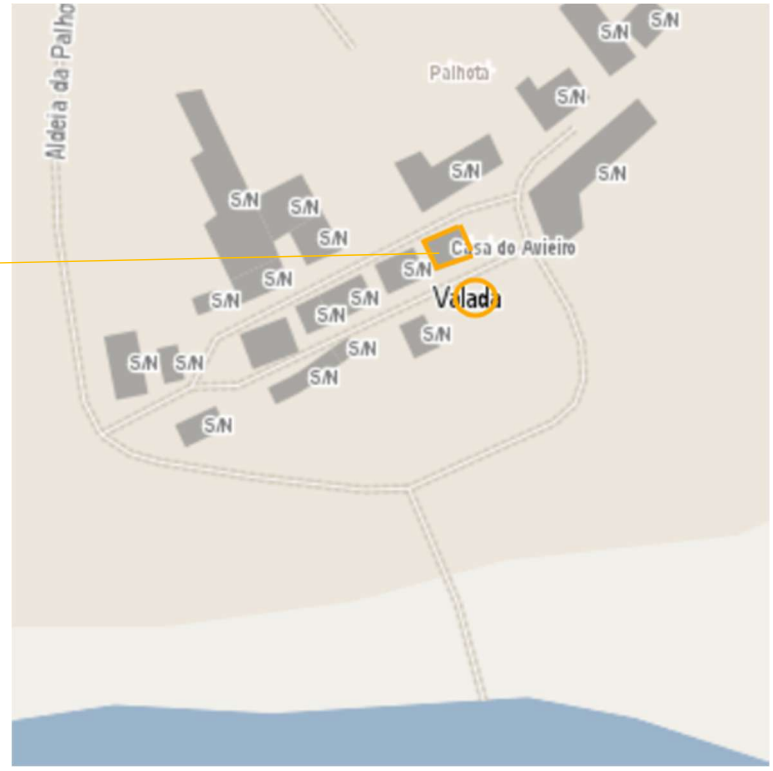
PLANTA PISO DA CASA

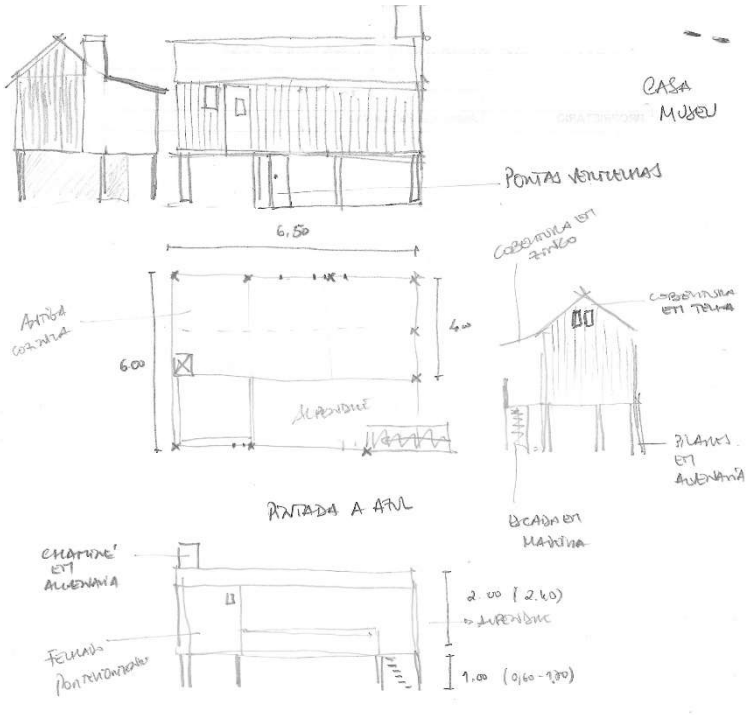
RELAÇÃO COM O SOLO	Sobre pilares de betão, com passagem em betão para o dique
ÁREAS E DIMENSÕES	Área: 45m2 Pé direito: 2m + estrutura da cobertura nos espaços onde não há teto
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Degradado Abandonado
AGREGADO FAMILIAR	0
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação
PATOLOGIAS	Encontra-se extremamente degradada Está abandonada desde a época de 1980/1990 Madeiras destruídas e corroídas pelo tempo Pavimentos interiores inexistentes ou degradados Coberturas destruídas e consumidas pela densa vegetação A maioria já não tem portas Vidros das janelas partidos
PROCESSOS CONSTRUTIVOS E MATERIAIS	ESTRUTURA COBERTURA – em madeira, com sistema de asnas COBERTURA – em telha cerâmica, tipo marselha TETO – sem forro ESTRUTURA DA CASA – pilares e vigas em madeira REVESTIMENTO DAS PAREDES – tabuado de madeira aplicado na vertical PAVIMENTO – tabuado de madeira COR DAS PAREDES EXTERIORES – verde COR NO INTERIOR – sem forro, pelo que está em madeira à vista BEIRADO – feito com a continuação da telha do telhado JANELAS – caixilharia em madeira, janela de duas folhas, de batente, em madeira e vidro DIVISÕES – cozinha, sala e dois quartos COZINHA – no interior da casa, com chaminé de alvenaria CASA DE BANHO – não conseguimos encontrar nenhuma casa com casa de banho, pelo que supomos que fosse na rua ESCADAS DE ACESSO – no dique, seguidos de passagem em alvenaria para o alpendre ALPENDRE – estrutura de pilares inclinados, feito com madeira, e com guarda também em barrotes de madeira
INFORMAÇÕES	
PROPRIETÁRIO	Abandonada

LOCALIZAÇÃO	Caneiras - Beco da Capela, S/N (Vermelha e Branca)
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS) + PLANTA LOCALIZAÇÃO WEBSIG **CASO DE ESTUDO**	39°11'27.8"N 8°41'03.5"W 
FOTOGRAFIAS ALÇADO PRINCIPAL	
ALÇADO POSTERIOR	

ALÇADOS LATERAIS + ANEXO	  
LEVANTAMENTO	
RELAÇÃO COM O SOLO	CASA: sobre pilares de alvenaria e escada exterior de madeira COZINHA: ao solo
ÁREAS E DIMENSÕES	Área: 36m2 Pé direito: 2m + estrutura da cobertura
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Degradado/desabitada
AGREGADO FAMILIAR	0

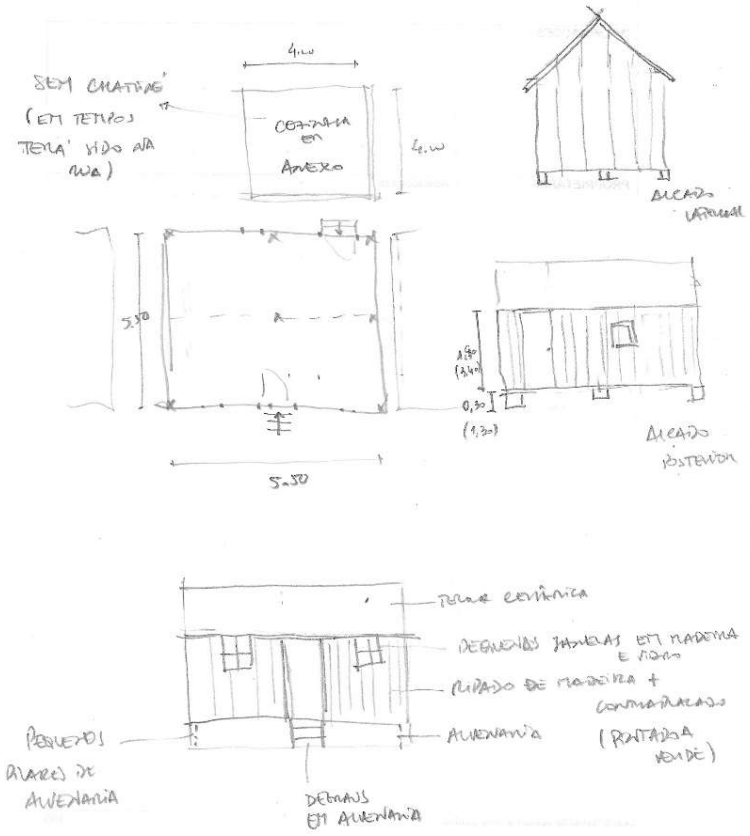
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação + cozinha em anexo
PROCESSO CONSTRUTIVO/MATERIAIS	ESTRUTURA COBERTURA – em madeira, com sistema de asnas COBERTURA – telha cerâmica tipo lusa TETO – sem acesso ESTRUTURA DA CASA – pilares e vigas em madeira REVESTMENTO DAS PAREDES – tabuado de madeira, chapa de zinco e placas de contraplacado PAVIMENTO – sem acesso COR DAS PAREDES EXTERIORES – vermelho e branco COR NO INTERIOR – sem acesso BEIRADO – feito com a continuação da telha da cobertura JANELAS – caixilharia em madeira, janela de duas folhas, de batente, em madeira e vidro DIVISÕES – casa de banho, sala, dois quartos e marquise COZINHA – seria inicialmente encostada à casa, mas está fora da casa principal, em anexo, no lado oposto da rua (construída e pintada à semelhança da casa) CASA DE BANHO – feita posteriormente no alpendre ESCADAS DE ACESSO – de madeira com ligação ao alpendre de acesso à casa ALPENDRE – fechado posteriormente, onde foi feita a casa de banho
INFORMAÇÕES	 
PATOLOGIAS	Encontra-se parcialmente alterada, mas está desabitada Madeiras de revestimento exterior substituídas por chapas de zinco e placas de contraplacado Alpendre fechado, tipo marquise Caixilharia de alumínio e ferro
PROPRIETÁRIO	Abandonado

LOCALIZAÇÃO	Palhota
ORIENTAÇÃO **(coordenadas GPS)** CASO DE ESTUDO	39.06200239025563, -8.776950318996832 
FOTOGRAFIAS ALÇADO PRINCIPAL ALÇADO POSTERIOR	 

LEVANTAMENTO	
RELAÇÃO COM O SOLO	Sobre pilares de betão
ÁREAS E DIMENSÕES	Área: 39m2 Pé-direito: 2m + estrutura da cobertura
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Reabilitado para ser casa-museu, mas encontra-se com sinais de abandono
AGREGADO FAMILIAR	0
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Musealizado Casa-museu (antiga casa onde viveu Alves Redol, aquando da sua pesquisa para o livro *Avieiros*)
PROCESSO CONSTRUTIVO/MATERIAIS	ESTRUTURA COBERTURA – em madeira, com sistema de asnas COBERTURA – telha cerâmica, tipo marselha TETO – sem acesso ESTRUTURA DA CASA – pilares e vigas em madeira REVESTIMENTO DAS PAREDES – tabuado de madeira PAVIMENTO – sem acesso COR DAS PAREDES EXTERIORES – azul, vermelho e branco COR NO INTERIOR – sem acesso BEIRADO – feito com a continuação da estrutura da cobertura, mas coberto com zinco JANELAS – caixilharia em madeira, janela de uma ou duas folhas, de batente, em madeira e vidro DIVISÕES – cozinha, sala, quartos e casa de banho COZINHA – na casa principal com chaminé de alvenaria CASA DE BANHO – feita posteriormente no alpendre ESCADAS DE ACESSO – em madeira, de acesso ao alpendre

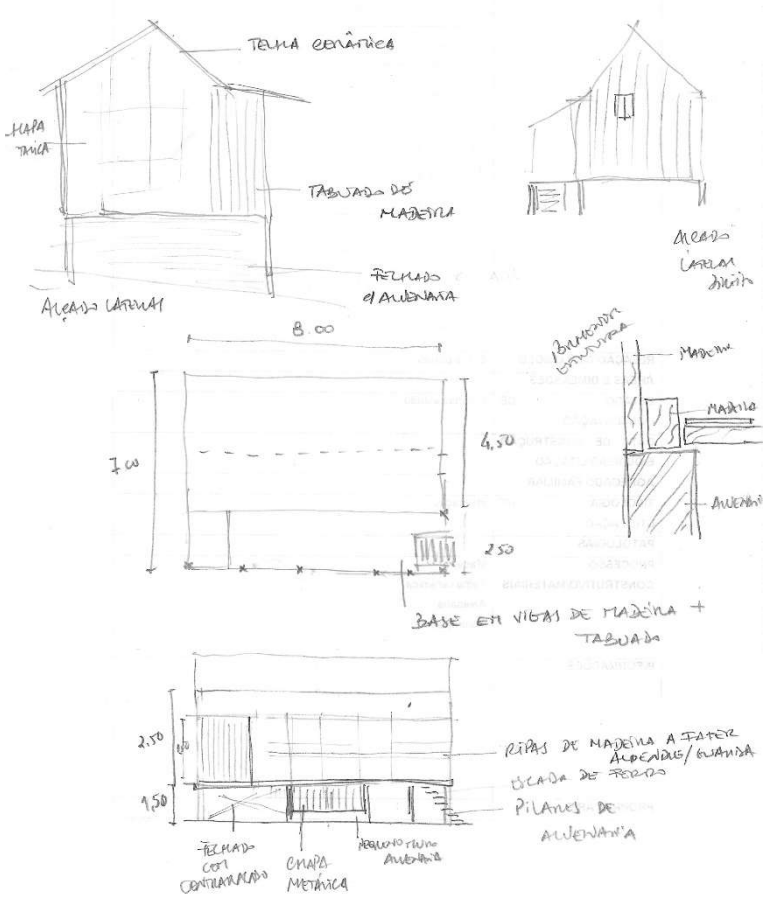
	ALPENDRE – sobre pilares de alvenaria, mas com estrutura do pavimento em madeira, bem como a guarda
PATOLOGIAS	Encontra-se reabilitada, mas sem sinais de manutenção Parcialmente encerrada ao nível do piso térreo Alpendre fechado para construção de casa de banho
INFORMAÇÕES	 Imagem onde é possível ver o alpendre ainda aberto do lado esquerdo, bem como a casa ao nível do piso térreo  Imagem onde podemos verificar que o alpendre foi encerrado para criar uma casa de banho
PROPRIETÁRIO	Associação Palhota Viva

LOCALIZAÇÃO	Escaroupim
ORIENTAÇÃO **(coordenadas GPS)** CASO DE ESTUDO	39.066816561142076, -8.756226907915494 
FOTOGRAFIAS ALÇADO PRINCIPAL	
ALÇADO POSTERIOR	

	
LEVANTAMENTO	
RELAÇÃO COM O SOLO	Sobre pequenos pilares fechados (praticamente ao solo)
ÁREAS E DIMENSÕES	Área: 30.25m2 Pé direito: 2m + altura da estrutura da cobertura
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Abandonado
AGREGADO FAMILIAR	0
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação
PROCESSO CONSTRUTIVO/MATERIAIS	ESTRUTURA COBERTURA – em madeira, com sistema de asnas COBERTURA – em telha cerâmica, tipo marselha

	TETO – sem acesso ESTRUTURA DA CASA – pilares e vigas de madeira REVESTIMENTO DAS PAREDES – tabuado de madeira PAVIMENTO – tabuado de madeira COR DAS PAREDES EXTERIORES – verde COR NO INTERIOR – sem acesso BEIRADO – não tem JANELAS – caixilharia em madeira, janela de uma ou duas folhas, de batente, em madeira e vidro DIVISÕES –sala e quartos COZINHA – fora da casa principal, em anexo, construída nas traseiras da casa CASA DE BANHO – sem acesso ESCADAS DE ACESSO – três degraus ALPENDRE – não tem
PATOLOGIAS	Encontra-se abandonada Madeiras de revestimento exterior com sinais de degradação
INFORMAÇÕES	
PROPRIETÁRIO	Abandonada

LOCALIZAÇÃO	Porto da Palha
ORIENTAÇÃO (coordenadas GPS)	39.04630666030263, -8.812945000165746
CASO DE ESTUDO	
FOTOGRAFIAS	
ALÇADO PRINCIPAL	
ALÇADOS LATERAIS	 

LEVANTAMENTO	
RELAÇÃO COM O SOLO	Sobre pilares de alvenaria
ÁREAS E DIMENSÕES	Área: 56m2 Pé direito: 2.50m + estrutura da cobertura
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Em mau estado
AGREGADO FAMILIAR	Sem acesso
TIPOLOGIA DE UTILIZAÇÃO	Habitação
PROCESSO CONSTRUTIVO/MATERIAIS	ESTRUTURA COBERTURA – em madeira, com sistema de asnas COBERTURA – telha cerâmica, tipo marselha TETO – sem acesso ESTRUTURA DA CASA – pilares e vigas de madeira REVESTIMENTO DAS PAREDES – tabuado de madeira PAVIMENTO – tabuado de madeira COR DAS PAREDES EXTERIORES – azul, vermelho e branco COR NO INTERIOR – sem acesso BEIRADO – feito com a continuação da telha cerâmica da cobertura JANELAS – caixilharia em madeira, janela de uma ou duas folhas, de batente, em madeira e vidro DIVISÕES – sala e quartos

	COZINHA – fora da casa principal, em anexo, no lado oposto da rua (pintada à semelhança da casa) CASA DE BANHO – sem acesso ESCADAS DE ACESSO – em ferro, de acesso ao alpendre ALPENDRE – parcialmente fechado, com estrutura de madeira, e aguarda no mesmo material
PATOLOGIAS	Encontra-se degradada, e bastante alterada no que diz respeito aos materiais de revestimento exterior das paredes Algumas madeiras substituídas por placas de contraplacado e de zinco Pavimentos interiores inexistentes ou degradados Piso térreo parcialmente fechado com alvenaria, madeira e chapas metálicas
INFORMAÇÕES	 Imagem onde é possível ver a estrutura da casa em madeira
PROPRIETÁRIO	